

HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL

1

*Cotidiano e vida privada
na América portuguesa*

CADERNO DE IMAGENS

Coordenação geral da coleção
FERNANDO A. NOVAIS

Organizadora de volume
LAURA DE MELLO E SOUZA

1

CONDIÇÕES DA PRIVACIDADE
NA COLÔNIA

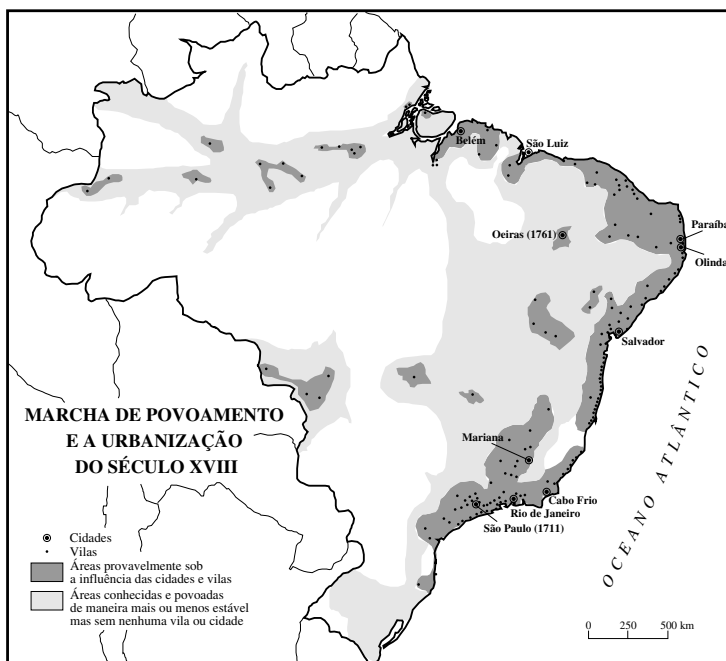
Fernando A. Novais

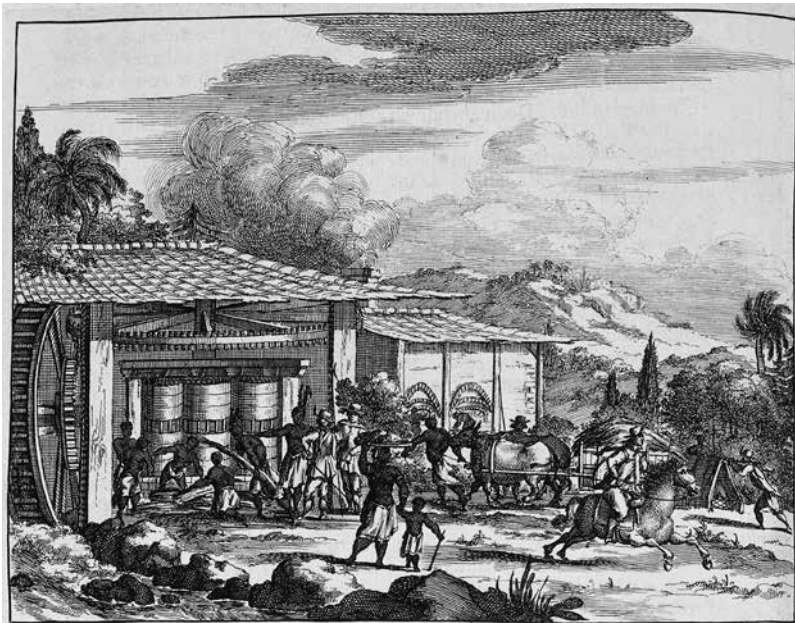
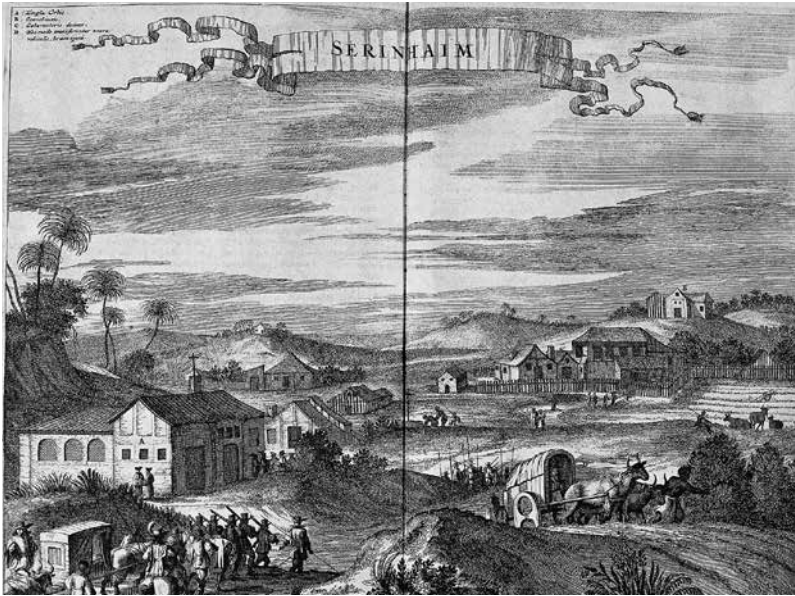


1

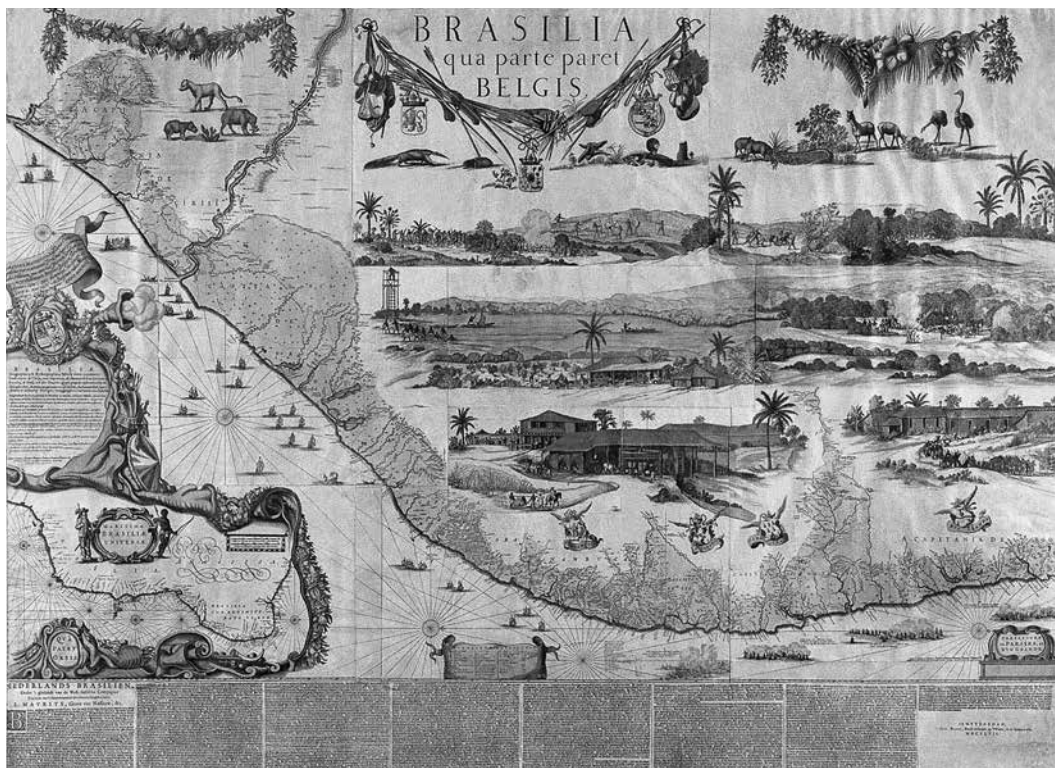


2

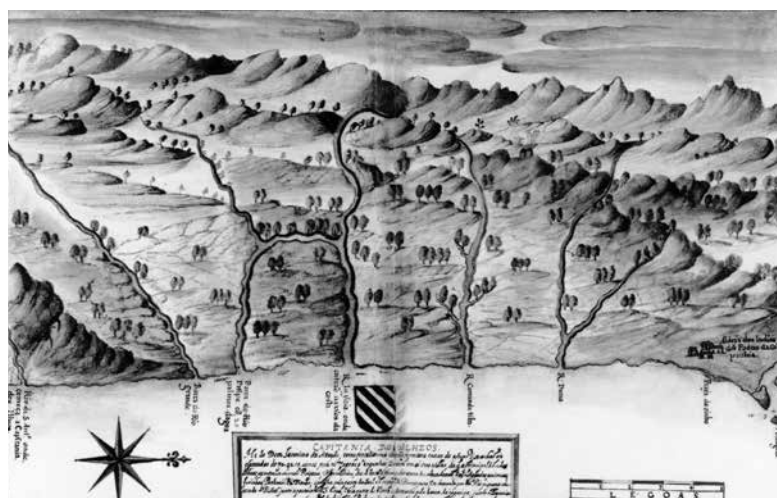




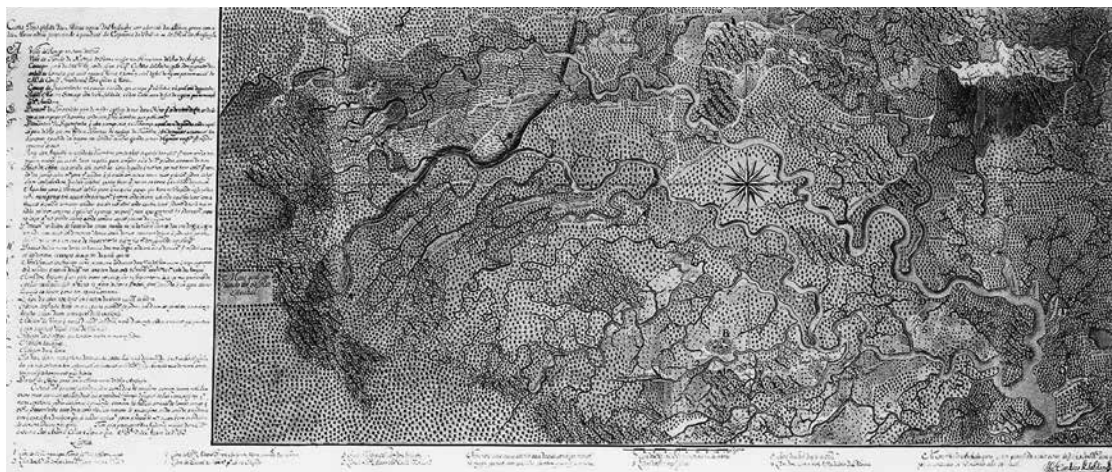
4, 5. O Engenho de Serinhaém, plantation típica. (4. Serinhaém, século XVII;
5. Fábrica de engenho, século XVII)



6. O trabalho e a natureza se interpenetram, os homens se dispersam: a descontiguidade acha-se presente nas representações cartográficas. (Joan Blaeu, Mapa, Holanda, século XVII)



7. O mapa seiscentista atesta o isolamento, a desolação e a descontiguidade da vida na Colônia. (Atlas de João Teixeira Albernaz, 1631)



Carta Topografica das Minas novas do Araguahy com aditivas das Minas gerizes com a das Minas novas pertencendo à jurisdicção da Capitania da Bahia as do Rio do Araguae.

- A.** Villa do Principe no Serro do Fazio.
B. Villa do Tanado de N. Sr. de Bom successo nas Minas novas do Rio do Araguahy.
C. Contagem junto da dita Villa aonde reside o Cap. Custodio da Rocha, zeloso administrador de ambas as Contagens que estão novas e Minas, e tambem seve de fiel do registro por nomeação do M. de Camp. Inuendore Pedro Calmo Mariz.
D. Contagem da Sequerinhonha na passage e estrada, que se segue p. a Bahia, na qual está de guarda Rafael e Martinz Santiago com hum Soldado; e o dito Cabo seve de fiel do registro por nomeação do d. Intendente.
E. Devaçam. da Jamarandiba a fim de impedir a passage do ouro das Minas p. a do Serro do Fazio, aonde de tem se vey empregos em diamantes, sendo certo q. hoje se vendem quasi publicam.
F. Devaçamento na Sequerinhonha, q. cobre o corno secco, e a Tubatinga, o qual seve de guarda a toda a quella parte de Rio, que corre desde a Tubatinga até a passage da Tucumbira, a fim de impedir a exeraçao dos diamantes, e a saída dos viajores por estradas occultas fazendo as mais diligencias necess. p. impedir o extravio do ouro.
G. Passagem do Araguahy na estrada da Tucumbira, aonde estão de guarda dous sold. p. terem sentido nas picadas occultas que se sabe haver na quella parte, e impedir o ouro das p. picadas, e extravio do ouro.
H. Passagem dos Tocantins, cuja estrada está prohibida: Carre de guarda á nas tem nor nas haver sold. p. tomar:

8, 9. “O sertão, em que se vão achando as pedras acima ditas, é vastissimo, e convém fazer-se nele um exame muito particular [...], porém o gentio é muito, e agora que está escandalizado se mostra cada vez mais feroz”: as legendas que acompanhavam os mapas de novas lavras descobertas evidenciam o confronto sempre presente nas regiões remotas sobre as quais avançava a colonização. (Mapa de lavras em Minas Gerais, século XVIII)



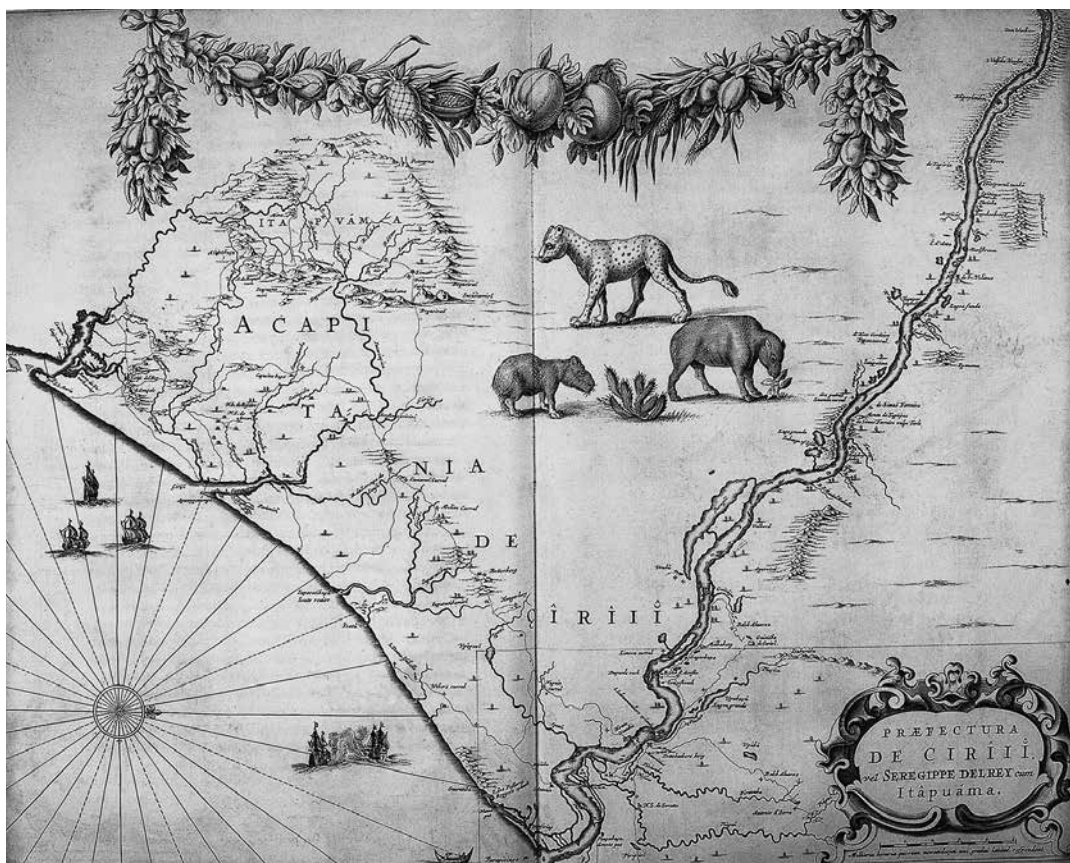
10, 11. Na paisagem longínqua, o isolamento em que viviam os colonos. (10. Frans Post, Paisagem rural; 11. Frans Post, Paisagem com rio e floresta, século XVII)



12. A imagem da pequena cidade perdida na imensidão do território reforçava a sensação de isolamento. (Olinda, século XVII)



13. Frontispício do Regimento do Santo Ofício da Inquisição, de 1640 (Portugal)

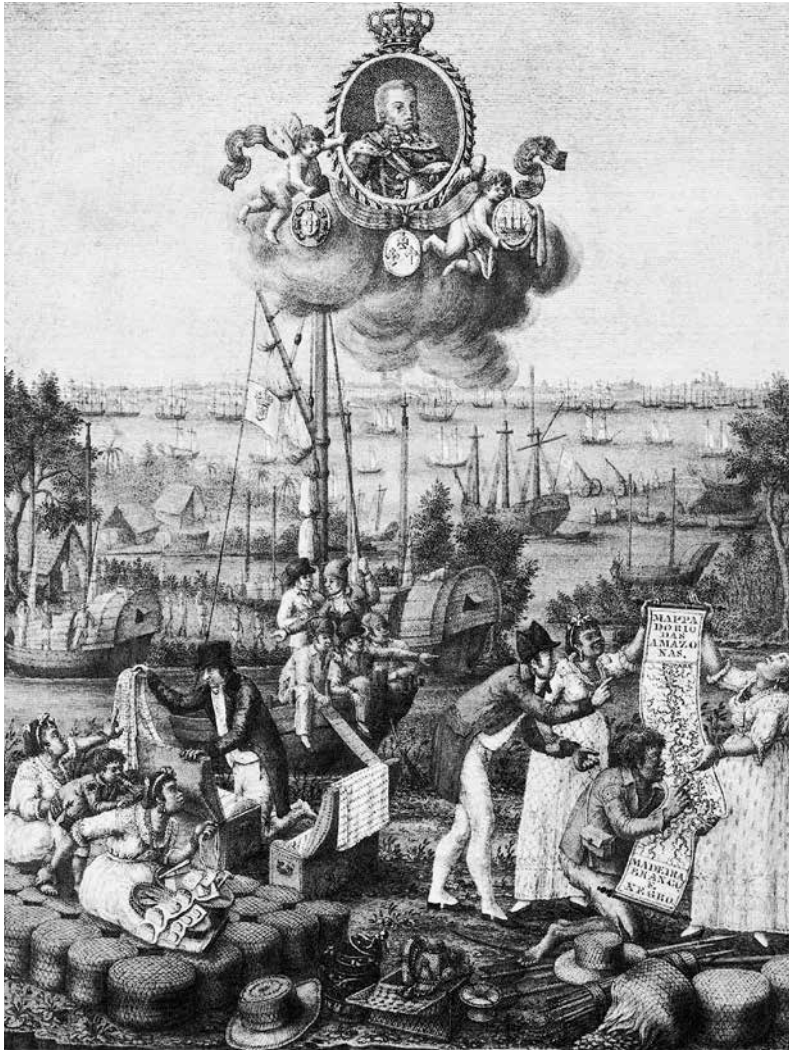


14. A capitania de Sergipe vista por olhos europeus. (Frans Post, Ceará e Sergipe del Rey, século XVII)

2

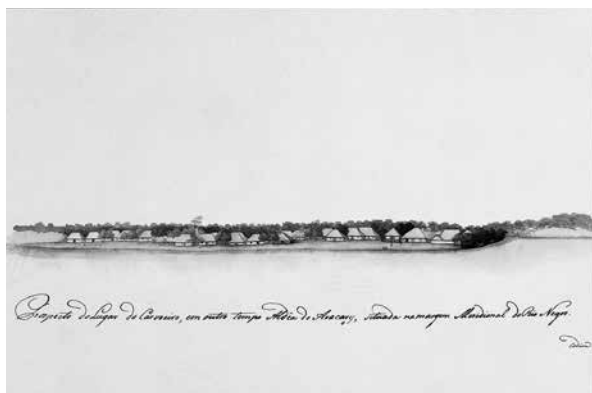
FORMAS PROVISÓRIAS
DE EXISTÊNCIA:
A VIDA COTIDIANA NOS
CAMINHOS, NAS FRONTEIRAS
E NAS FORTIFICAÇÕES

Laura de Mello e Souza

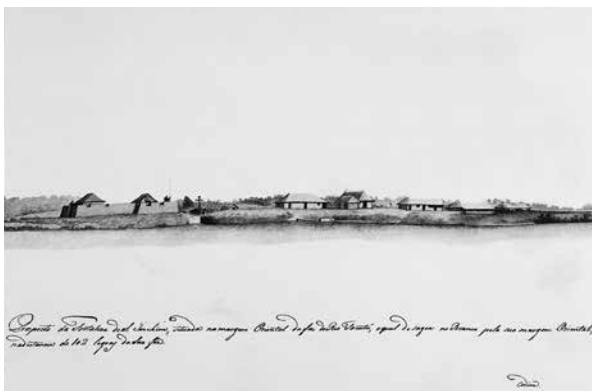


1. *Os preparativos para a partida de uma expedição científica. (Frontispício da Viagem filosófica às capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá [1783-92])*

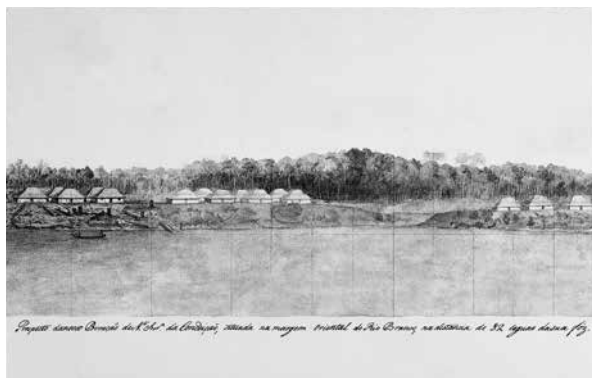
2



3



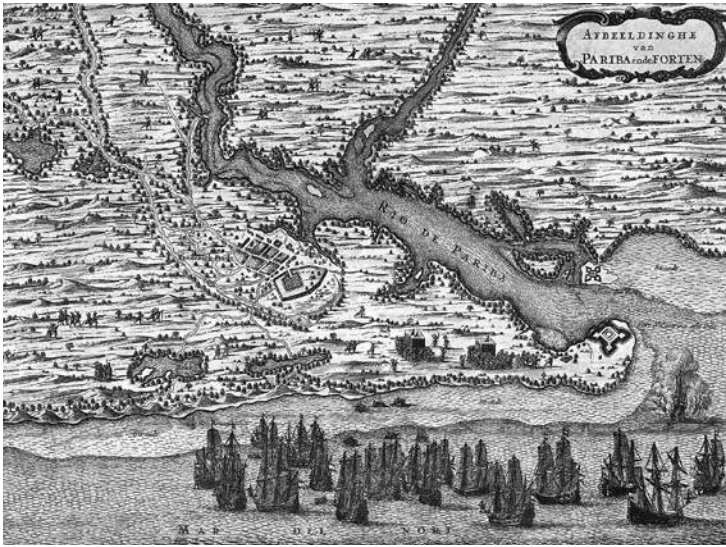
4



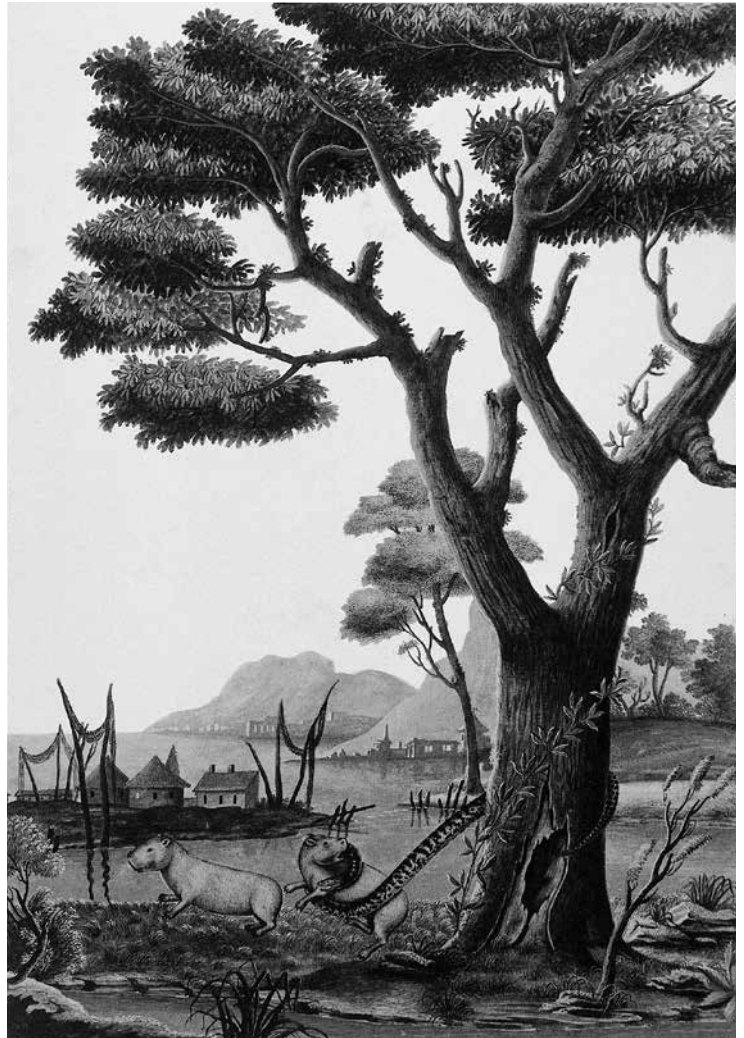
5



2, 3, 4, 5. “Foi nos espaços abertos e nas zonas distantes que se passou boa parte da história da colonização lusitana na América.” (2. Prospecto de Carvoeiro, século XVIII; 3. Prospecto da Fortaleza de São Joaquim, século XVIII; 4. Povoação de Nossa Senhora, Rio Branco, século XVIII; 5. Prospecto do Lugar de Nossa Senhora do Loreto de Maracabi, século XVIII)



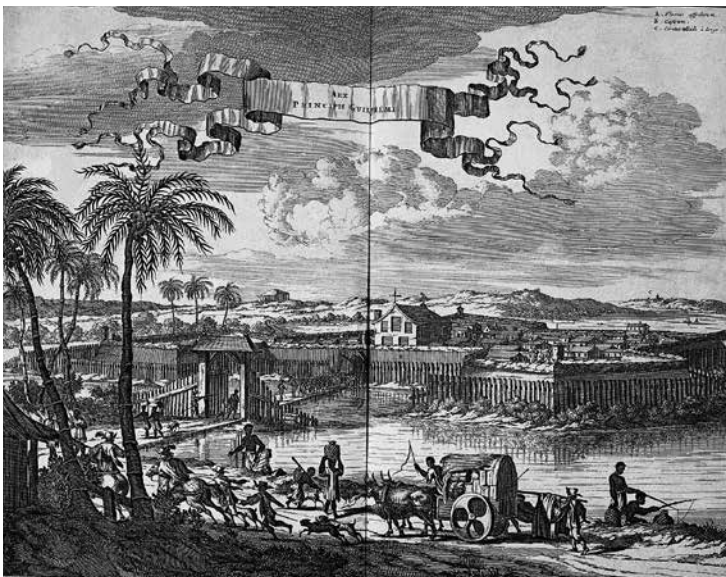
6. Para os soldados em serviço, a desolação dos espaços abertos e os limites das fortalezas eram o palco habitual da vida cotidiana. (Mapa do cabo de Santo Agostinho no século XVII)

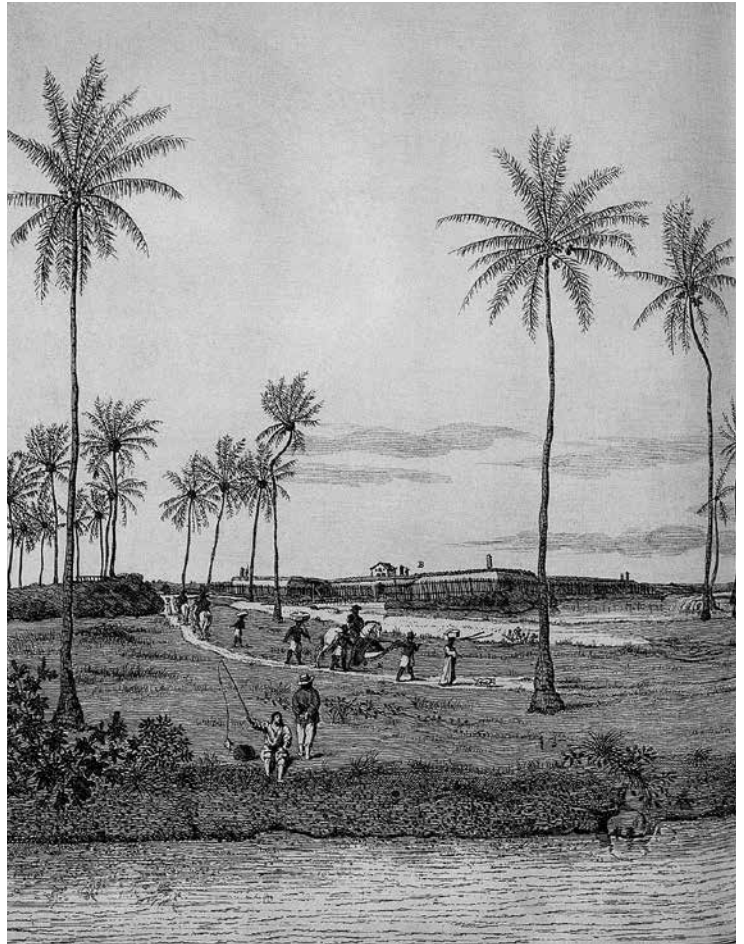


7. Nas habitações improvisadas que se perdiam no território, os homens dividiam o dia a dia com os bichos. (Capivara, século XVIII)

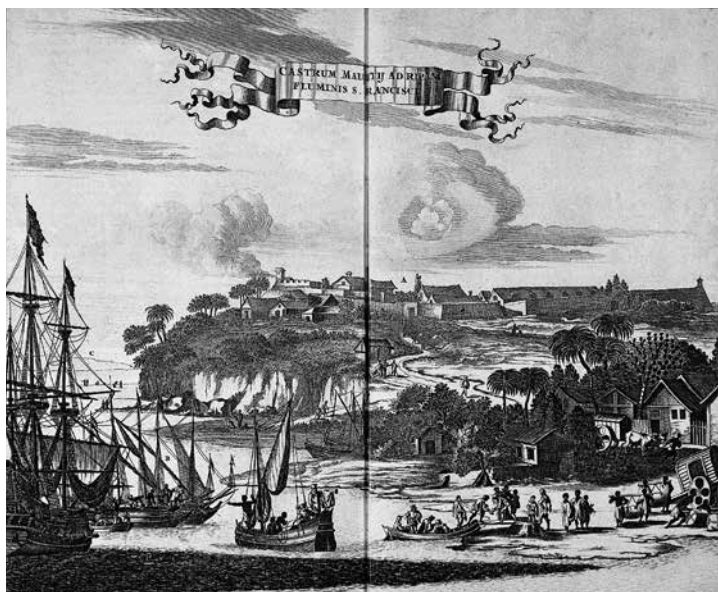


8. *Em solo americano, os europeus adotam hábitos indígenas, como a técnica de travessia dos rios aqui representada, e própria dos guaicurus. (Índios guaicurus atravessando o rio, século XVIII)*

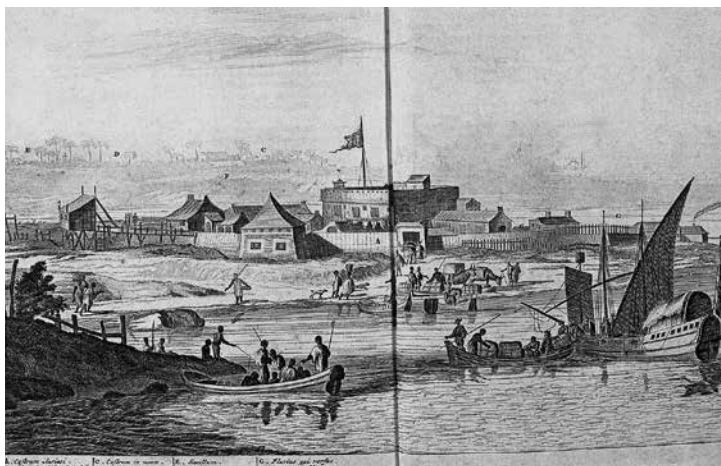




9, 10, 11. O cavalo, o carro de boi, a rede: formas de locomoção no Nordeste holandês, comuns a toda a América portuguesa. (9, 11. Arx Principis Guillelmi, século XVII; 10. Serinhaém, século XVII)



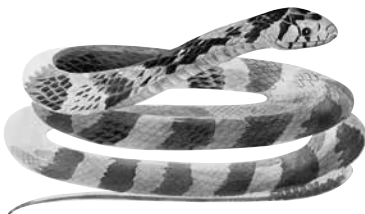
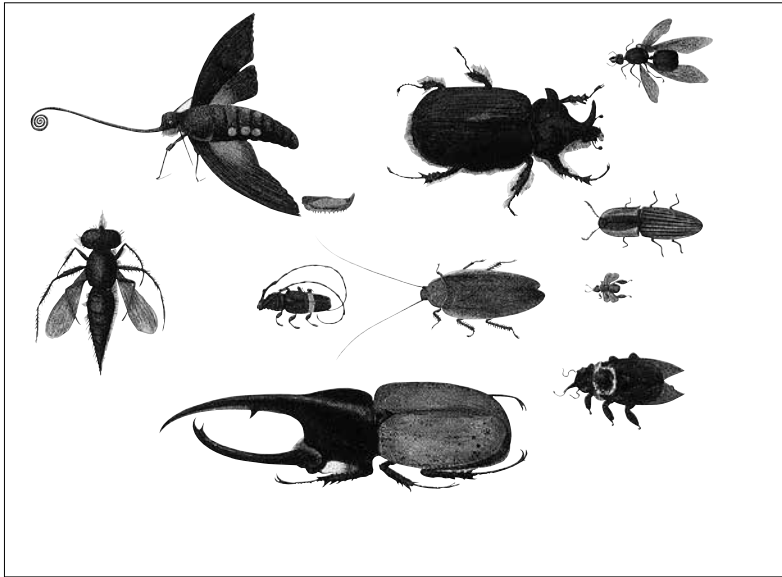
12, 13. *A importância do abastecimento fluvial na vida da Colônia. (12. Castrum, século XVII; 13. Itamaracá, século XVII, detalhe)*



14. *A árvore, enorme, serve de abrigo momentâneo a guerreiros em descanso: os holandeses não se cansaram de opor a pequenez dos homens à imponência da paisagem. (Porto Calvo, século XVII, detalhe)*



15, 16. “As mais variadas castas de animais povoavam o cotidiano sertanejo”; insetos e vermes contavam-se entre os mais incômodos e indesejados. (15. Larvas de lepidópteros, século XVIII; 16. Zacharias Wagener, sem título, século XVII)



17. Não seriam diferentes desta, representada por Debret, as cobras a que se refere o texto. (Jean-Baptiste Debret, Cobra caninana)

18. Os santos óleos portáteis serviam para que os eclesiásticos ministrassem a extrema-unção nos locais distantes. (Século XVIII)



19. Além dos remédios, os santos também ajudavam nas curas: “Prodigiosas mercês e milagres que tem feito a Virgem Nossa Senhora dos Remédios a seu devoto Agostinho Pereira da Silva assim em secular como depois de ser sacerdote. Saindo de sua terra a cidade de Lamego para se embarcar para o Brasil. Se encomendou à mesma Senhora em uma capelinha que fica logo fora da cidade, e chegando às Minas se meteu ao sertão a buscar fortuna e nele foi mordido de uma cobra e acometido de duas medonhas, e no mesmo sertão esteve morto à fome, à sede, e outros camaradas sem esperança de vida, e depois disto escapou de ser morto que à traição o quiseram matar os paulistas e por estes e muitos mais sucessos prometeu à sua Santíssima Patrona a Senhora dos Remédios de entrar no Seminário de Belém para a servir no estado sacerdotal e depois de ser sacerdote estando já desenganado de que morria em uma grande enfermidade sem se poder ter em pé só encostado em uma muleta, com uma grande chaga em uma perna a Senhora dos Remédios lhe deu saúde, e para memória mandou aqui pôr este painel no ano de 1749”. (Ex-voto mandado fazer por Agostinho Pereira da Silva, 1749, Salvador)



20. Altar para celebrar missas usado em viagens marítimas do Império português — muito mais luxuoso, com certeza, do que os presentes nas expedições sertanejas da América do Sul. (Altar portátil, século XVIII, Portugal)



21. O requinte do rústico: o copo de prata com monograma era levado para as jornadas do sertão. (Século XVIII)



22. Pequeno cofre, possivelmente usado em viagens para levar os pertences dos sertanistas. (Século XVIII)



23, 24. Um belo objeto, levado nas viagens ao sertão, evocava o mundo “civilizado” e arremedava, nas lonjuras, o espaço da intimidade: é o caso desta guampa ou desta caixa de rapé, ambos em prata trabalhada. (23. Guampa, século XIX, Salvador; 24. Século XIX, Bahia)



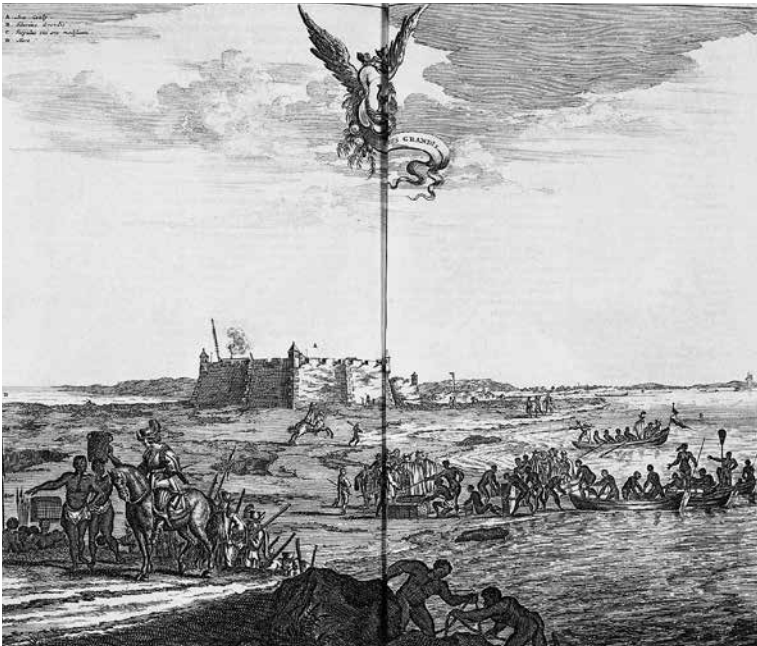
25. Caldeirão usado para cozinhar o alimento dos viajantes que iam nas monções paulistas. (Século XVII)

26. Casa onde, segundo a tradição, residia o conde de Assumar quando se encontrava na Vila do Ribeirão do Carmo, depois Mariana. (Século XVIII, Minas Gerais)





27. Arca de viagem em que seguiam os pertences dos que entravam pelo sertão. (Século XVIII)



28. A vida cotidiana numa fortificação fronteiriça do Norte. (Fluvius Grande, século XVII)



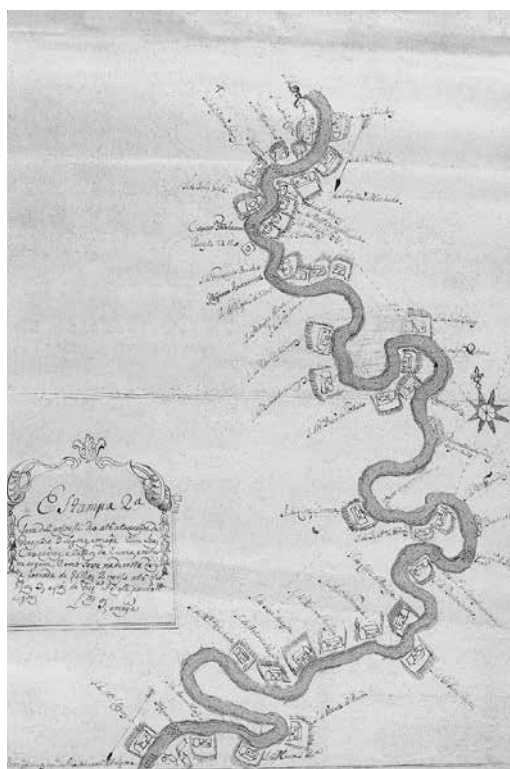
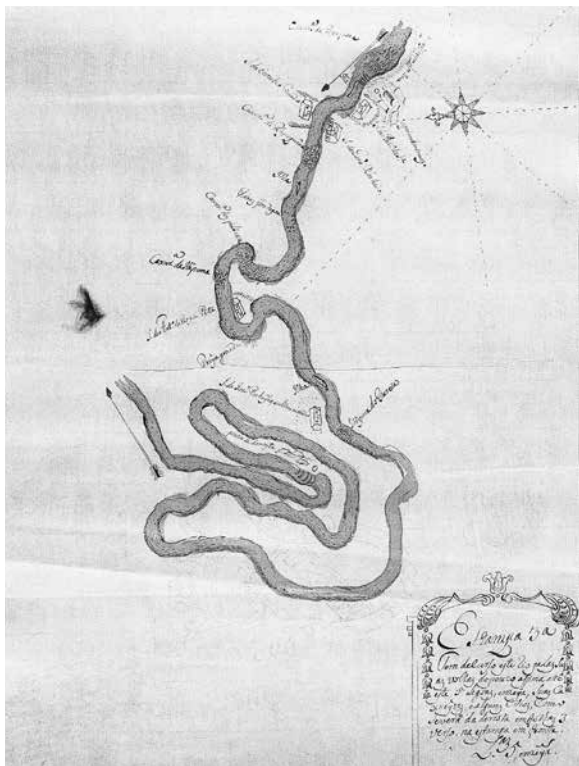
29. Os pousos sertão adentro conviviam com a vizinhança amedrontadora da onça, e a terra das cercanias via-se “revolvida pelas unhas delas, como se fora cavada com enxadas”. (Jaguarica, século XVIII)



30, 31. Para o olhar europeu, a estalagem colonial é soturna e não propícia a convívio; já sua similar portuguesa retrata cena de sociabilidade alegre e calorosa. (30. Jean-Baptiste Debret, Debret na hospedaria; 31. Cena de taverna, século XVIII, Salvador)

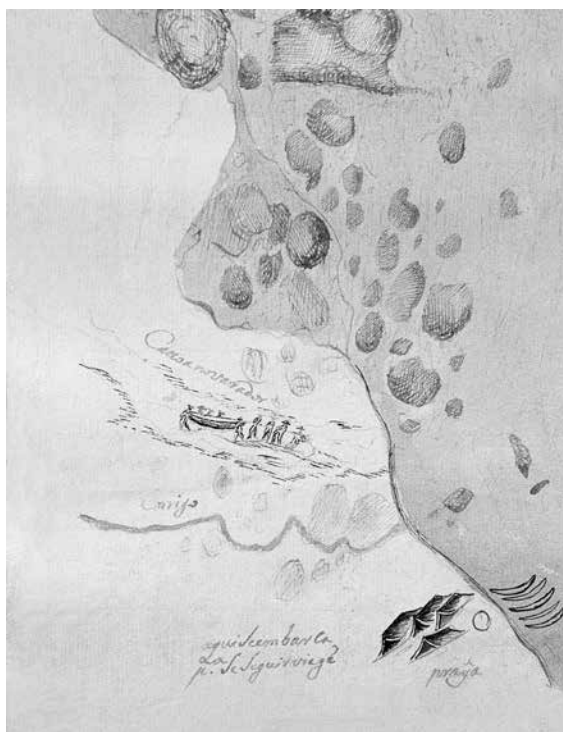


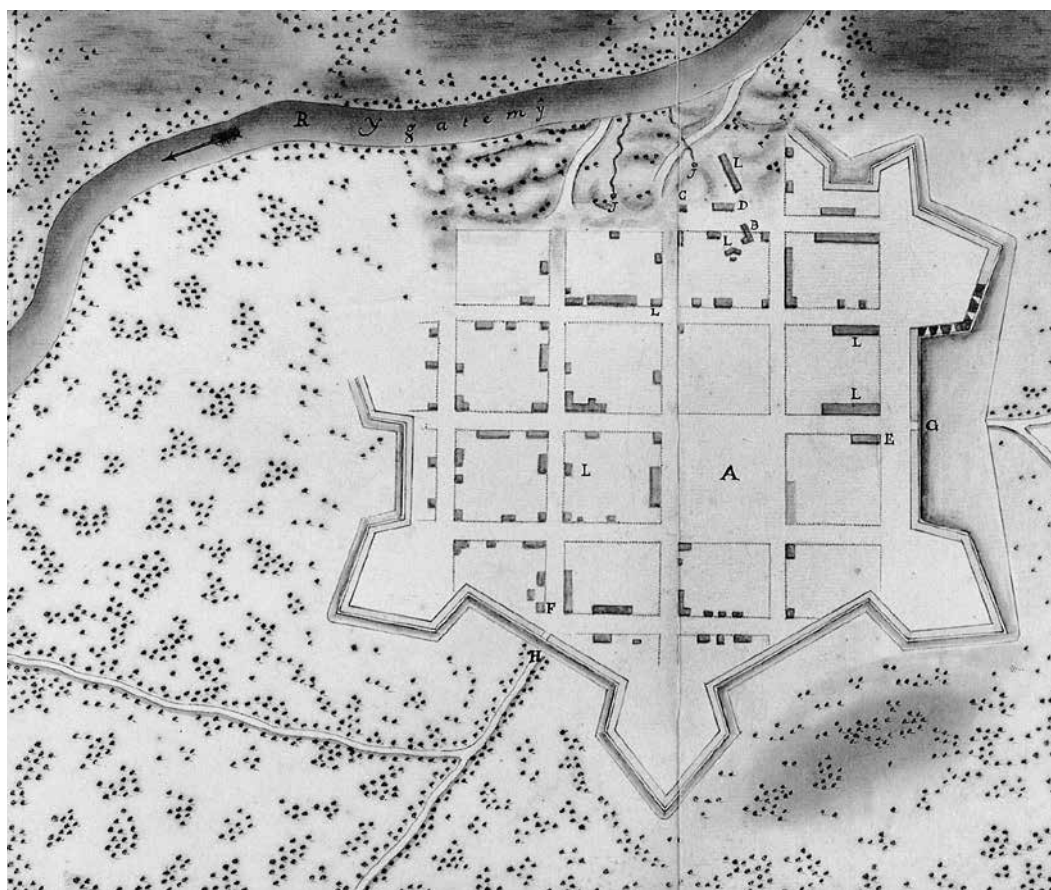
32. Um pouso rústico de tropeiros paulistas. (Jean-Baptiste Debret, Pobres tropeiros de São Paulo)



33, 34. O rio e os pousos, onde, a caminho do Iguatemi, paravam os viajantes. (33, 34. Sem título, século XVIII)

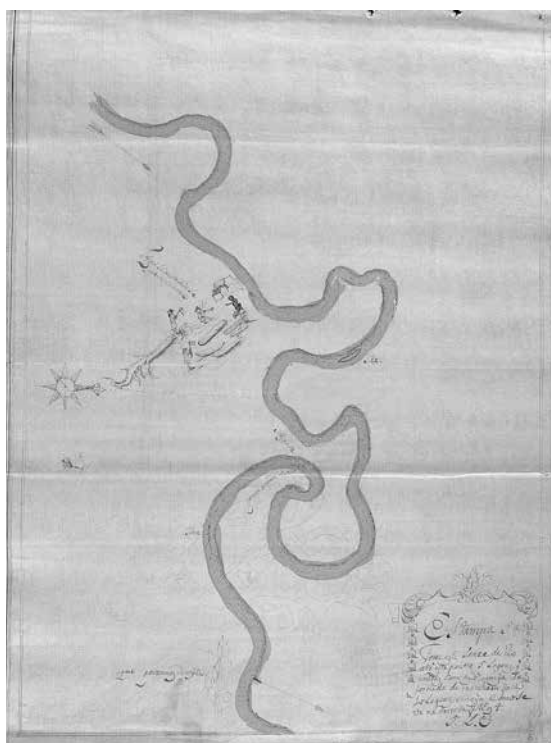
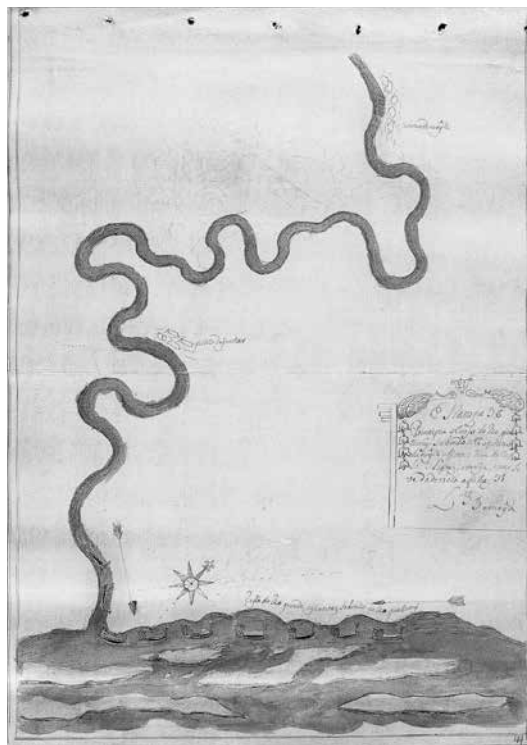
35, 36. Os ancoradouros e os vaus eram definidos em planos e esquemas que serviam para melhor guiar os viajantes. (35, 36. Sem título, século XVIII)

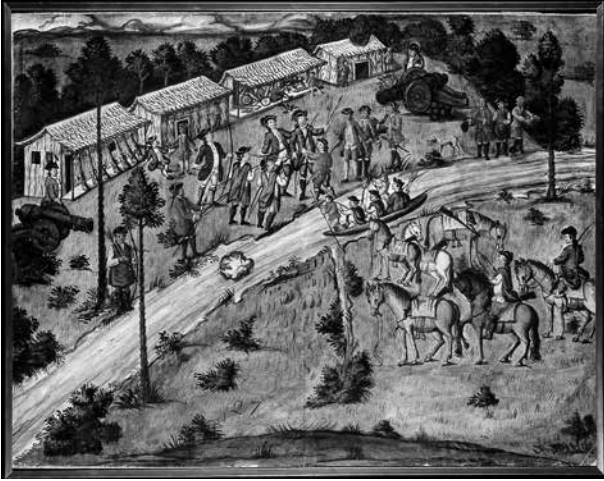




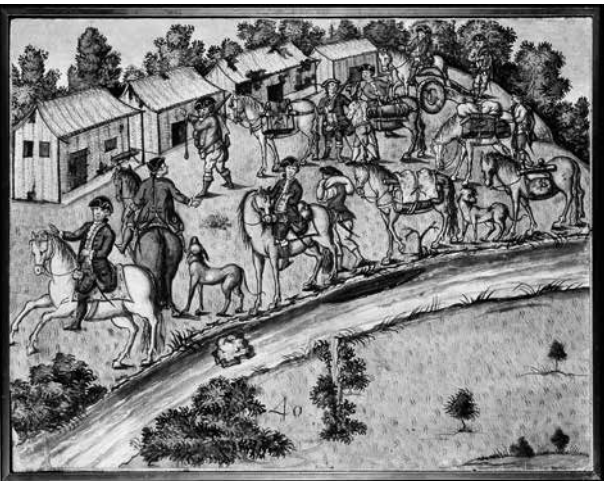
37. *A fortificação heptagonal do Iguatemi. (Demonstração da praça de Nossa Senhora dos Prazeres, século XVIII)*

38, 39. *A odisseia da viagem e a improvisação do cotidiano: as canoas sobem o rio Iguatemi.* (38, 39. Sem título, século XVIII)





40, 41, 42. Nas fronteiras do Sul da Colônia, o confronto era quase sempre a forma do contato entre as culturas. (Joaquim José de Miranda, Cena da expedição do coronel Afonso Botelho de Sampaio e Sousa, 1768-73, século XVIII)

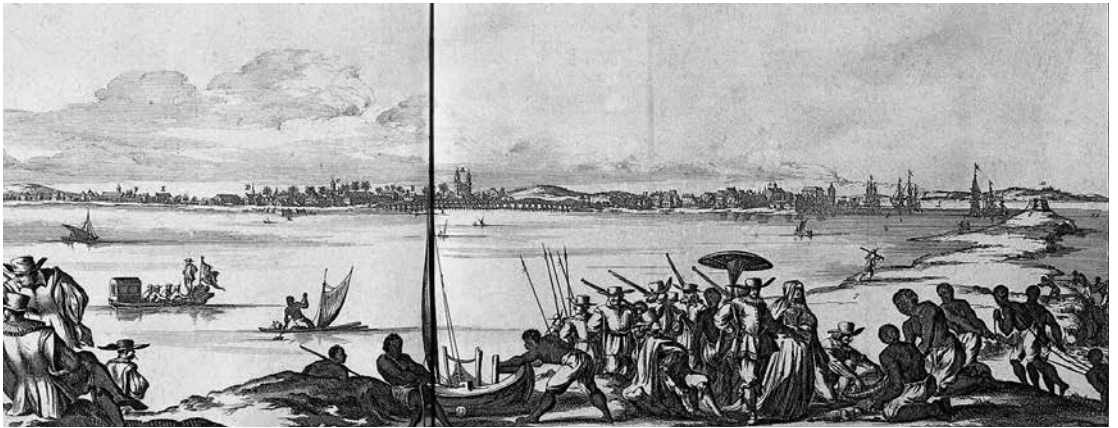


43. Sinos usados em colônias militares muito possivelmente análogos aos que existiram, décadas antes, no presídio do Iguatemi. (Século XIX, Igreja da Colônia Militar de Itaquara, São Paulo)

3

FAMÍLIAS E
VIDA DOMÉSTICA

Leila Mezan Algranti



1. O casal que busca construir um espaço de intimidade na nova terra, entre outros homens. (Mauritiopolis, 1671)



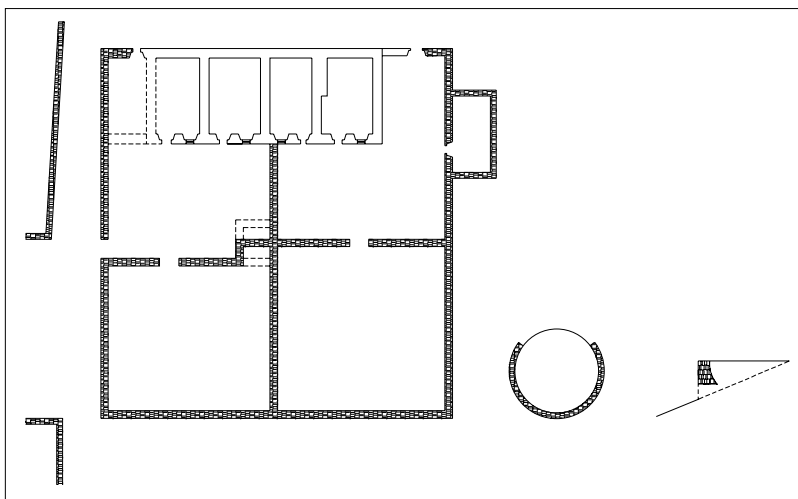
2, 3, 4. A rusticidade de um aglomerado humano de fronteira se opõe à maior regularidade de um centro urbano de destaque: o Ceará e a Bahia no século XVII. (2. Siara, 1671; 3. Urbis Salvador, 1671; 4. São Salvador, século XVII)



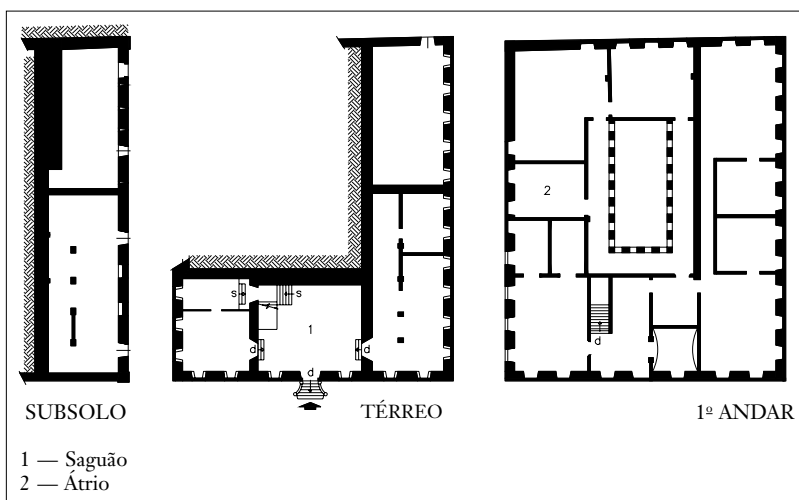
5. Rua Direita, em Mariana: um belo exemplo de sobrados mais opulentos.



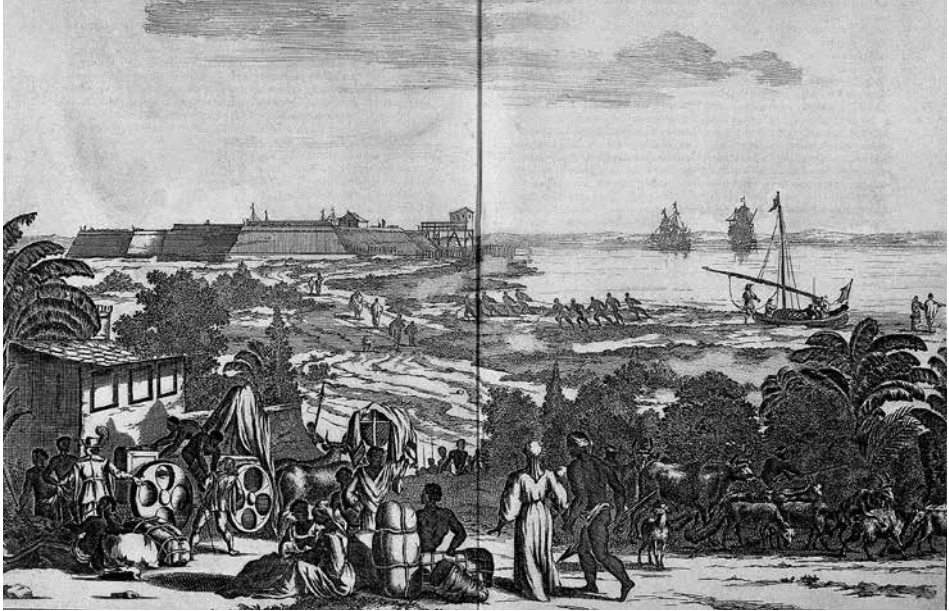
6. Sobrados e vivendas do Rio de Janeiro no tempo de d. João VI. (Richard Bate, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, início do século XIX)



7. Casa térrea, de peça única, com 15 m². (Casa de encosta de morros segundo Sylvio de Vasconcellos)

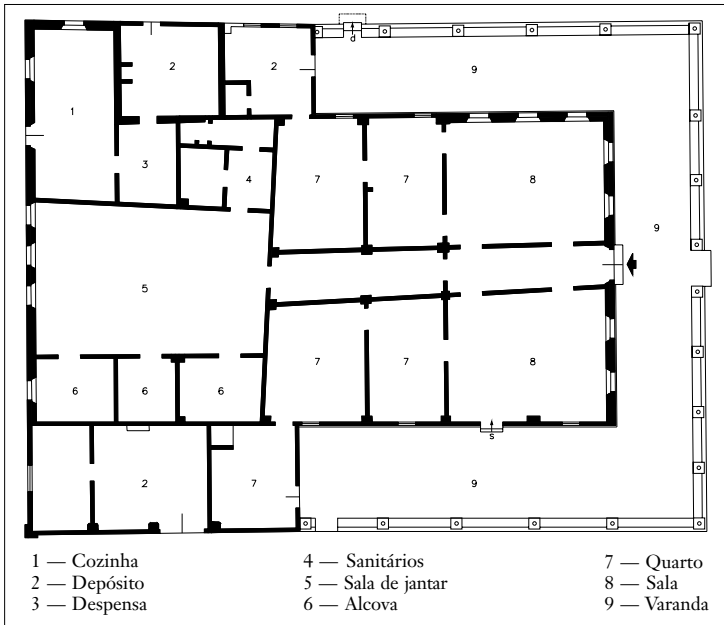


8. A casa-grande: palco permanente da sociabilidade íntima de seus usuários. (Engenho Caboto, Candeias)

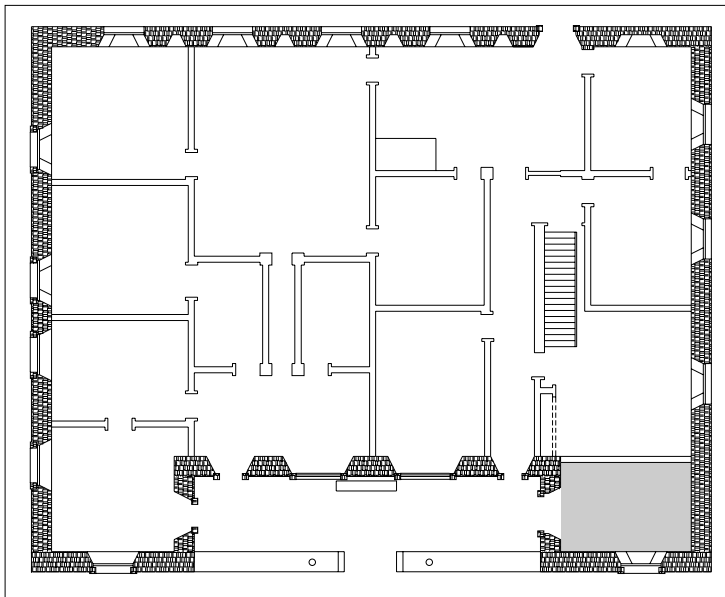


9, 10. Feitos em Portugal e trazidos para a Colônia a fim de ornamentar uma casa senhorial baiana, os azulejos representavam o trabalho cotidiano de camponeses europeus; imagem em tudo discrepante da realidade diária das casas-grandes, onde negros eram supervisionados por capatazes, e que os holandeses registraram em várias representações. (9. Ostium Fluminis, 1671; 10. Trabalhos domésticos, século XVIII, Salvador)

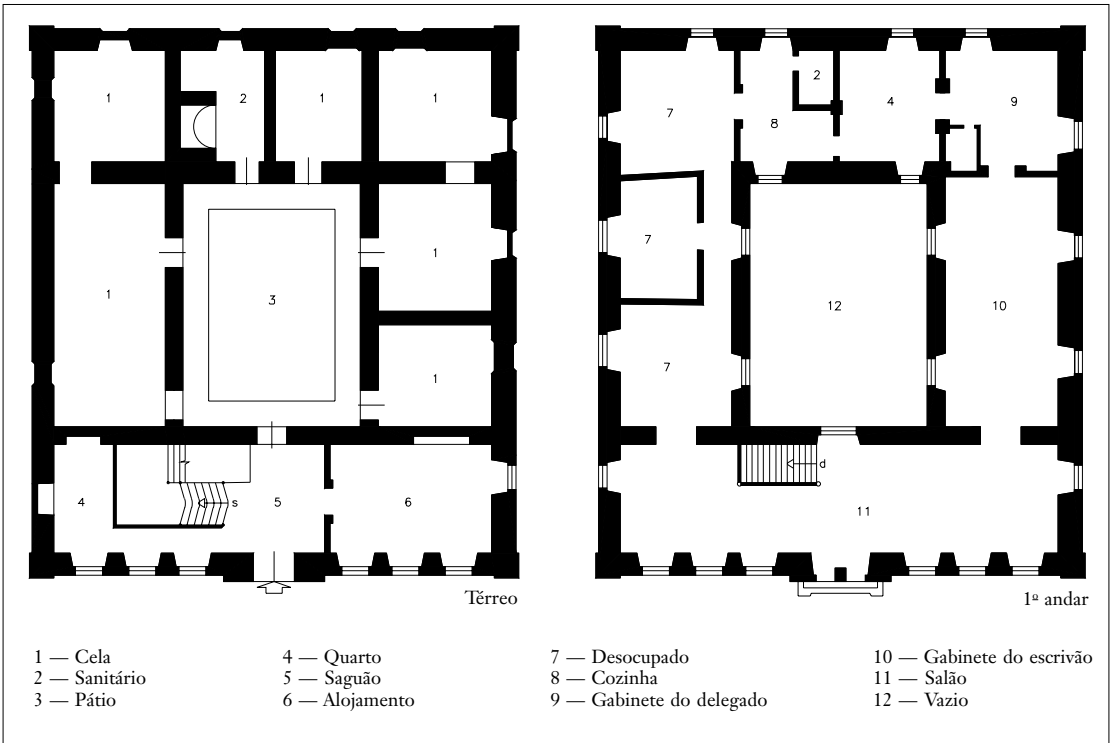




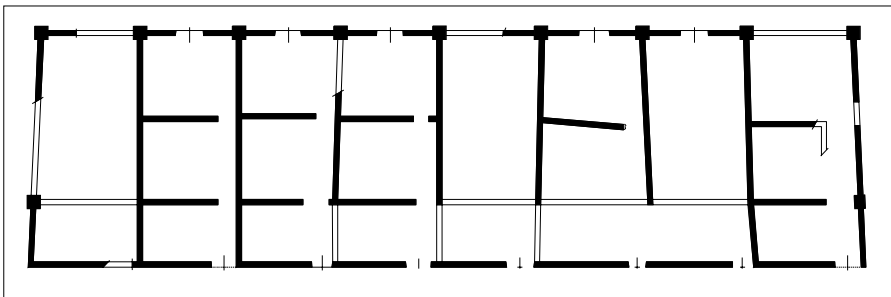
11. Exemplo de casa-grande com varanda em seus três lados. (Engenho São Roque, Maragojipe)



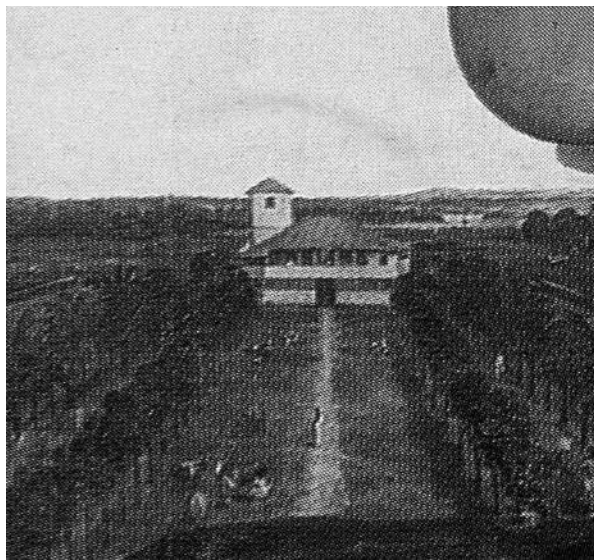
12. Casa rural em que o quarto de hóspedes, na ala direita, abre-se sobre a varanda e se encontra segregado do corpo principal, onde se desenrolava a vida íntima da família.



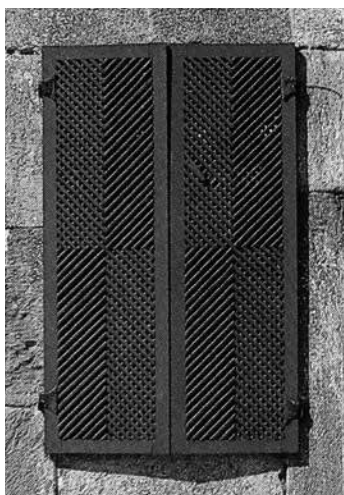
13. Casa-grande dotada de pátio interno, essencial à ventilação, que permitia enfrentar os dias mais quentes. (Engenho de João Rodrigues Adorno, Cachoeira)



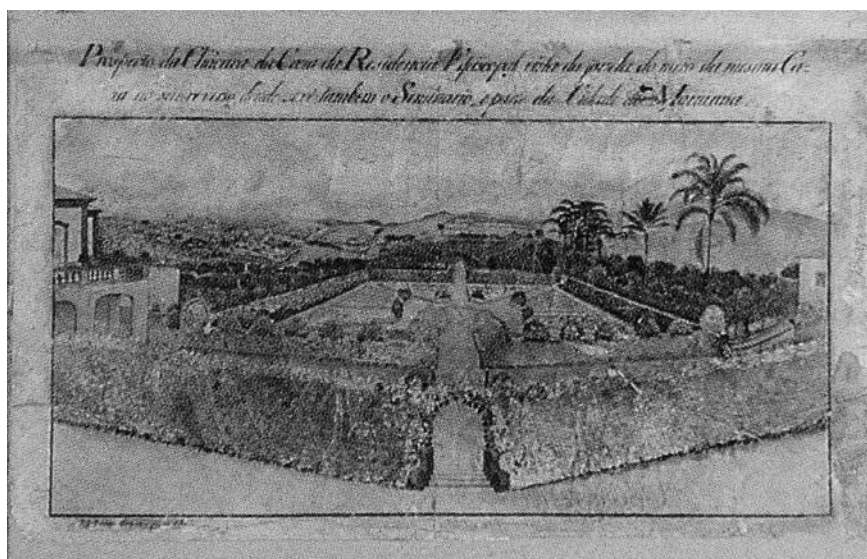
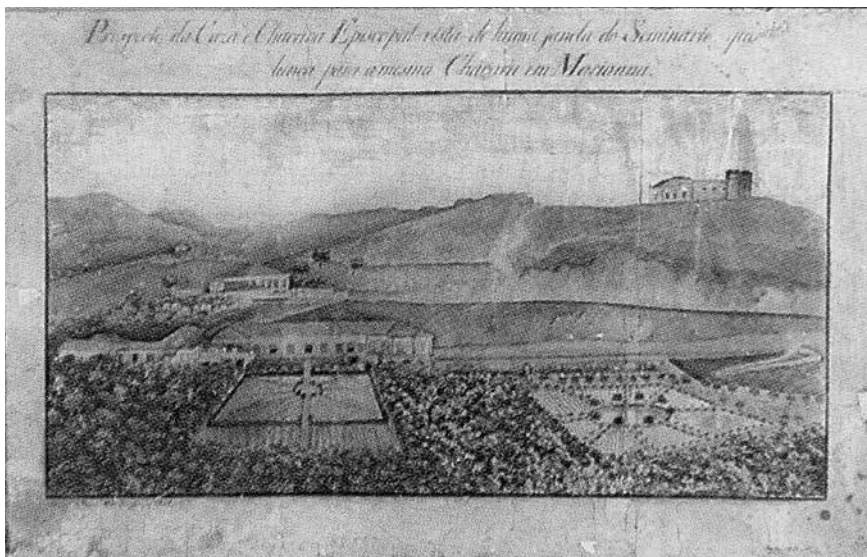
14. Uma senzala: sucessão de cubículos com divisórias internas, mas destituídos dos elementos que permitiam a intimidade. (Engenho Pimentel, São Sebastião do Passé)



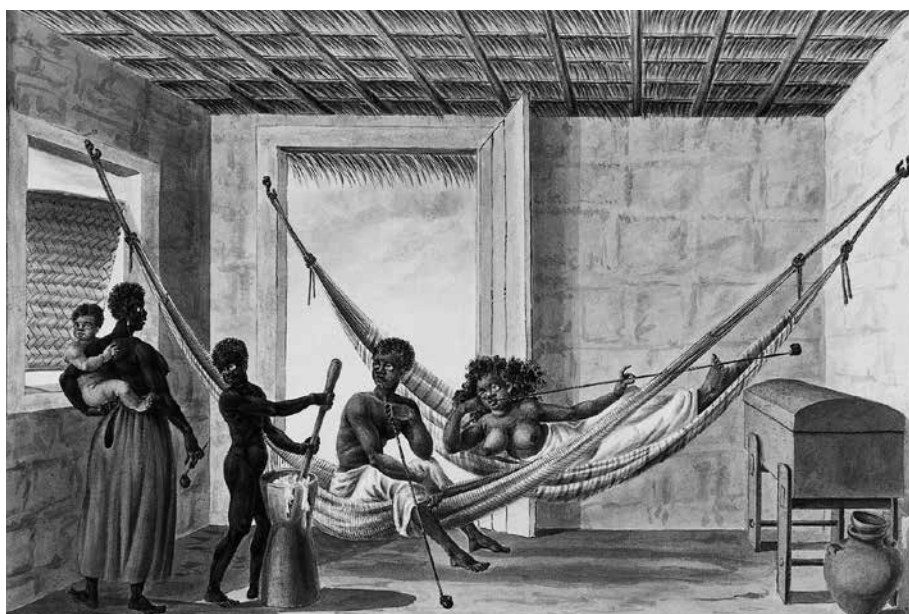
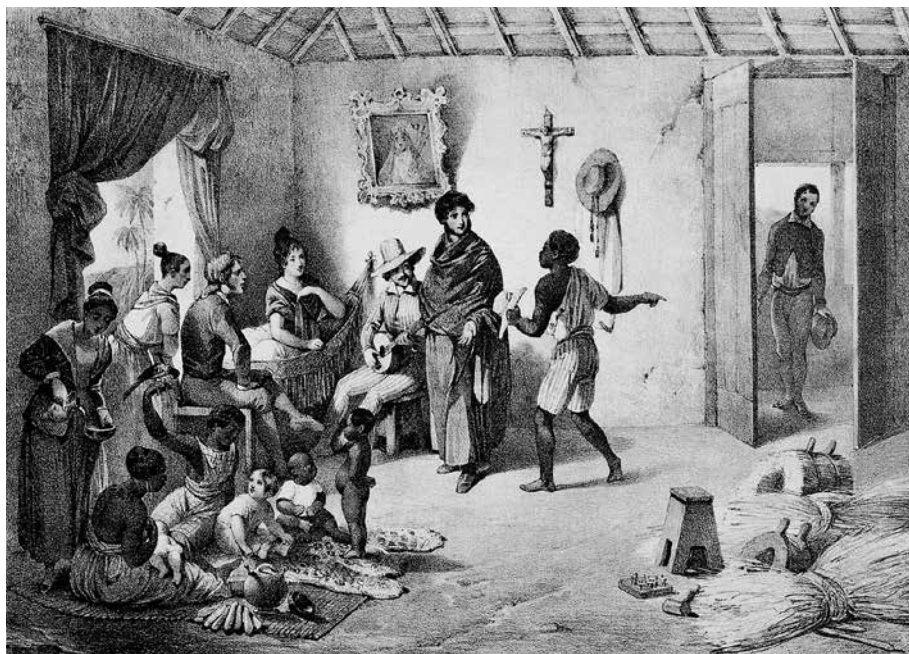
15, 16. Casa e jardim, numa representação popular e casa-grande com pomar: um registro holandês, do século XVII. (15. Ex-voto de São Vicente Ferrer, 1757, detalhe; 16. Albert Eckhout, Mulher tupinambá, 1641, detalhe)



17. “As gelsias ou rótulas de treliça de madeira deram margem a interpretações sobre o confinamento feminino.” (Gelsias, século XVIII, Tiradentes, Minas Gerais)



18, 19. Os jardins: raros espaços de intimidade no mundo colonial. (18. José Joaquim Viegas de Menezes, Prospecto da casa e da chácara episcopal, 1809, Mariana; 19. José Joaquim Viegas de Menezes, Prospecto de residência episcopal, 1809, Mariana)



20, 21. *Um interior mais opulento e um interior modesto: a presença africana em toda parte.* (20. *Johann Moritz Rugendas, Família de plantador*; 21. *Joaquim Cândido Guillobel, Interior de pobres, 1812*)



22. Cozinha da casa do contratador João Rodrigues de Macedo, em Vila Rica (Casa dos Contos, Ouro Preto)



23. Numa época em que não existia água encanada, os chafarizes públicos eram fundamentais para o abastecimento das casas. (Chafariz de São José, século XVIII, Tiradentes, Minas Gerais)



24. O chafariz: local de abastecimento de água e de bisbilhotice. (Cena de chafariz, século XVIII, Salvador)



25, 26. Peças do mobiliário senborial na Colônia. (25. Cadeira, séculos XVII-XVIII; 26. Mesa de almoço, séculos XVIII-XIX)

27. “O comum [...] era guardar roupas e papéis em caixas, baús ou canastras, às vezes colocados sobre estrados acima do chão para prevenir a umidade e o ataque dos roedores.” (Baú, século XVIII)



28. Preguiceiro — catre. (c. 1770-90, Ouro Preto)



29. Cama com dossel: mesmo se rara nos ambientes coloniais, povoou a imaginação popular; que a representou neste ex-voto de 1798. (Ex-voto de Sant’ana, 1798)



30. A representação popular atesta “a precariedade do mobiliário e dos ambientes domésticos”, comum a toda a Colônia. (Ex-voto de São Francisco de Paula, final do século XVIII)



31, 32. Peças do mobiliário senborial na Colônia. (31. Cômada baiana, século XVIII; 32. Cômada mineira, segunda metade do século XVIII)



33. A igreja de São Cosme e Damião de Igarapé como referencial para os raros momentos de escasso convívio. (Igarapé, século XVII)



34. Cenas como esta, em que jovens se reuniam em volta da mesa de jogos, integravam a sociabilidade doméstica das camadas mais abastadas. (Cena de tavadagem, século XVIII, Salvador)



35. Apesar de referidas ao contexto da Metrópole, estas brincadeiras e jogos acrobáticos certamente se reproduziram na Colônia, onde constituíram um aspecto do lazer ao ar livre. (Jogo acrobático, século XVIII, Salvador)



36. Roca: instrumento pertencente ao mundo do trabalho doméstico das mulheres. (Século XIX, Ouro Preto)



37. “Fechavam-se as janelas e uma escrava entrava com o fumeiro, percorrendo os aposentos e afugentando os bichos.” (Defumador, século XVIII)



38. O requinte do rústico: farinheira de prata decorada, que trazia o alimento   mesa onde, quase sempre, era comido com a mão. (Séculos XVIII-XIX)



39. A bela louça da Companhia das  ndias opõe-se às toscas panelas de barro que, apesar de usadas cotidianamente, deixaram poucos registros. (Sopeira com tampa, séculos XVIII-XIX)



40. Os cálices de estanho integravam o conjunto dos utensílios de mesa na morada antiga, contando-se entre os mais comuns. (Cálices, séculos XVII-XVIII)



41. Colheres e garfos eram objetos raros, usados em grandes ocasiões, como o jantar oferecido a um alto dignitário da Igreja. (Colher de açúcar, colher de arroz, colherinha redonda, concha, colher grande, garfos grandes, século XVIII)



42, 43. *As frutas tropicais integravam os hábitos alimentares da população colonial. (42. Forro da sala de jantar da Casa do Padre Toledo, século XVIII; 43. Albert Eckhout, Negra, 1641)*



44, 45. *“Água para refrescar, sempre acompanhada de toalhas e de todo o equipamento necessário”: gomil, lavandas e bacias de prata eram objetos presentes na higiene dos ricos. (44. Gomil e lavanda, século XVIII; 45. Bacia de lava-pés e jarro, século XVIII)*



46. Poltrona extensível, para uso de enfermos. (Final do século XVIII, Ouro Preto)



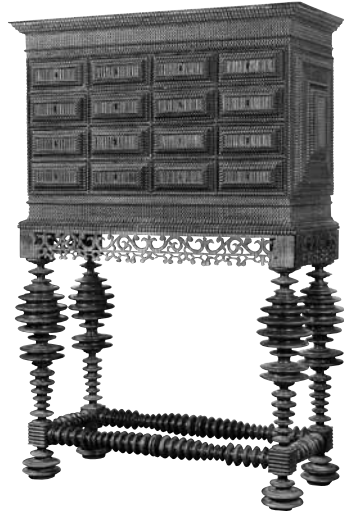
47, 48. Candeias e candeeiro de pé: utensílios comuns no equipamento doméstico, pois imprescindíveis à iluminação das casas após o pôr do sol. (47. Séculos XVIII e XIX, Ouro Preto; 48. Final do século XVIII, Minas Gerais)



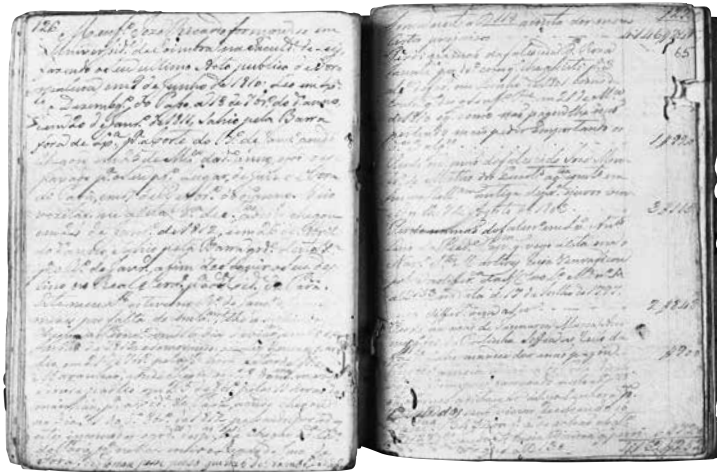
49, 50. O fato de serem protagonistas essenciais da vida cotidiana na América portuguesa não impedia que os escravos recebessem castigos. (49. Johann Moritz Rugendas, Castigos domésticos; 50. Jean-Baptiste Debret, Negro com máscara)



51. O Caderno de assentos do coronel Costa Aguiar: exemplo de escritura doméstica do final do século XVIII e início do século XIX.



52, 53. Dois contadores: um em jacarandá, do século XVII, outro em jacarandá e marfim, do século XVIII, ambos depositários de documentos que registravam a vida privada dos senhores. (52. Salvador; 53. Bahia.)

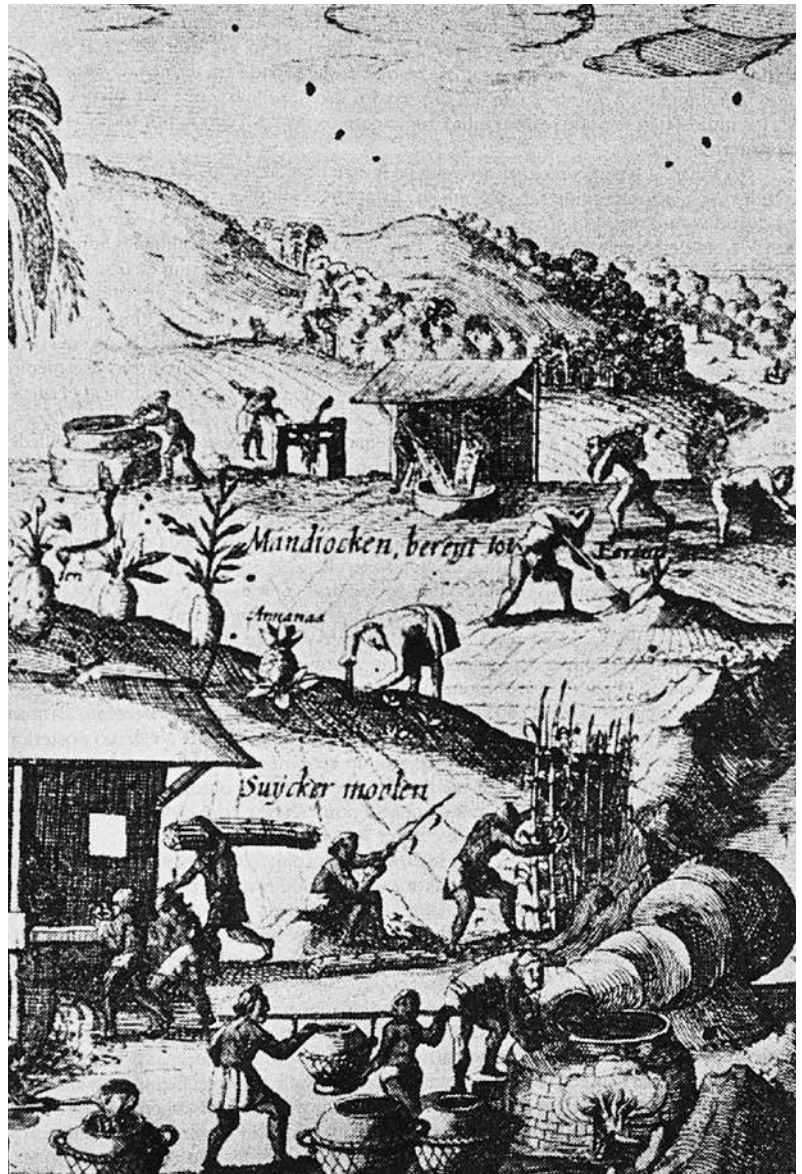


54. “Folhear suas anotações implica defrontar-se com valores e modos de vida próprios a um segmento específico da sociedade, encontrar esporadicamente signos que nos são familiares, tais como o cuidado com a educação formal dos filhos [...], a escolha dos padrinhos dentre os membros da família, um certo interesse pelo conforto doméstico.” (Caderno de assentos do coronel Francisco Xavier da Costa Aguiar, século XVIII-XIX)



55, 56. Sem joias as mulheres não apareciam em público: as negras, com figas, crucifixos e pencas de ouro; as brancas, com anéis, colares, brincos e braceletes ricamente trabalhados, possíveis presentes recebidos do marido — como no caso de Bárbara Aguiar — ou trazidos no dote. (55. Joias de mulheres negras, séculos XVIII-XIX, Salvador; 56. Joias de senhoras baianas, séculos XVIII-XIX, Salvador.)





57. A indústria caseira podia ser constituída por atividades diversificadas, garantindo aos engenhos boa margem de autossuficiência. (Sem título, século XVII)



58. “Machucador de tempero”, muito usado na culinária colonial. (Pilão de tempero, século XIX, Minas Gerais)



59. *Preparação doméstica da farinha de mandioca. (Johann Moritz Rugendas, século XIX)*



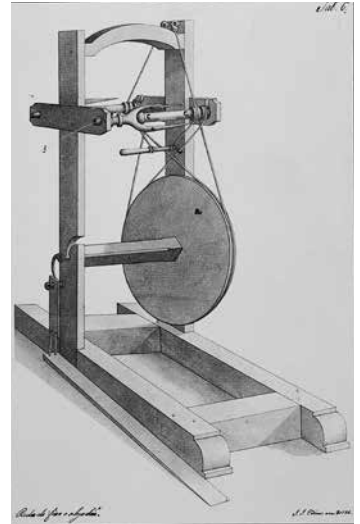
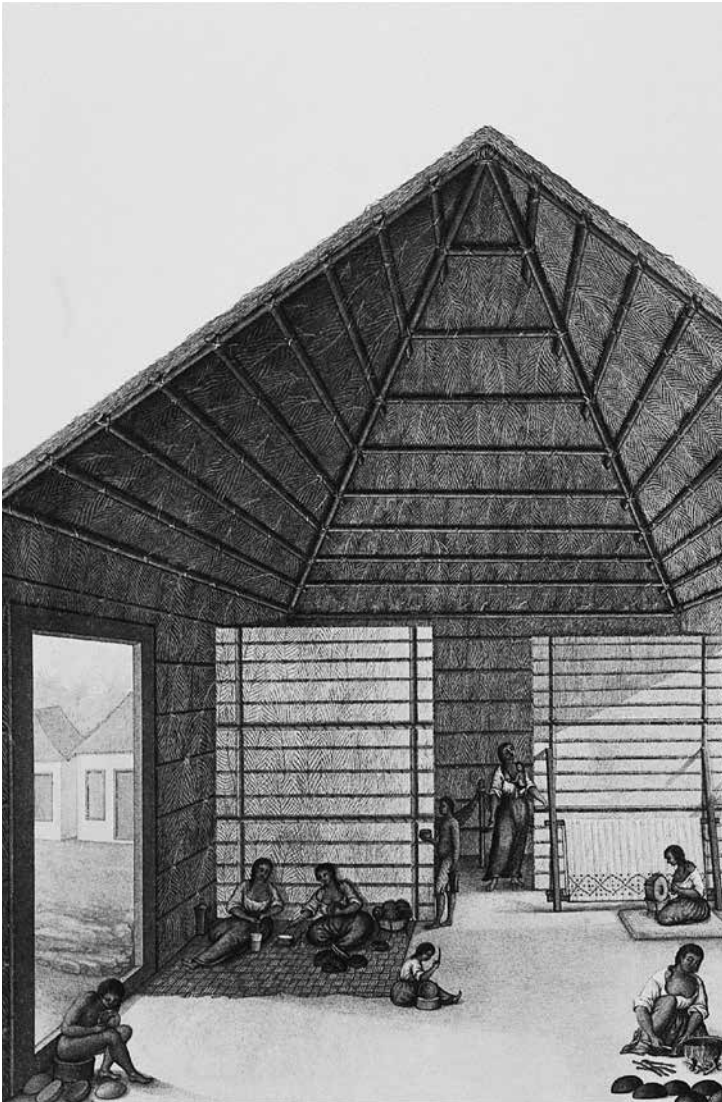
60. *Negras quitadeiras entregavam doces e frutas em domicílio. (Carlos Julião, sem título, segunda metade do século XVIII)*



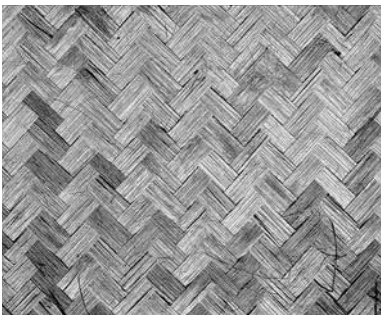
61. Os utensílios domésticos de fabricação indígena difundiram-se por todo o território da América portuguesa desde os primórdios da colonização, tendo sido adotados inclusive pelos mais ricos. (Cerâmica do baixo Amazonas, século XVIII)



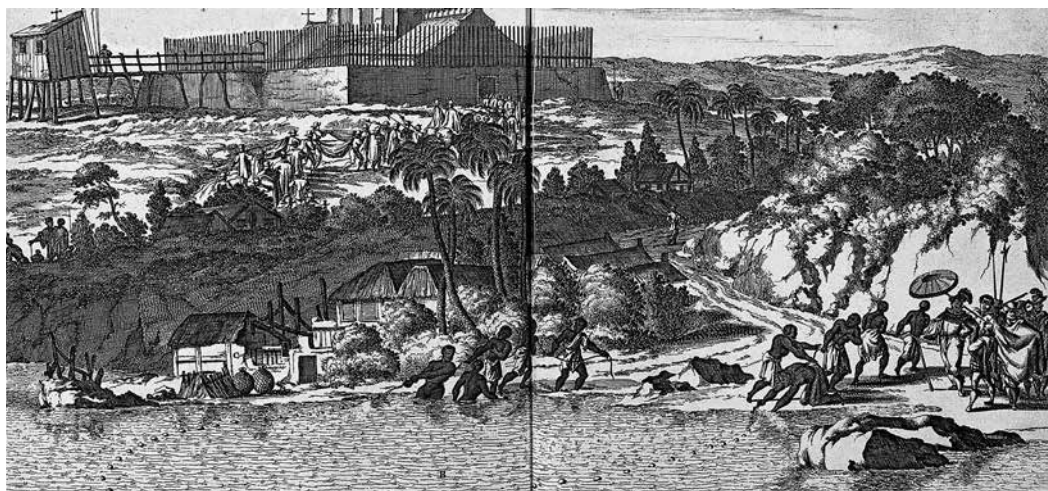
62. Recipientes de água para uso doméstico. (Jean-Baptiste Debret, Utensílios domésticos)



63, 64. Os teares de madeira serviam para fabricar redes, e o algodão foi a fibra mais utilizada pelas mulheres da Colônia. (63. Casa das índias de Monte Alegre, século XVIII; 64. Roda de fiar algodão, século XVIII)



65. Um aspecto da longa duração na cultura material: o artesanato indígena. (Traçado indígena do Amazonas, século XX)



66. *Escravos negros puxam a rede de peixes.* (Alagoa ad Austrum, 1671, detalhe)

67. *“A imagem da preguiça generalizada do brasileiro é bastante forte em nosso imaginário.”: atesta-o, por exemplo, a denominação de “preguiceiro” dada a móveis como este. (Século XIX, Salvador)*



68. *Cadeirainha de arruar.* (Século XVIII, Inficionado, atual Santa Rita Durão, Minas Gerais)

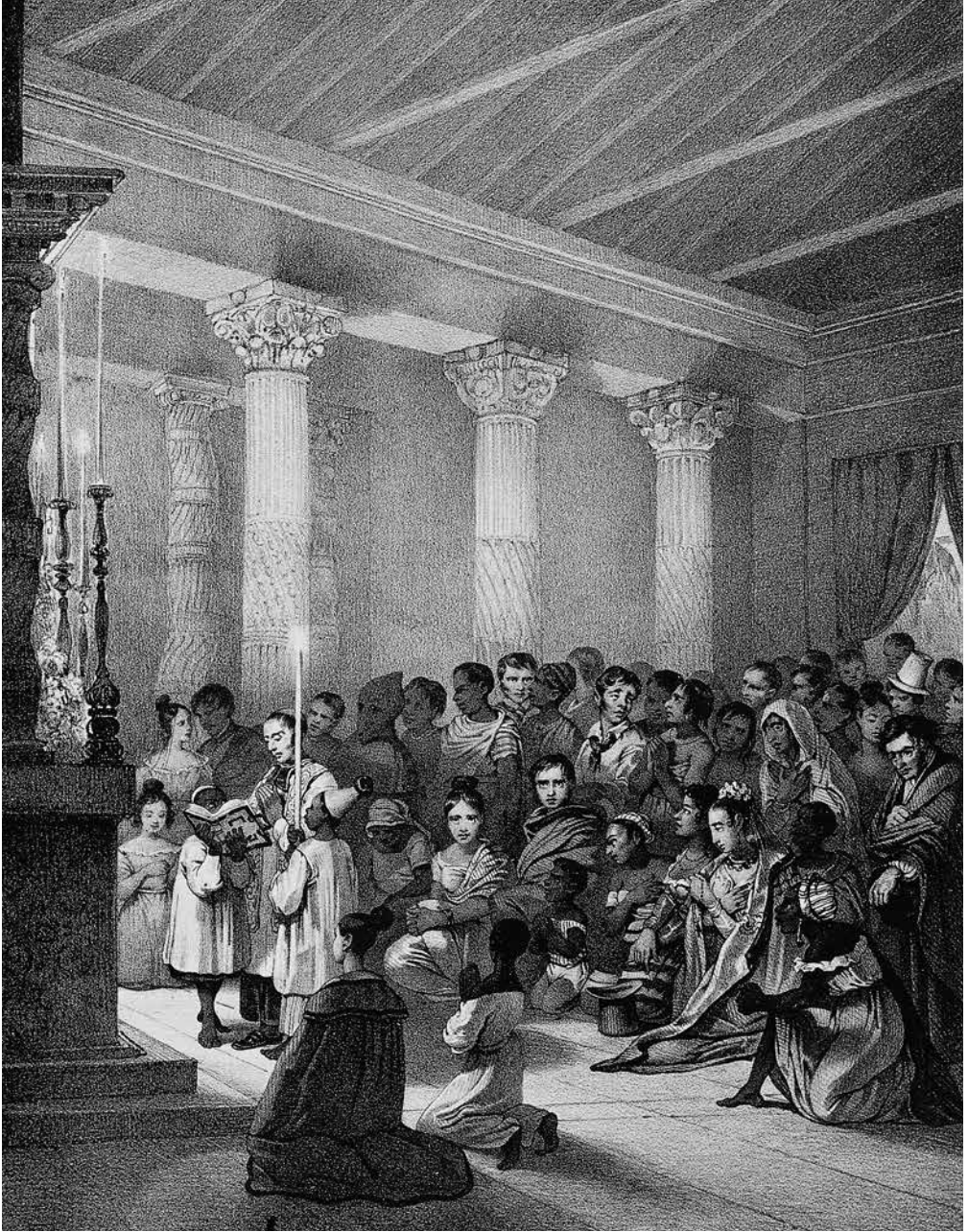


69. A refeição dos ricos e o lazer dos pobres: a escravidão limitava a intimidade dos senhores. Os hábitos domésticos dos humildes foram representados, pelos europeus, segundo o imaginário da preguiça. (Jean-Baptiste Debret, Senhora brasileira em seu lar)

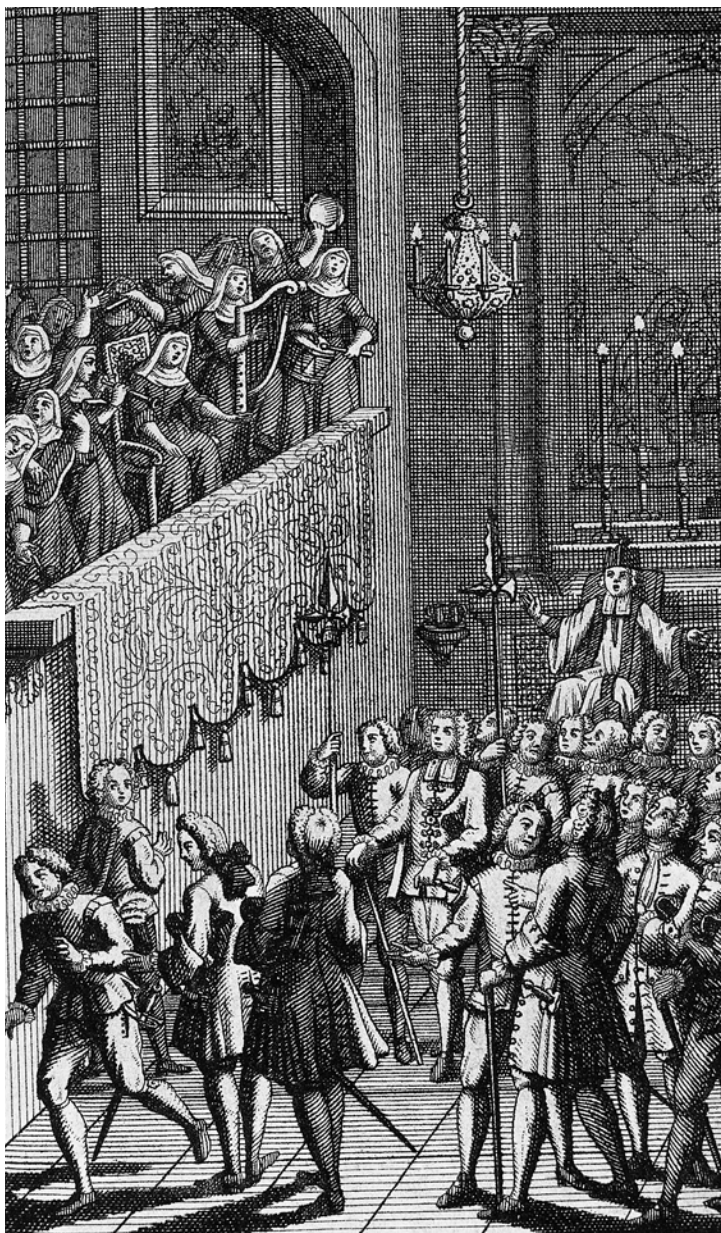
4

COTIDIANO
E VIVÊNCIA RELIGIOSA:
ENTRE A CAPELA E O CALUNDU

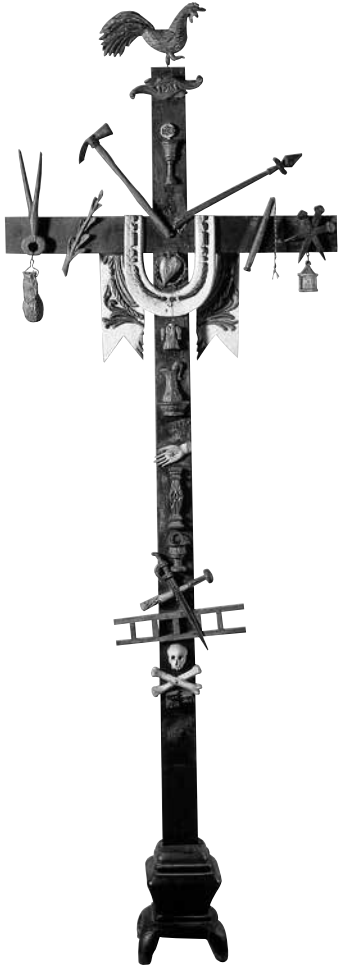
Luiz Mott



1. A missa na igreja de um grande centro urbano: informalidade de atitudes e mistura de etnias. (Johann Moritz Rugendas, Missa em Pernambuco)



2. Na igreja de Santa Clara, em Salvador, La Barbinais presenciou missa que, pela euforia, barulho e irreverência, parecia mais um convescote. (Sem título, século XVIII)



3. Simbolizando o martírio de Cristo, o cruzeiro era devoção que se expressava sobretudo nos espaços abertos: praças, morros, encruzilhadas. Mas podia também ser trazido para o âmbito devocional doméstico, onde figurava, como este exemplar, ao lado dos santos padroeiros da casa. (Século XVIII, Rio de Janeiro)



4, 5. Os sinos das igrejas marcavam as horas, pontuando a rotina do dia a dia: assim, em Salvador, a igreja do convento de São Francisco e a da Ordem Terceira de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão dos Homens Pardos.





8. A jaculatoria sempre presente: Pai, Filho e Espírito Santo. (Espírito Santo, século XVIII, São Paulo)

6, 7. A variedade de representações de Nossa Senhora da Conceição atesta não apenas a intensidade devocional desta invocação como sua presença por todo o Império português. (6. Nossa Senhora da Conceição, século XVII, Salvador; 7. Nossa Senhora da Conceição, século XVIII, Salvador)



9. São José, o Divino Esposo: santo de devoção crescente no período em estudo, o que se evidencia também pela generalização dos nomes próprios em seu louvor. (São José, século XVIII, Salvador)



10. As devoções mais comuns, como a de São Roque, expressavam-se em imagens rústicas legadas de geração a geração. (São Roque, século XVIII, Babia)

11



12



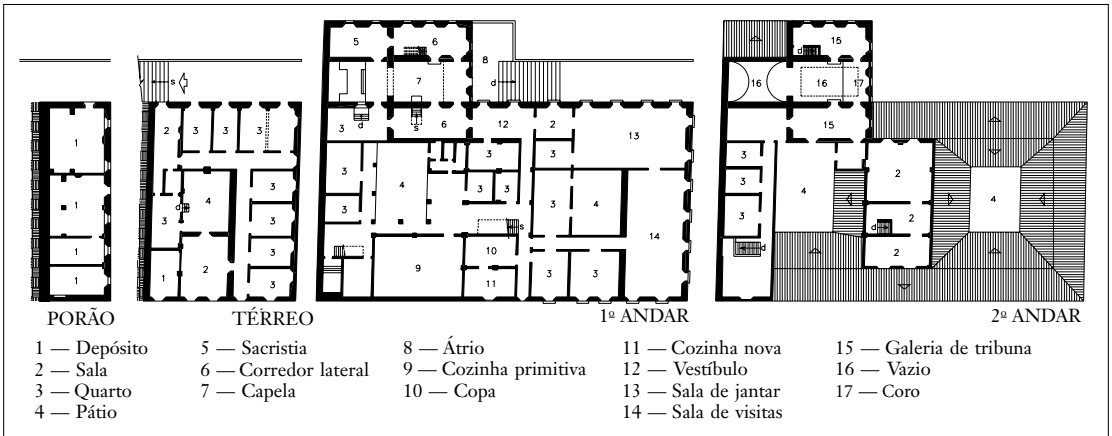
13



14



11, 12, 13, 14. “O oratório funcionava como uma espécie de relicário [...] abençoado pelo vigário ou missionário em suas visitas residenciais.” (11. Século XVIII, Fazenda da Lagoa São José, atual Nova Era; 12, 14. Século XVIII, Minas Gerais; 13. Nicho, segunda metade do século XVIII, Salvador com Nossa Senhora da Conceição, século XVIII, Salvador)



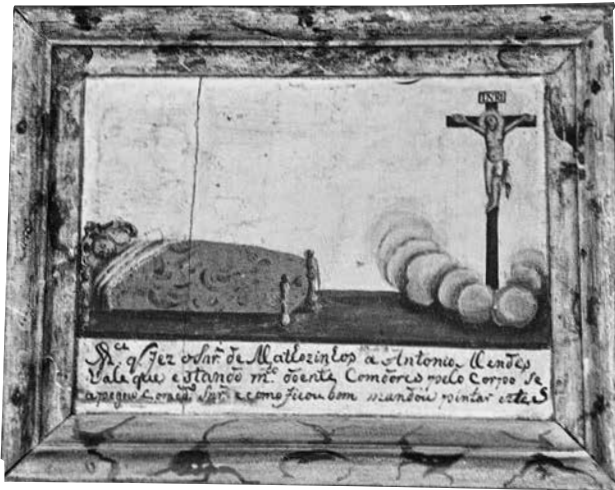
15. Planta de opulenta casa-grande baiana, onde a capela e a sacristia acham-se integradas ao corpo principal do edifício, atestando a estreita relação entre religiosidade e vida privada. (Engenho Freguesia, Candeias)



16, 17. Os oratórios domésticos, tão comuns no passado colonial, funcionavam muitas vezes como relicários e abrigavam santos variados das devoções mais populares. (16. Oratório de embutir na parede, século XVIII, Minas Gerais; 17. Século XVIII, São Paulo)



18, 19. Duas lápides tumulares (usadas em capelas particulares e em igrejas matrizes, onde se enterravam os mortos): a primeira, do século XVII, referente a d. Luís Álvares de Figueiredo; a segunda, do século XVIII, referente a d. Sebastião Monteiro da Vide, ambos arcebispos-primazes do Brasil.



20. Ex-voto alusivo à mercê feita pelo Senhor de Matosinhos a Antonio Mendes Vale. (Século XVIII)



21. Ex-voto que registra o milagre feito pelo Senhor de Matosinhos a José Antunes em 1776.

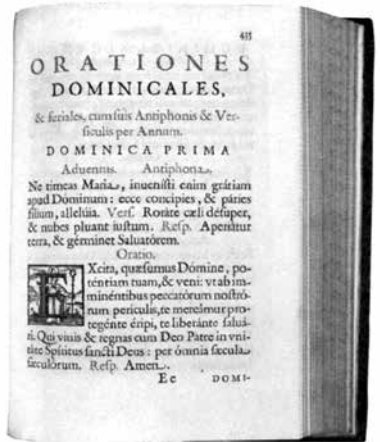
OFFICIUM BEATÆ MARIÆ VIRGINIS,

Nuper reformatum, & PII V. Pontificis
Maximi jussu editum:

AD INSTAR BREVIARII ROMANI
sub URBANO VIII. recogniti.



ANTVERPIÆ,
EX TYPOGRAPHIA PLANTINIANA
M. DCC. XXIV.



22, 23, 24, 25, 26. Plantin, o grande editor flamengo, inundava a Colônia de imagens da devoção mariana, persistentes em todo o período. (Missal ilustrado, século XVIII)

27. *Visões se manifestavam mais facilmente no espaço da devoção privada; santa Teresa d'Ávila foi das santas que mais se ateve ao aperfeiçoamento de uma espiritualidade de cunho mais íntimo e introspectivo. (Painel do arcaz da sacristia, final do século XVII, Salvador)*



28. *Santa Teresa d'Ávila: modelo devocional para toda a cristandade moderna. (Painel do arcaz da sacristia, final do século XVII, Salvador)*

29. *Frei Fabiano de Cristo, exemplo de santidade e virtude no Rio de Janeiro de meados do século XVIII, aqui numa representação bem posterior. (Século XX, Rio de Janeiro)*



30, 31. *O culto ao Sagrado Coração se difunde na América portuguesa durante o século XVIII; já a devoção dos três corações — Jesus-Maria-José —, dele derivada, deve muito ao empenho de frei Manuel da Cruz, primeiro bispo de Mariana, e sobretudo ao de Rosa Maria Egípcíaca, beata e devota afro-brasileira, processada pela Inquisição. (30. Capela dos Sagrados Corações, Convento de Santo Antônio, Rio de Janeiro; 31. Ostensório do Sagrado Coração, 1750, proveniente do Convento das Mercês, Salvador)*



32, 33, 34. Relicário de são Sebastião, relicário do Santo Lenbo e medalhão relicário: artefatos luxuosos para abrigar as relíquias santas. (32. Séculos XVIII-XIX, Salvador; 33, 34. Século XVIII, Salvador)



35, 36, 37. Gilberto Freyre falou da “religião afetivizada”, tão própria dos portugueses e expressa nesse sentimento um tanto “adulatório” de adornar com jóias, em toda a extensão do Império, os santos da devoção doméstica. (35, 36. Nossa Senhora do Carmo, século XVIII, Portugal; 37. Menino Jesus, século XVIII, Lisboa)

38. O apelo à intercessão sagrada incluía a proteção dos animais domésticos, particularmente importantes no mundo pré-capitalista. (Ex-voto de Nossa Senhora da Oliveira, século XVIII)



39. Piedade mestiça, expressa neste santo Antônio caboclo. (Santo Antônio Abade, primeira metade do século XVIII, Missões do Rio Grande do Sul)





40, 41. *A devoção a são Miguel Arcanjo, árbitro das almas do Purgatório, foi muito difundida na América portuguesa, personificando a luta entre as forças do Mal e as do Bem. Ganhou forma tanto nas imagens mais eruditas quanto nas de cunho mais popular. (40. Século XVIII, Minas Gerais; 41. Século XVIII, Cachoeira do Brumado, Minas Gerais)*

42. Os claustros eram espaços de recolhimento e meditação, mas também de sociabilidade, como o do convento de Santa Teresa, em Salvador.



43. São Francisco se despoja dos bens materiais, aqui simbolizados pelas vestes. (Renúncia de São Francisco aos bens materiais, século XVIII, Salvador, detalhe)

44. A devoção popular ao Cordeiro de Deus mostra-se na oração inventada pela devota negra Rosa Egípcia: “Me ajudem a dar graças a meu Jesus Crucificado porque nos criou e nos remiu com seu precioso sangue”. (Cordeiro de Deus, século XVIII, São Paulo)





45. *A religião afetivizada: para engomar e passar a roupa que só vestia a imagem de um Menino Jesus num convento baiano, usava-se, conforme a tradição oral, este belo ferrinho em prata lavrada. (Séculos XVIII-XIX)*



46. *A imagem de um feiticeiro negro, captada por olhos europeus, evidencia a superposição de universos culturais distintos. (Jean-Baptiste Debret, Negro feiticeiro, início do século XIX)*



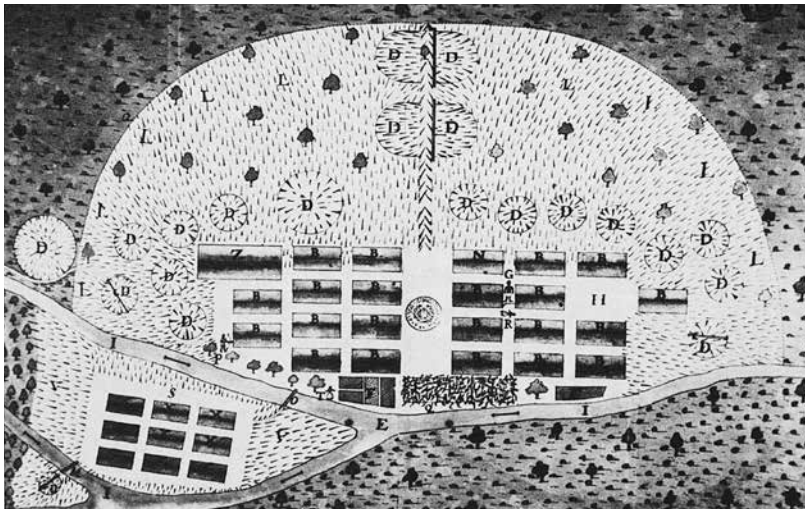
47. Objetos comuns na devoção popular, os nós de pinho expressam formalmente a mestiçagem religiosa. (Séculos XVIII-XIX)



48. Santos muito populares, de devoção sincretizada: são Cosme e são Damião, padroeiros das crianças. (São Cosme e São Damião, século XVIII, Antiga Sé, Salvador)



49. Se a prática religiosa, popular, podia incluir o pacto demoníaco, abrigava também atos de vingança contra o maligno: os “diabinhos machucados” da igreja do convento de São Francisco de Salvador ficaram assim, acéfalos, em virtude dos esfregões raiosos de fiéis não atendidos. (Nascimento de São Francisco, século XVIII, Salvador; detalhe)



50. Os quilombos foram espaços favoráveis ao desenvolvimento de formas proibidas de religiosidade. (Planta do quilombo Buraco do Tatu em 1763)



51. O beijo ritual integrava, junto com outros procedimentos, a gestualidade própria ao pacto demoníaco; consagradas pelo universo mental europeu, tais práticas foram “aclimatadas” na Colônia. (Guaccius, O beijo ritual do sabá, século XVII)

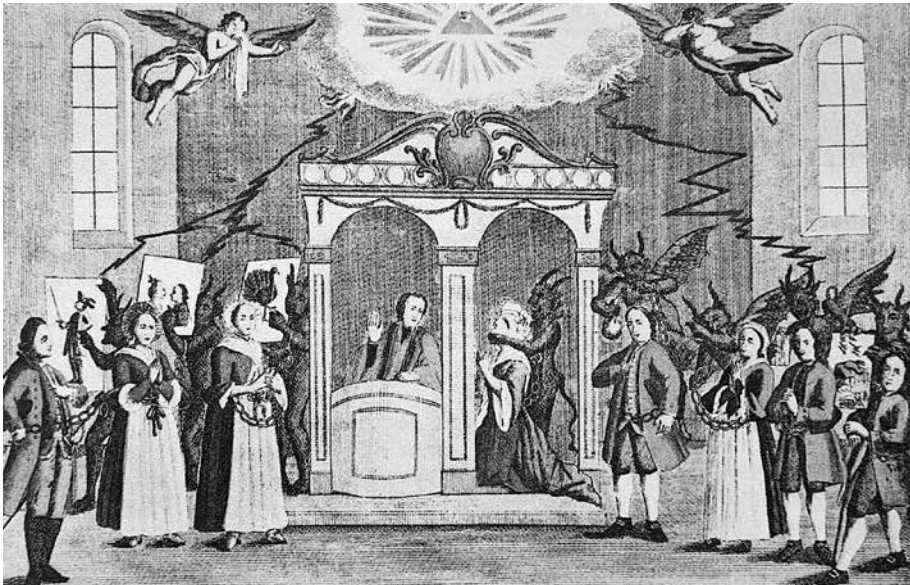


52, 53. Representações cortesãs do sabá (fins do século XV e século XVII), que, apesar de tão distintas das assembleias descritas pelas bruxas coloniais, tanta influência tiveram em sua imaginação. (52. Jean Ziarnko, Descrição e figura do sabá das bruxas, 1613; 53. Guaccius, Banquete de bruxas no sabá, século XVII)





54, 55. A alegoria alemã sobre a boa e a má confissão mostra que os riscos de se desvirtuar o sacramento estavam bem presentes no universo mental da cristandade setecentista. (54. Romedius Knoll, A boa confissão, século XVIII; 55. Romedius Knoll, A má confissão, século XVIII)



peccar nã he por isso obrigado a iterar a cõfissam porque isso nã impide a absoluçam. Mas se cree que nam pode alcançar sufficiẽte ajuda pela qual possa euitar os peccados quanto quer q̄ por ysto trabalhe, seria obrigado a iterar a cõfissam porque crer isso he peccado. f. que aquelle que faz todo o que em si he. que deos lhe nega sua ajuda. Adriano. 4. De confessione.

Capitulo decimo.

Como se ha de auer ho cõfessor acerca de si p̄meyro que se chegue a cõfessar: e acerca do penitente. E de como ho ha de instruir. E o q̄ no principio lhe ha de p̄gutar.



Chamado ho cõfessor pera ouvir o penitẽte, leuãe seu coraçã a vs e humilmente diga: (Cor mundum crea in me deus) poiq̄ o coraçã cujo. nã pode alim par as almas. (& spiritũ rectum innoua in uisceribus meis.

porque por cobiça, nẽ vãã gloria, nem por curtosidade, nem sensualidade, me demoua. Mas ysto faça somente por tua gloria e saude das almas. (Ne proicias mea facie tua) Isto he do lume do teu rosto, porque nam errando por ignorancia ho cego gule ao cego (& spiritum sanctum tuum ne auferas a me) quero dizer, que nam permittas, que eu caya em tentaçam, ouindo peccados a theos: polaqual cayda, tires de mi ho teu Spiritu sancto. (Redde mihi uicam salutaris tu).

D ij

ho penitente se nam confesse a seu proprio sacerdote. Serelẽte. Siluest. confessio. i. s. 6. Saluo se a vergonha fosse tanta, que ho penitente teme q̄ mouido por ella se possẽe a perigo de calar algũ peccado, ou circunstãcia necessaria aa cõfissã. Hauer ro. de penitẽtia. d. 6. c. Placuit. n. 150.

¶ Se ha molher tem algum graue peccado, o qual se confessar ao sacerdote cree probanelmente que lhe sera scandalo, e sera prouocado a consentir no peccado. Em tal caso he de ver este escãdalo passiuo, da parte do sacerdote, de q̄ causa, p̄cede. Poiq̄ ou consta que ho sacerdote encoitara em o tal scãdalo mouido por sua malicia ou por sua fraqueza ou ignorãtia: ou hay duuidã por qual destes sera mouido a encoirer em aquelle danoso cõsentimẽto. No p̄meyro caso nam obliãte tal escãdalo futuro nam deue deyrar de cõfessar seus peccados porq̄ os taes scãdalos ho se ñor nos mostrou q̄nã demos por elles dizendo Math. 13. Simite eos. 2c. Mas se ho escãdalo passiuo, p̄cede de ignorancia, ou infirmitade, contra charidade seria confessarse ao tal sacerdote, porque quando huũ se nã pode confessar sem que sua cõfissam redunde em detrimento da charidade do proximo. nã he obrigado por entõces a se confessar, porque em tal caso: nã liga ho p̄cepto diuino de se confessar ainda que se offereça artigo de morte, porque a quallo se diz podermos, que com de reito podemos tu. l. Ne pos proculo ff. de verbo. significatiõẽ. Se ho caso he duuidoso. f. que nam se sabe se ho sacerdote se escandalizara, ou se permanecerã em

L ii

56, 57. Em textos como estes os confessores se inspiravam para exercer seu officio. (Manual de confessores e penitentes, Martín de Azpilcueta, 1549)



58. A pedagogia do medo: o texto e as gravuras da obra de Alexandre Perrier orientavam fiéis e confessores. (Sem título, século XVIII)

5

MORALIDADES BRASÍLICAS:
DELEITES SEXUAIS
E LINGUAGEM ERÓTICA
NA SOCIEDADE ESCRAVISTA

Ronaldo Vainfas

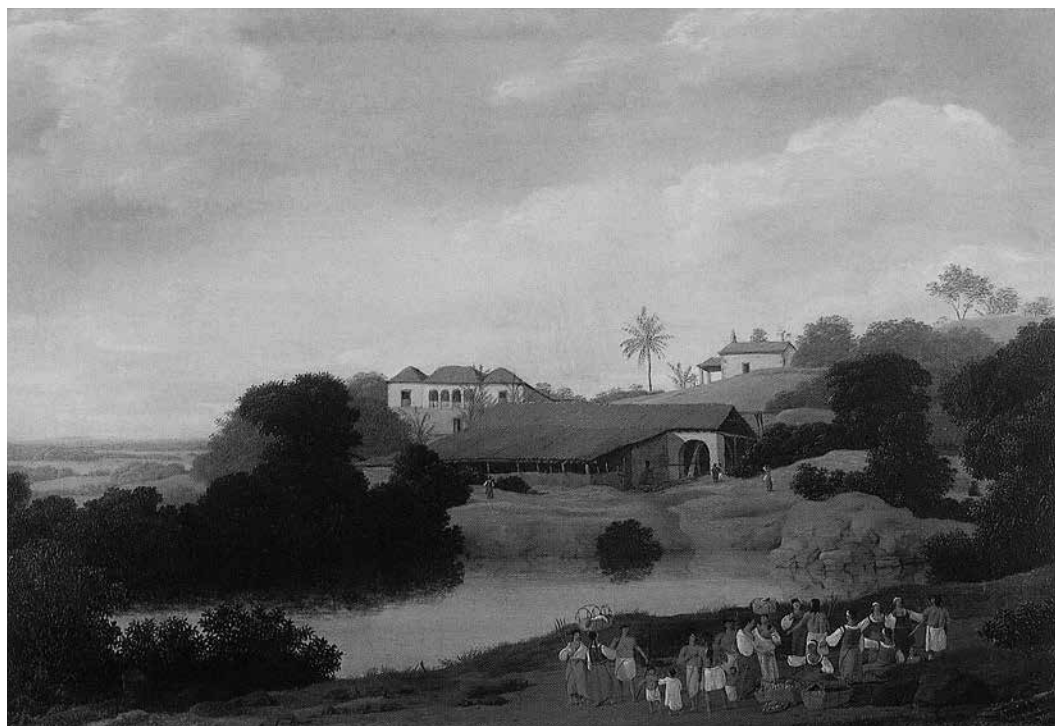
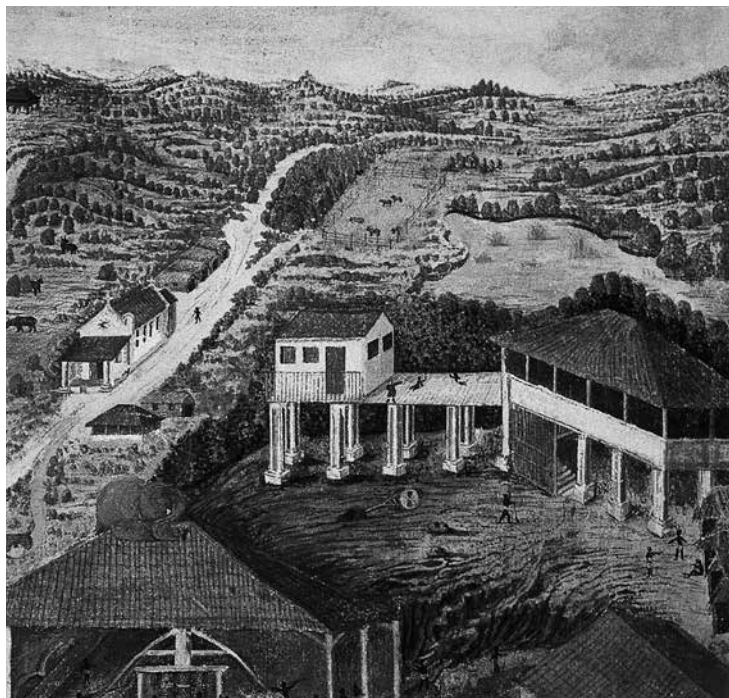


1. Planta do Engenho Noruega. (Cícero Dias, Engenho Noruega, 1933)

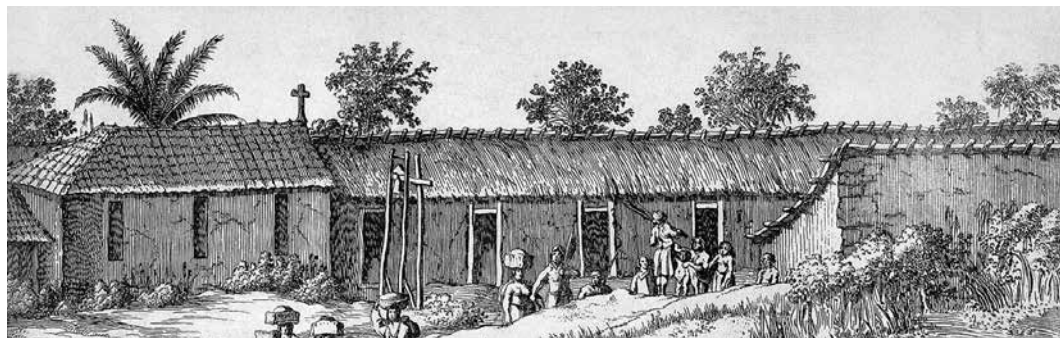
2. *A imponência de um engenho nordestino do século XVII: um entre outros exemplos que, fixado pela iconografia flamenga, alimentou as análises sobre o patriarcalismo brasileiro.*

(Zacharias Wagener;

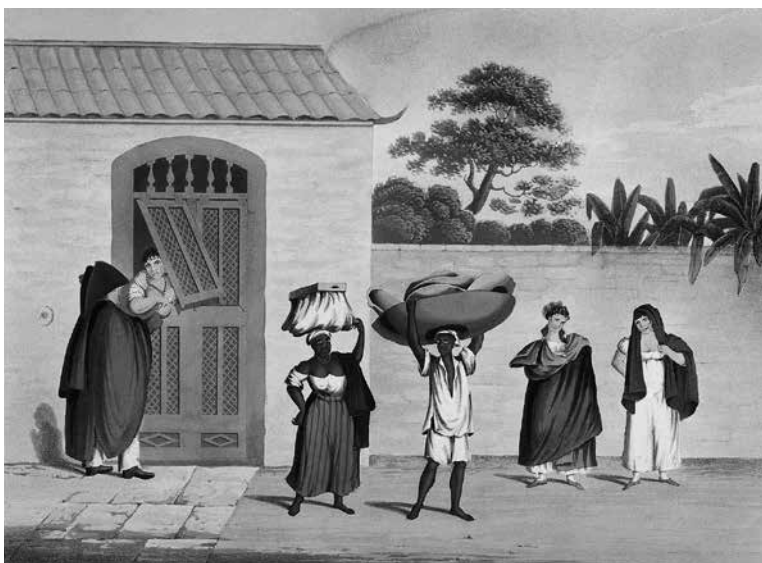
Paisagem com moinho de açúcar — O pátio de Sua Excelência, c. 1640)



3. *Casa senhorial: “conjunto de moradias e oficinas, além de oratórios, casas de beneficiamento do açúcar e até habitações de escravos”. (Frans Post, c. 1640)*



4. As habitações dos mais pobres: rústicas, precárias, contíguas. (Fluvius Grande, século XVII, detalhe)



5, 6. A casa e a rua: fluidez dos limites entre o público e o privado.
(5. Henry Chamberlain, Uma história; 6. Jean-Baptiste Debret, As Vênus negras de Rio de Janeiro, detalhe)





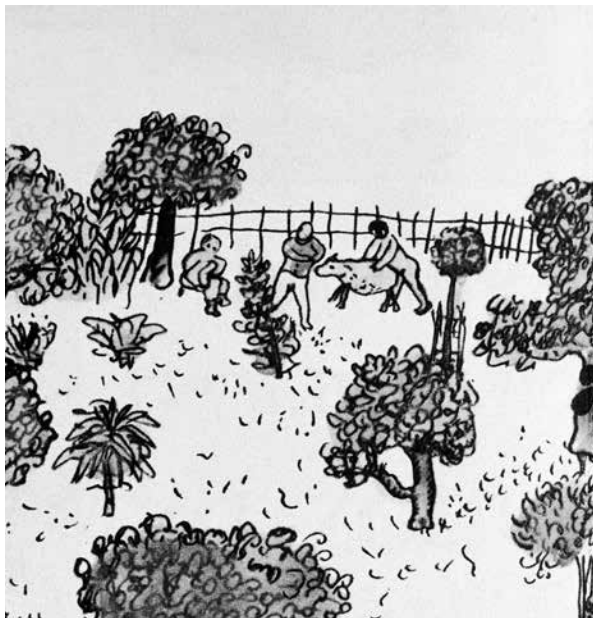
7. Índios: a naturalidade com o corpo nu. (Sem título, século XVII)



8. *A biculturalidade: índios a meio caminho do uso europeu da vestimenta.*
(Carlos Julião, sem título, segunda metade do século XVIII)



9. *Roda dos expostos do convento de Santa Clara do Desterro, em Salvador: nela eram colocadas as crianças indesejadas, quase sempre fruto de amores ilícitos.*



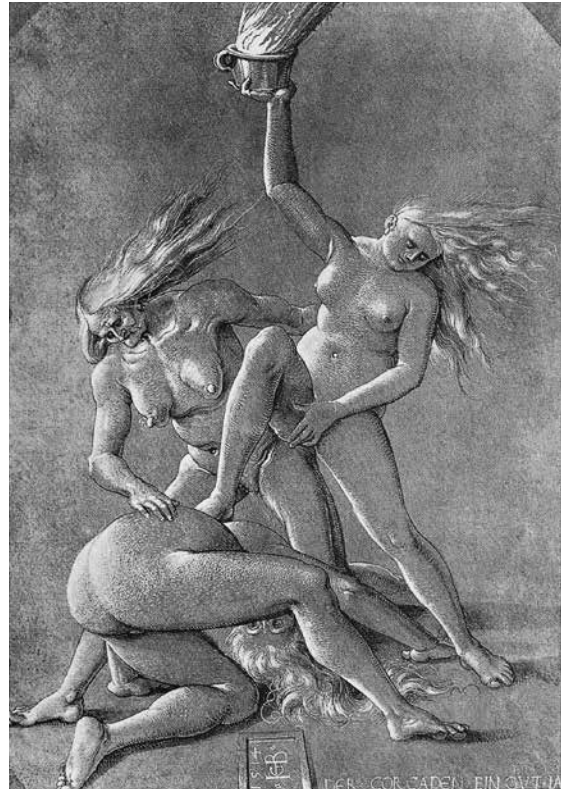
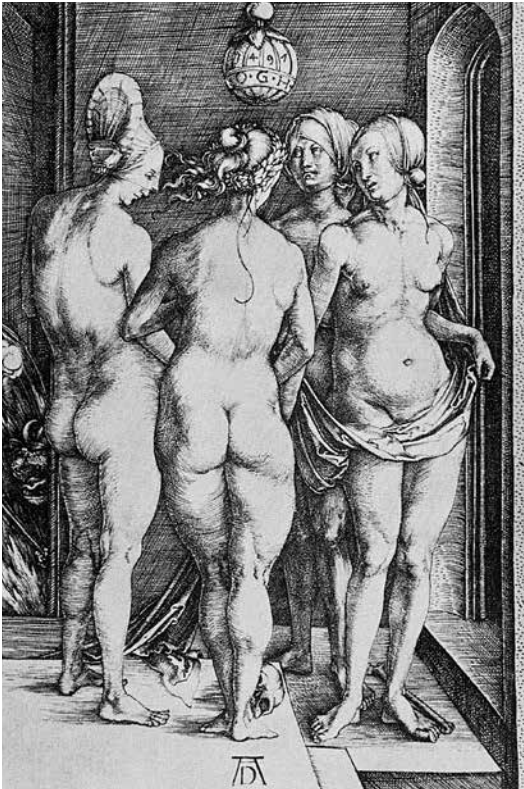
10. *Branco e negro, pessoas e animais: aspectos da sexualidade no universo senhorial. (Cícero Dias, Engenho Noruega, 1933, detalhe)*



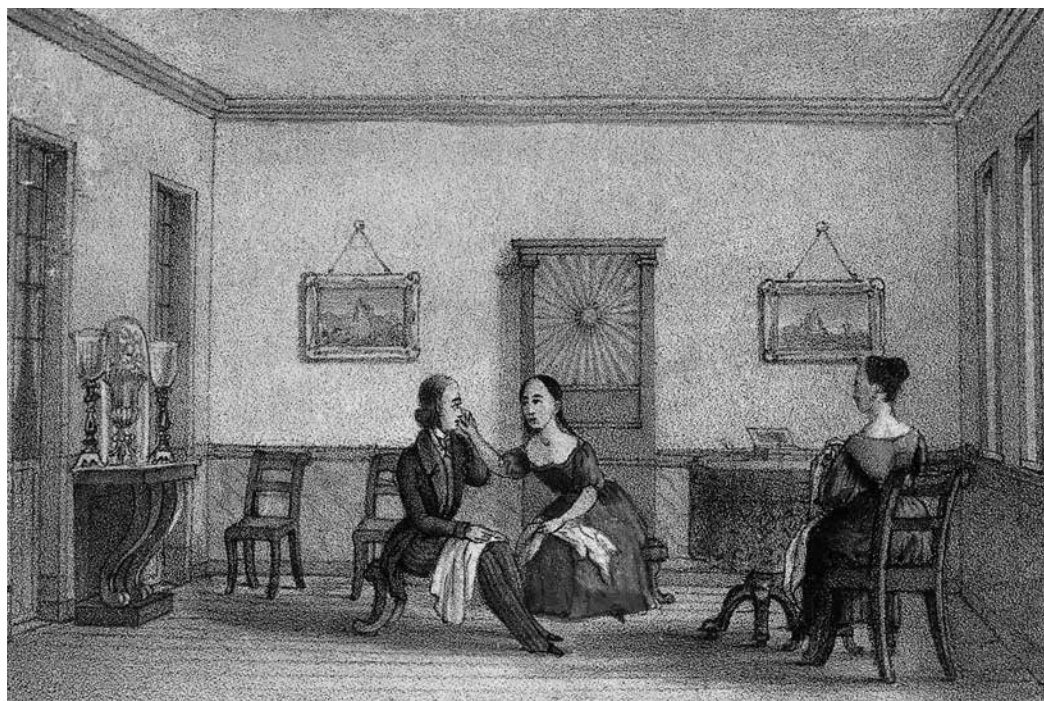
11. *Cena galante: o amor bem-comportado, entre iguais.* (Século XVIII)



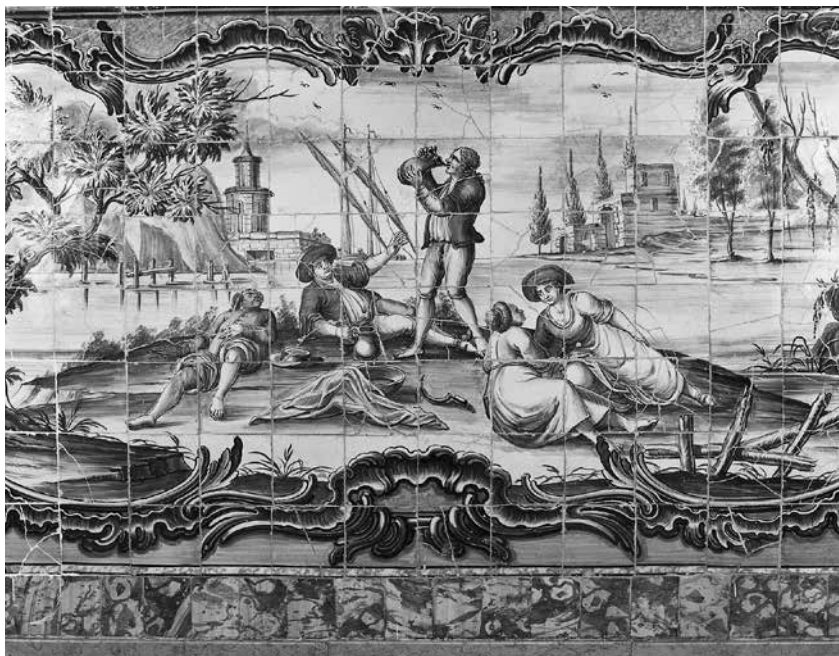
12. *Se na Colônia tropical os matos foram palco de relações sodomíticas, os rigores do inverno não arrefeceram ardores análogos na Europa moderna.* (Sem título, 1789)



13, 14. As relações entre magia, erotismo e sexualidade povoavam as gravuras de Dürer e Hans Baldung Grien: indício de que as maiores expressões artísticas do Renascimento não estiveram infensas ao apelo da feitiçaria. (13. Albrecht Dürer; As quatro bruxas, 1497; 14. Hans Baldung Grien, As três bruxas, 1514)



15. A limitação da intimidade entre os sexos continuou pelo século XIX: mesmo quando o espaço da casa era propício ao isolamento, os costumes tradicionais impunham regras de conduta. (Cena romântica, 1845)



16, 17. *A dança, a música, a refeição ao ar livre: instantes de congraçamento entre os sexos que, não raro, antecediam enleios amorosos. (16. Dança campestre, século XVIII; 17. Repasto campestre, século XVIII)*



18. *As vendas: para boa parte da população, lugares de encontros amorosos.* (Johann Moritz Rugendas, *Venda em Recife*)



19. As camas — como esta, mineira — rivalizavam com as esteiras ou com o próprio chão como local para a prática amorosa. (Século XVIII, Minas Gerais)



20, 21, 22. Também na Europa moderna, “a casa longe estava de ser o espaço privilegiado para as relações sexuais”. (20. Sem título, c. 1757-61; 21. Jean-Baptiste Marie Huet, A hora dos amantes, século XVIII; 22. Chauvet, sem título)



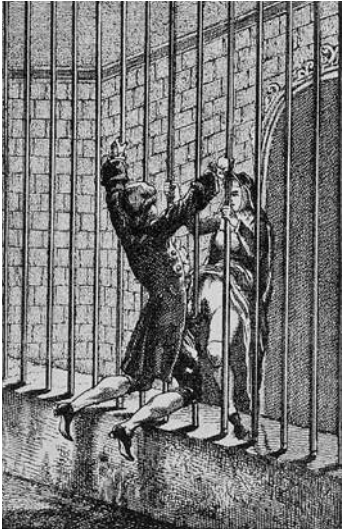
23. Michelangelo: um testemunho célebre sobre o vulto da culpabilização da sodomia na tradição cristã. (A punição da sodomia, 1536-41, cópia de Witkowski)



24, 25. Etapas da evolução do confessional aberto para o fechado: a grande incidência do crime da solicitação impunha a separação mais efetiva entre o fiel e o confessor: A privatização do pecado. (24. Confessional, final do século XVII; 25. Confessional feminino, século XVIII, Minas Gerais)

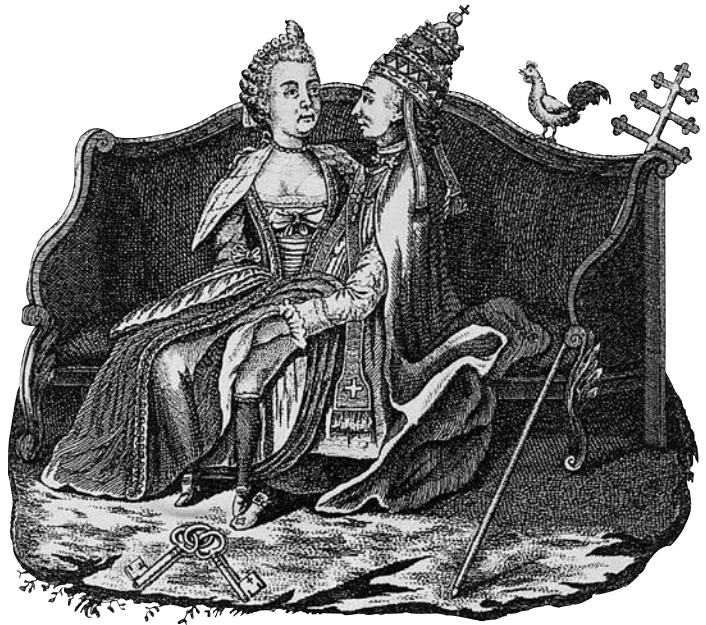


26. As janelas externas dos conventos visavam impedir a entrada de estranhos que pudessem pôr em perigo a honra das recolhidas. (Fachada lateral da igreja e convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro)



27. Na Europa da época há referência — no caso iconográfica — à “freira gradeira”: de um e de outro lado do Atlântico, pois, “as freirinhas alegres” burlavam a reclusão conventual. (Chauvet, sem título, século XVIII)

28. A relação entre clérigos e mulheres não poupava, na representação crítica, os mais altos dignitários da Igreja. (Sem título, 1741)



29. Nos conventos e recolhimentos, os jardins podiam servir de abrigo a amores proibidos. (Sem título, c. 1757-61)

6

RITOS DA VIDA PRIVADA

Mary del Priore



1. Mapa que localiza alguns engenhos baianos do século XVIII. (Demonstração da Bahia, século XVIII)



6. O transporte em cadeirinhas levadas por escravos compunha o status dos mais bem situados socialmente, que, assim, na rua, “pavoneavam opulência”. (Cadeira de arruar, século XVIII, Rio de Janeiro)



7, 8. Na Bahia, como no resto da América portuguesa, os membros da elite — “homens-bons” na terminologia da época — eram benfeitores das instituições religiosas e assistenciais como o Hospital São Cristóvão e o mosteiro de São Bento. (7. Lourenço Veloso, Capitão Francisco Fernandes do Sym, 1699, Salvador; 8. Francisco Barcellon, século XVIII, Salvador)



9. O convento de Santa Clara do Desterro, em Salvador, para onde a elite colonial enviava suas filhas.



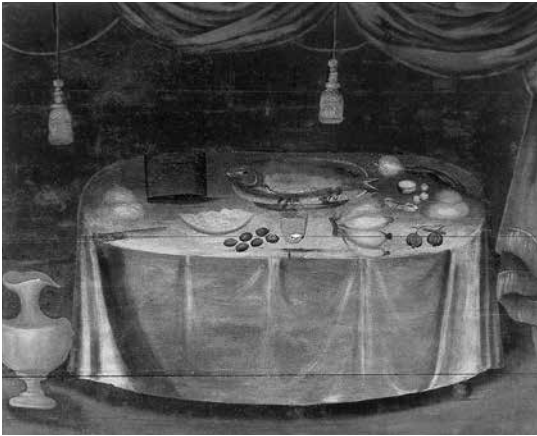
10, 11. No interior da casa, soltavam-se os cabelos; para sair à rua, ocultava-se o corpo feminino ao máximo. (Carlos Julião, sem título, segunda metade do século XVIII)



12. Se senhores e escravos se misturavam no interior do domicílio muitas vezes partilhando atividades, era também ali que os primeiros aplicavam castigos exemplares aos segundos, indicando os espaços intransponíveis que os separavam. (Algema, gargalheira, palmatória, peia e vira-mundo, séculos XVIII e XIX, Ouro Preto)



13. Escravos de ganbo: mesmo quando trabalhavam fora da casa senborial, não se furtavam aos laços de dependência. (Joaquim Cândido Guillobel, Escravos de ganho, 1812)



14, 15, 16, 17. Para as famílias abastadas, as refeições eram um ritual doméstico que ajudava a demarcar o tempo da intimidade. A representação de frutas típicas e de alimentos ornamentou o teto de casas senhoriais da época colonial. (Forro de sala de almoço, Cachoeira, século XVIII)



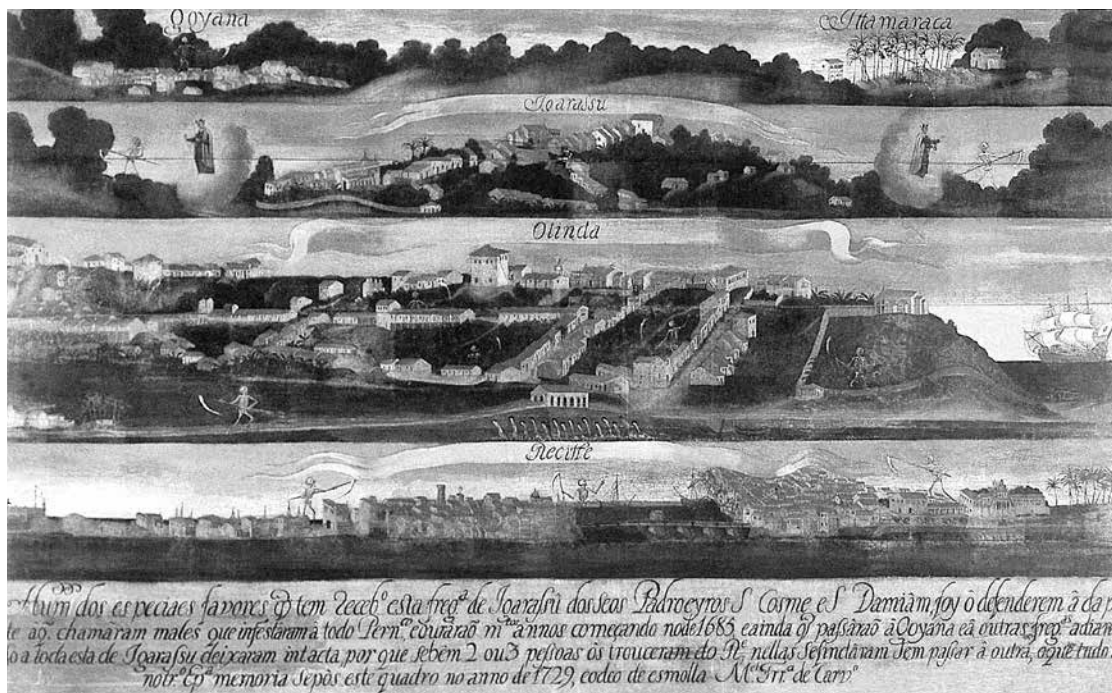
18. Um rito de violência inscrito no dia a dia difícil no sertão: voltando de Vila Nova da Rainha, em Minas Gerais, Manuel Pereira Marante (sic) foi surpreendido por 96 negros armados que o despiram e roubaram, e só não deram cabo dele graças à intercessão de São Gonçalo do Amarante. (Ex-voto, Milagre que fez o milagroso São Gonçalo do Amarante..., século XVIII, Porto, Portugal)

CALENDARIO.

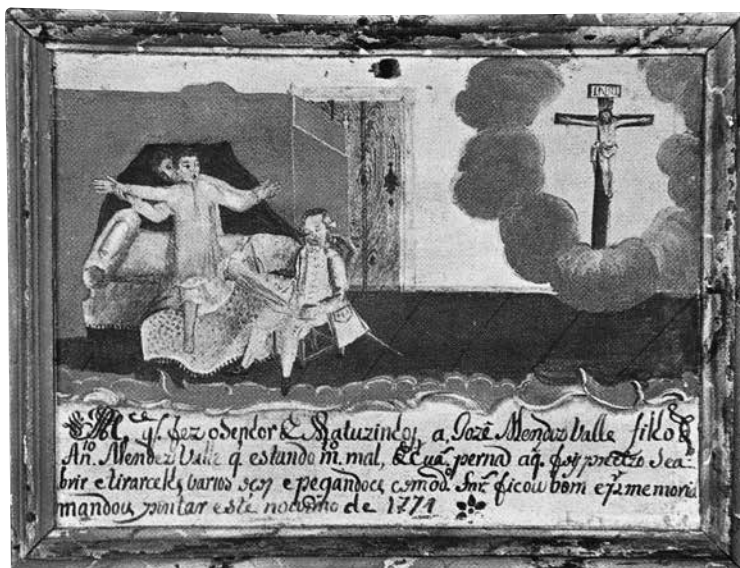
Nome Hebdomadario do 1.º dia do Mes de Janeiro de cada anno, desde 1582, epoca da reforma Gregoriana, ate o anno 4000.

Anno. 1.º Dia.	Anno.º Dia.	Anno. Dia.
1582, Sexta feira.	1612, Domingo.	1642, 4.ª feira.
1583, Sabbado.	1613, 3.ª feira.	1643, 5.ª feira.
1584, Domingo.	1614, 4.ª feira.	1644, 6.ª feira.
1585, Terça feira.	1615, 5.ª feira.	1645, Domingo.
1586, Quarta feira.	1616, 6.ª feira.	1646, 2.ª feira.
1587, Quinta feira.	1617, Domingo.	1647, 3.ª feira.
1588, Sexra feira.	1618, 2.ª feira.	1648, 4.ª feira.
1589, Domingo.	1619, 3.ª feira.	1649, 6.ª feira.
1590, 2.ª feira.	1620, 4.ª feira.	1650, Sabbado.
1591, 3.ª feira.	1621, 6.ª feira.	1651, Domingo.
1592, 4.ª feira.	1622, Sabbado.	1652, 2.ª feira.
1593, 6.ª feira.	1623, Domingo.	1653, 4.ª feira.
1594, Sabbado.	1624, 2.ª feira.	1654, 5.ª feira.
1595, Domingo.	1625, 4.ª feira.	1655, 6.ª feira.
1596, 2.ª feira.	1626, 5.ª feira.	1656, Sabbado.
1597, 4.ª feira.	1627, 6.ª feira.	1657, 2.ª feira.
1598, 5.ª feira.	1628, Sabbado.	1658, 3.ª feira.
1599, 6.ª feira.	1629, 2.ª feira.	1659, 4.ª feira.
1600, Sabbado.	1630, 3.ª feira.	1660, 5.ª feira.
1601, 2.ª-feira.	1631, 4.ª feira.	1661, Sabbado.
1602, 3.ª feira.	1632, 5.ª feira.	1662, Domingo.
1603, 4.ª feira.	1633, Sabbado.	1663, 2.ª feira.
1604, 5.ª feira.	1634, Domingo.	1664, 3.ª feira.
1605, Sabbado.	1635, 2.ª feira.	1665, 5.ª feira.
1606, Domingo.	1636, 3.ª feira.	1666, 6.ª feira.
1607, 2.ª feira.	1637, 5.ª feira.	1667, Sabbado.
1608, 3.ª feira.	1638, 6.ª feira.	1668, Domingo.
1609, 5.ª feira.	1639, Sabbado.	1669, 3.ª feira.
1610, 6.ª feira.	1640, Domingo.	1670, 4.ª feira.
1611, Sabbado.	1641, 3.ª feira.	1671, 5.ª feira.

19. A ordenação do tempo individual: o calendário, que, em Portugal, pioneiro da Reforma católica, assumiu desde cedo a correção gregoriana. (Século XIX)



20. A morte de todos: a peste que, periodicamente, assolava as vilas e cidades coloniais. (Ex-votos de Igarauçu, Olinda e Recife, sem data, Igarauçu)



21. Ex-voto alusivo à doença de José Mendes Vale que, sofrendo da perna, obteve cura graças à intercessão do Senhor de Matosinhos. (Congonbas do Campo, Minas Gerais, 1771)



22. Mandando rezar missas a Nossa Senhora do Parto e oferecendo-lhe seu peso em cera, um escravo das minas de Ouro Preto recobrou a saúde, após “um ano doente sem esperança de vida, e nove meses sem fala”. (Ex-voto, Milagre que fez Nossa Senhora do Parto..., século XIX, Braga, Portugal)



23. A presença do requinte nos hábitos de higiene: um bidê em porcelana chinesa do século XVIII.

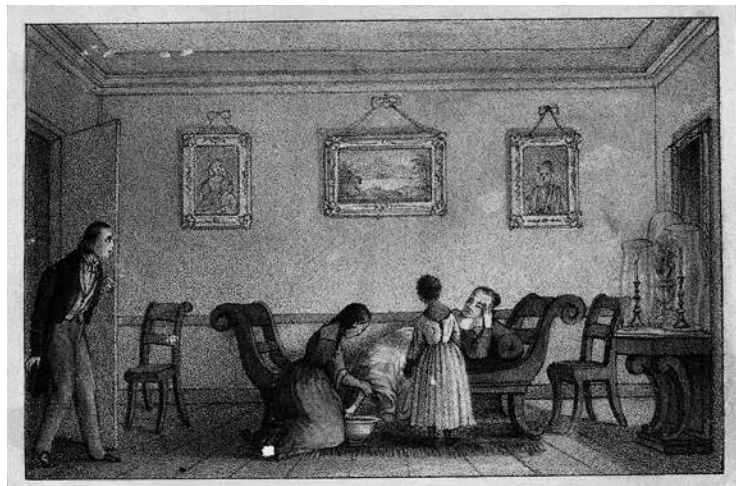


24. Se bem que ficasse sujeito às variações da moda, o ato de barbear-se integrava os hábitos da higiene cotidiana. (Bacia de barbear-se, século XIX, Ouro Preto)



25. Os cuidados com a higiene, com o corpo e com a aparência. (O cabeleireiro, século XVIII)

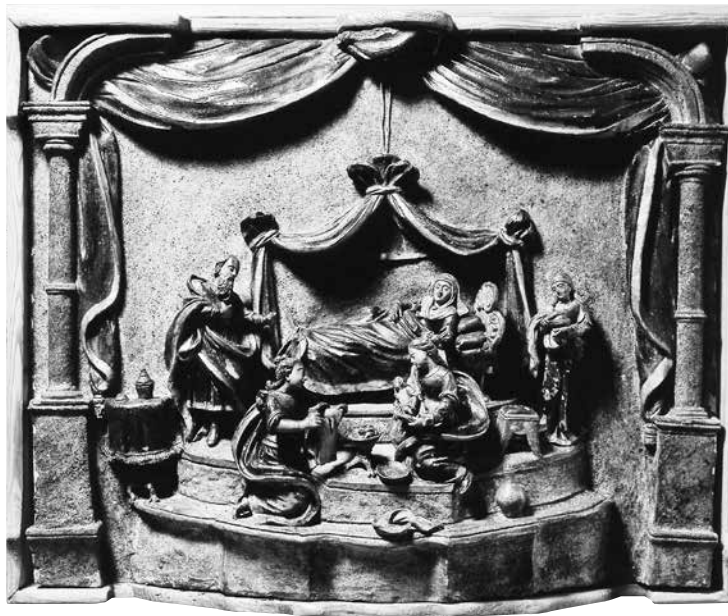
26. Um ritual constante no tempo: o lava-pés. (Ilustração para a 2ª edição de A Moreninha, de Joaquim Manoel de Macedo, 1845)



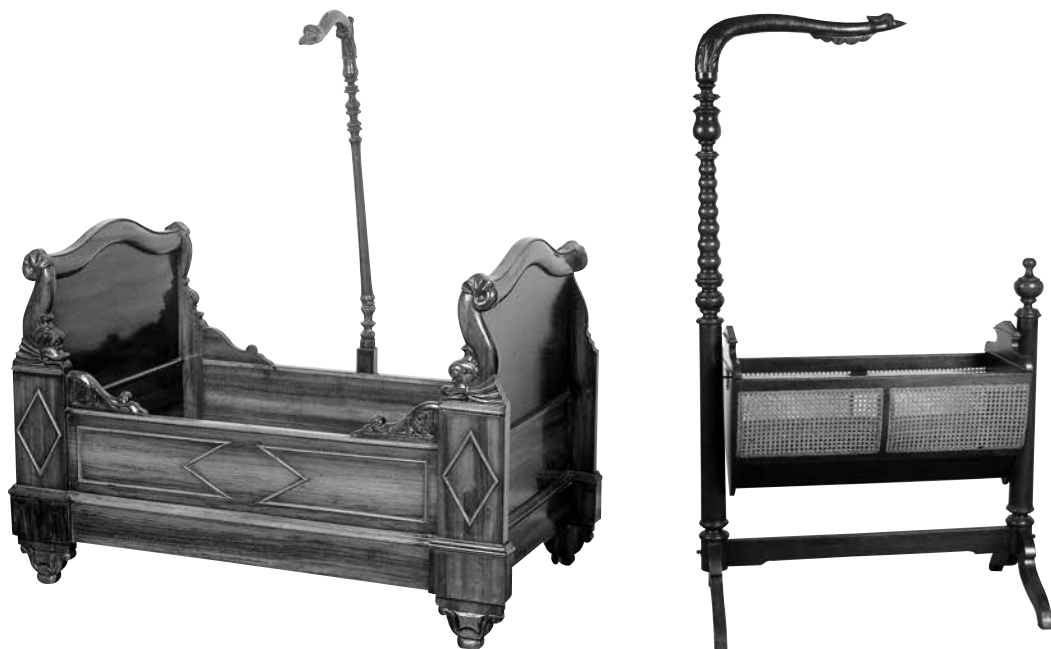
27. Num mundo em que a higiene pública era precária, o urinol era objeto imprescindível à vida doméstica. (Século XIX)



28, 29. A Virgem da Expectação era invocada para proteger os partos. A devoção doméstica a Nossa Senhora do Leite reforçava a amamentação, o leite materno sendo considerado pelos médicos de antanho um “extremado remédio”. (28. Nossa Senhora do Ó, primeira metade do século XVII, Santana de Parnaíba, São Paulo; 29. Nossa Senhora do Leite, início do século XVIII, Itu, São Paulo)



30. Na representação do nascimento da Virgem, o artista retratou os cuidados que, no século XVIII, envolviam a parturiente e o recém-nascido. (Nascimento da Virgem, século XVIII, Ouro Preto)



31, 32. Berços onde se embalavam os recém-nascidos e onde se penduravam não apenas os cortinados, contra os insetos, mas os amuletos, contra os bruxedos. (Século XIX, Salvador)



33. O requinte e a delicadeza das conchas batismais em madrepérola contrastam com a rudeza e a precariedade da vida da maioria. (Conchas de batismo, séculos XVIII-XIX)



34. De autoria popular, esta cena de sant'Ana com a Virgem sugere intimidade entre mãe e filha, e cuidado com a educação da prole. (Ex-voto de sant'Ana, 1798, detalhe)



35. “São Gonçalo do Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Por que não casais as moças?
Que mal vos fizeram elas?”
(São Gonçalo Amarante, início do século XIX,
Ubatuba, São Paulo)



36, 37. Uma representação popular do casamento: os noivos, aqui, servem para decorar uma arca de dote, onde a noiva levava o seu enxoval. (Século XIX, Ouro Preto)



38. O dote de casamento: “o enxoval da noiva, em que figuravam sempre o anel, brincos de ouro [...] mobiliário, que vinha a ser a cama e mais roupas”.
(Cama de casal, século XVIII)



39, 40. A morte, o além e a ritualização doméstica do religioso: Nossa Senhora da Boa Morte e as almas que, no fogo do Purgatório, anseiam pela salvação. (39. Almas do Purgatório, século XVIII, São Paulo; 40. Nossa Senhora da Boa Morte, século XVIII, São Paulo)



41, 42, 43. “Os moribundos lembram-se de parentes mortos [...] pensam nas almas do Purgatório, especialmente nas que mais desamparadas e sem remédio estão, às quais poderão vir a juntar-se com ajuda de muita missa.” (Caixas de esmolar: 41. Século XVIII, Bahia; 42. Início do século XIX, São Sebastião, São Paulo; 43. Século XVIII, Minas Gerais)



389

H Y M N I
P E R
T O T V M A N N V M .
I N D O M I N I C I S
& Feriis Aduentus Domini.

Hymnus.

Quætor alme siderum,
 Ætærna lux credentium,
 Iesu Redemptor omnium,
 Intende votis supplicum.
 Qui dæmonis ne fraudibus
 Periret orbis, impetu
 Amoris actus, languidi
 Mundi medela factus es.
Commûac qui mundi nefas
 Vt expiâres, ad Crucem
 E Virginis Sacrário
 Intâcta prodis victima.
 Cuius potestas glória,
 Noménque cum primùm sonat;
 B b 3 E L

44. A presença do Juízo Final no imaginário dos colonos: representação do tema segundo um missal europeu corrente na América portuguesa. (Século XVIII)



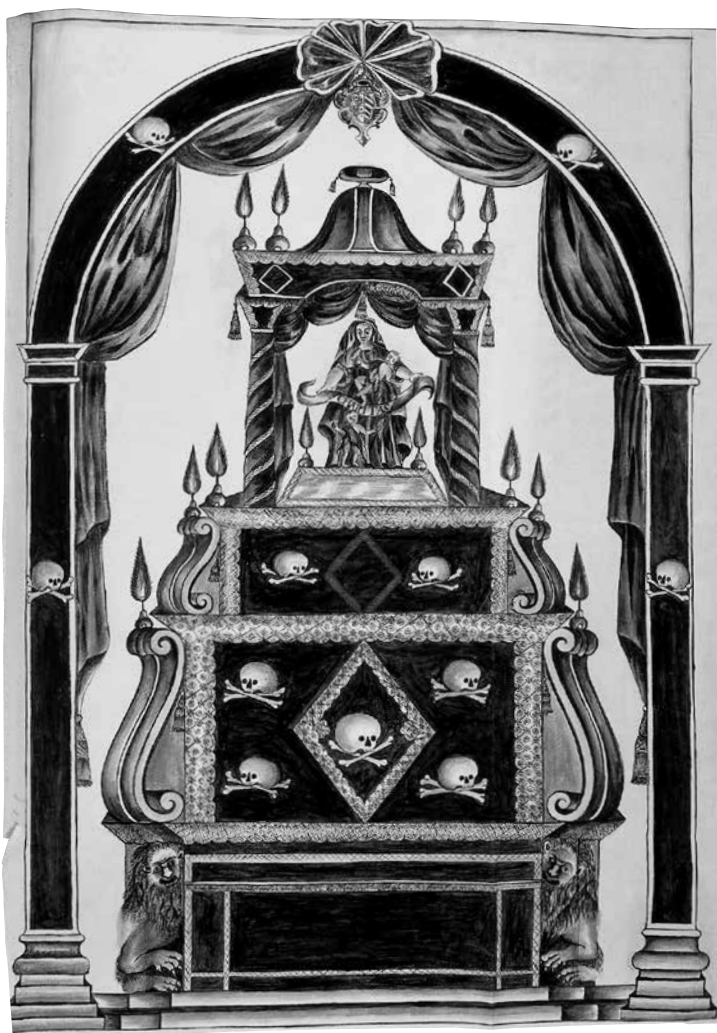
45. *A pedagogia do medo: o inferno, de onde não se podia sair, aterrorizava o moribundo. (Sem título, século XVIII)*



46. O desejo de todos, que invariou no tempo: morrer entre os seres queridos. (“A morte em casa”, 1845)



47. “A igreja incentivava o clima de preparação para bem morrer”: conjunto de santos óleos, próprios para a extrema-unção. (Segunda metade do século XVIII, Minas Gerais)




48. *A celebração fúnebre dos poderosos: altar de exéquias de alto dignitário no tempo do Morgado de Mateus. (Mapa de altar [Louvações a Morgado de Mateus], [1758])*

7

O QUE SE FALA E O QUE SE LÊ:
LÍNGUA, INSTRUÇÃO E LEITURA


Luiz Carlos Villalta

KATECISMO
INDICO
 DALINGVAKARIRIS,
 AGRESENTADO DE VARIAS
 Praticas doutrinaes, & moracs, adapta-
 das ao genio, & capacidade dos
 Indios do Brasil,
 PELO PADRE
Fr. BERNARDO DE NANTES,
Capuchinho, Prigador, & Missionario
Apostolico;
 OFFERECIDO
 AO MUY ALTO, E MUY PODEROSO REY
 de Portugal
DOM JOAÕ V.
 S. N. QUE DEOS GUARDE.



LISBOA,
 Na Officina de VALENTIM DA COSTA
 Deslandes, Impressor de Sua Magestade.
 M. DCCIX.
 Com todas as licenças necessarias.

TESORO
 DE LA LENGVA
 GVARANI.
 COMPVESTO POR EL PADRE
Antonio Ruiz, de la Compañia de
IESVS.
 DEDICADO A LA SOBERANA VIRGEN
MARIA



Con Privilegio. En Madrid por Iuan Sanchez, Año 1639.

Fol. 1.

EL
TEXTO DE LA
 DOCTRINA CHRIS-
 TIANA:
EN LENGVA GVARANI-
Y
CASTELLANA.

Santa Cruz,	Por la señal
Rããngãba rehê,	De la Santa Cruz,
Oredãmãta neĩmbã-	De nuestros enemi-
ragũ	gos
Orepĩgũrã epê	Libranos Señor,
Tã	A Dios

en lengua Guaraní, y Castellana. 83

há rehê ayemuré,
 Santos upe êie:
 tachepũ tybõ nõ
 Tupã robaque.

tos pido que me
 sean intercesso-
 nes.

CAP. VIII. Sobre los Mandamientos de la Ley de Dtos.

P. Ene Tupã nõnde quaytãbã.	P. Decid los manda- mientos, pag. 7.
R. Tupã nõnde quay- tãba, &c.	R. Los Mandamien- tos, &c.
P. Marã pyabo pẽ (ereãhũ Tupãne mbaepãbẽ açoçẽ) ere roãẽ	P. Que quiere dezir amarãs a Dios so- bre todas las co- sas?
R. Chẽbẽ nõ peyẽ- ronũ, chepe Tupã etẽãmã chere- cõto, chẽrũ añõ peyẽrobiãto, che añõ mbaepãbẽ-- qui	R. Que a el solo he- mos de adorar, y a el solo hemos de tener por Dios, confiãdo en el, y amãdo le sobre to- dos

F 2

1, 2, 3, 4. Um exemplo importante de catecismo indígena: o de Bernard de Nantes, em língua cariri. Um dos aspectos da internalização do processo civilizatório: Montoya escreve dicionários em língua guarani; os índios, exímios desenhistas e calígrafos, elaboram manualmente os catecismos bilíngues. (1. Katecismo indico da lingua kariris..., 1709; 2. Antonio Ruiz de Montoya, Tesoro de la lengua gvarani, 1639; 3. Catecismo de la lengua guarani, século XVII; 4. Antonio Ruys, Catecismo de la lengua guarani, século XVII, manuscrito feito nas Missões Jesuíticas)

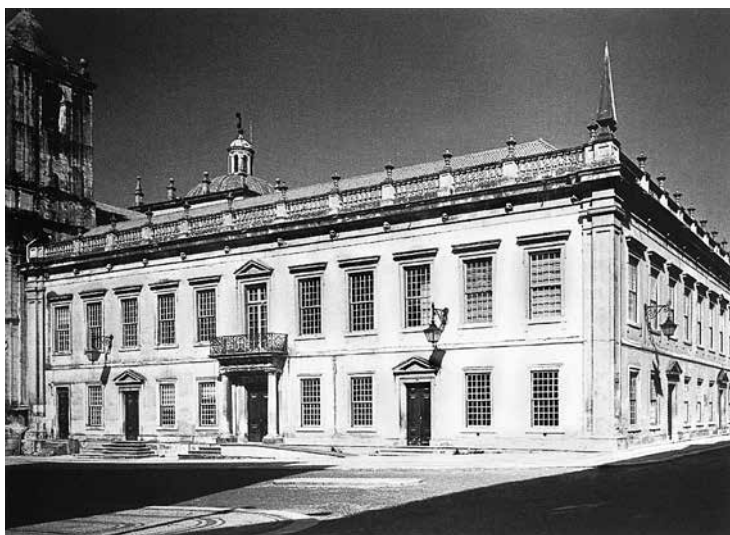


G.F.L. Debiec sculp. 1745. *VERA EFFIGIES CELEBERRIMI
P. ANTONII VIEYRA,
e Societ. Jesus, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionato-
rum Principis, quem dedit Lusitania mundo Ulyssipo Lusitanice,
Societati Brasilia. Obiit Bahice prope nonagenarius die 12 Julii An.
1697. Quiescit in regio Collegii Bahyensis templo, ubi sepultus frequen-
tissimo urbis concursu, æterno orbis desiderio.*

5. Padre Antônio Vieira, a maior figura das letras na América portuguesa de fins do século XVII. (Gabriel Francisco Debiec, Padre Antônio Vieira, 1745)



6, 7. Durante todo o período colonial, a Universidade de Coimbra foi o lugar em que se formaram os luso-brasileiros.

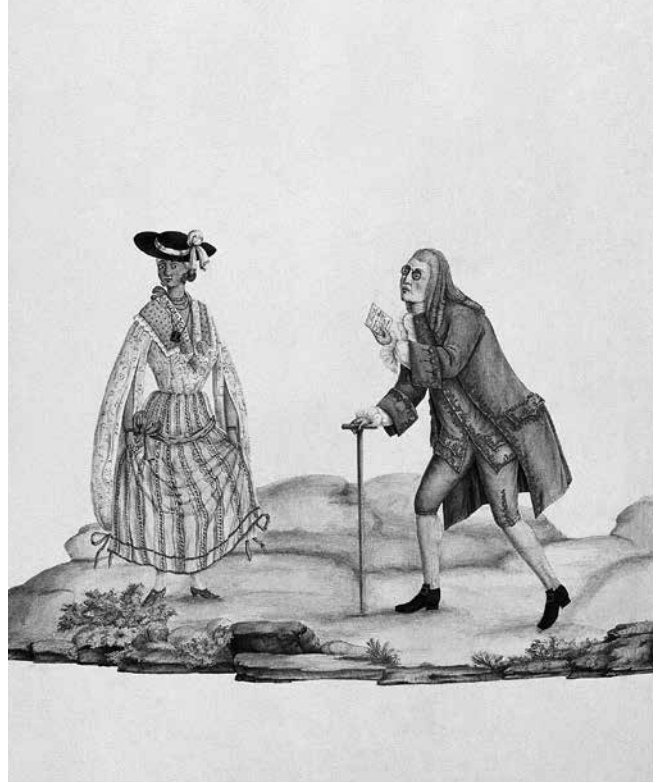




8. Conforme atesta este diploma, José Álvares Maciel, futuro inconfidente, bacharelou-se em filosofia pela Universidade de Coimbra em 29 de julho de 1785.



9. Seminário Menor de Mariana, onde se formou e ensinou boa parte do clero mineiro, inclusive o inconfidente cônego Luís Vieira da Silva.



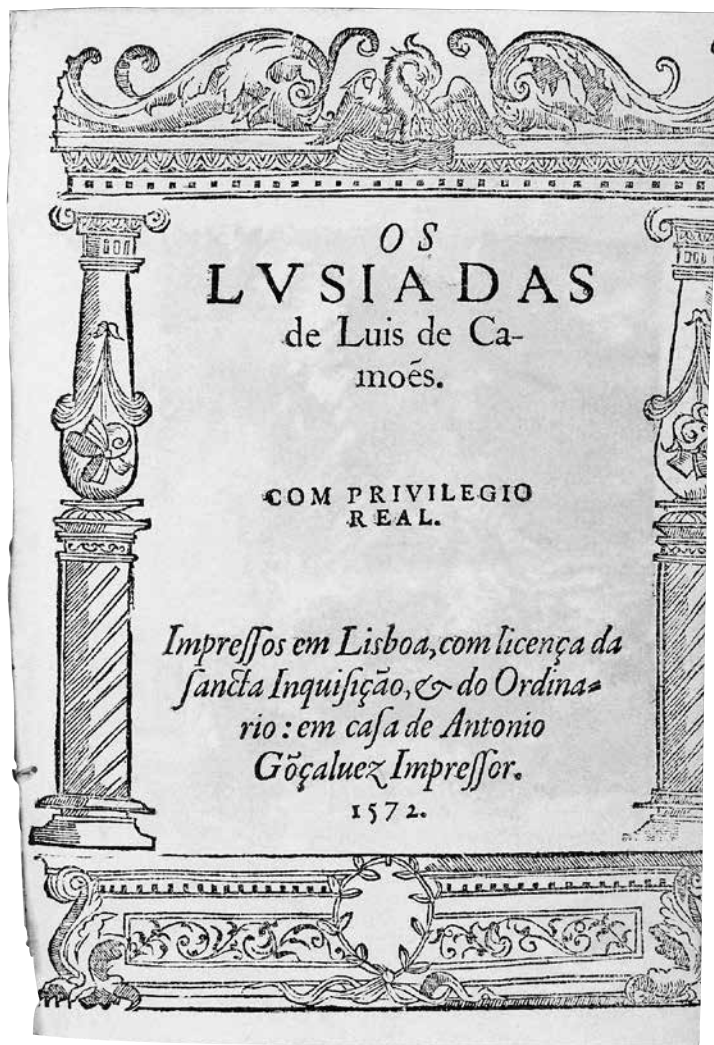
10. O uso da escrita para fins amorosos: o velhote leva um bilhete à jovem mestiça. (Carlos Julião, sem título, segunda metade do século XVIII)



11. Sant'Ana foi modelo inspirador das mães-mestras, particularmente comuns numa colônia em que escasseavam os professores de primeiras letras. (Sant'Ana Mestreira, início do século XVIII, Recife)



12. D. frei Manuel da Cruz, primeiro bispo de Mariana e protagonista central do *Áureo Trono Episcopal*. (1764)



13. Luís de Camões, autor muito presente nas bibliotecas coloniais, integrava, por exemplo, a do cônego da Sé de Mariana, Luís Vieira da Silva. (Primeira edição de Os Lusíadas, 1572)

MARILIA
DE
DIRCEO.

Maria Beatriz Joaquina de Seixas

POR T. A. G.



LISBOA:
NA TYPOGRAFIA NUNESIANA

ANNO M. DCC. XCII.

*Com Licença da Real Meza da Commissão
Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

14. Tomás Antônio Gonzaga, Marília de Dirceu, 1792.




15. A proibição de ler certas obras, vigente em Portugal por mais de três séculos, era, na prática, burlada ou contornada pelos mais influentes. (Rol dos livros que neste reyno se prohibem..., 1564, Portugal)

NOTICIAS
CURIOSAS,
E NECESSARIAS
DAS COVSAS DO
BRASIL.

Pello P. SIMAM DE VASCONCELLOS
da Companhia de Iesus,

*Natural da Cidade do Paris, Lente que foi da Sagrada Theologia,
& Provincial naquella effada.*



EM LISBOA.


Na Officina de IOAM DA COSTA. Anno 1668.

COM AS LICENÇAS NECESSARIAS.

BRASILIA
PONTIFICIA,
SIVE
SPECIALES FACULTATES PONTIFICIAE,
BRASILIAE EPISCOPIS
CONCEDUNTUR,
ET SINGULIS DECENNII RENOVANTUR,
cum Notationibus evulgatae,
ET IN QUATUOR LIBROS DISTRIBUTAE
R. P. SIMONEM MARQUES
CONIMBRICENSIS SOCIETATIS IESU,
IN PROVINCIA BRASILENSI THEOLOGICI TUM PONTIFICIS SCOLASTICUM
Dyocesan, olim in Collegio Iesuatico, hunc Theologiae Professorum, postea tunc
in eadem Collegio Theologiae professorum Theologum.

ACCESSIT APPENDIX
Præcausa in Brasilia reformatæ cum agilitate eorum expellunt.

OPUS
OMNIBUS CONFESSARIIS, PAROCHIS, CAUOCHIS, ET SACRIS
Ministris, pœnitenti Confessoribus, et in quibuslibet Curia, quæ Christianis per
quam alio, et modis.



ULYSSIPONE.


EX Typis MICHAELIS RODRIGUES,
Imprimensis Officij Curia, et in quibuslibet
Curia, quæ Christianis per
quam alio, et modis.

MUSICA
DO
PARNASSO
DIVIDIDA EM QUATRO COROS

DERIMAS
PORTUGUESAS, CASTELHA-
nas, Italianas, & Latinas.
COM SEU DESCANTE COMICO REDUZIDA
em duas Comedias,

OFFERECIDA
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR DOM NUNO
Alvarez Pereira de Mello, Duque de Cadaval, &c.
E ENTOADA
PELO CAPITAM MOR MANOEL BOTELHO
de Oliveyra, Fidalgo da Casa de Sua
Magestade.

LISBOA.




Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impressor do
Santo Officio Anno de 1705.

VIDA
DO VENERAVEL PADRE
JOSEPH DE ANCHIETA
DA COMPANHIA DE IESU, TAVMATVRGO
do Nosso Mundo, na Provincia do Brasil.

COMPOSTA

Pello P. SIMAM DE VASCONCELLOS, da
mesma Companhia, Lente de Prima na sagrada Theo-
logia, & Provincial que foi na mesma Provincia,
natural da Cidade do Porto.

DEDICADA AO CORONEL
FRANCISCO GIL D'ARAVIO.



EM LISBOA.
Na Officina de IOAM DA COSTA.

M.D.C.LXXII.

Com todas as licenças necessarias.

COMPENDIO
HISTORICO
DO ESTADO
DA UNIVERSIDADE
DE
COIMBRA
NO TEMPO DA INVASÃO DOS DENOMINADOS
JESUITAS
E
DOSESTRAGOS
FEITOS NAS SCIENCIAS
E NOS PROFESSORES, E DIRECTORES
QUE A REGIAM
PELAS MAQUINAÇÕES, E PUBLICAÇÕES
DOS NOVOS ESTATUTOS
POR ELLES FABRICADOS.



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA.
ANNO MDCLXXII.

ANECDOTES
SUR
M. LA COMTESSE
DU BARRI.

Hæc ubi supposit dextro corpus mihi lævum,
Eia & Egeria est: do nomen quodlibet illi.

Horat. L. I. Sat. II. vs. 125, 126.



A LONDRES.

MDCCCLXXV.


16, 17, 18, 19, 20, 21, 22. Frontispícios de algumas das obras mais lidas na América portuguesa durante o século XVIII. (16. Simão de Vasconcelos, Noticias curiosas, e necessarias das cousas do Brasil, pello P. Simam de Vasconcellos da companhia de Iesus..., 1668; 17. Simão Marques, Brasilia Pontificia, sive speciales facultates pontificiae..., 1749; 18. Manuel Botelho de Oliveira, Musica do parnasso em quatro coros de rimas portuguesas, castelhanas, italianas & latinas..., 1705; 19. Simão de Vasconcelos, Vida do venerável padre Joseph de Anchieta..., 1672; 20. Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra..., 1772; 21. Anedoctes sur mme. La comtesse du Barry [1775]; 22. Jean-Jacques Rousseau, Émile, 1762)

ÉMILE,
OU
DE L'ÉDUCATION.

Par J. J. ROUSSEAU,
Citoyen de Genève.

Scilicet apparet mihi, si quæque me in rebus
sanctis gratia, & essentiali virtute, præ-
sentat de ead. L. II. c. 17.

TOME PREMIER.



A LA HAYE,
Chez JEAN NEAUME, Libraire.

M. DCC. LXII.
*Avec Privilège de Sa Majesté les Rois de Hollande
& de Westphalie.*

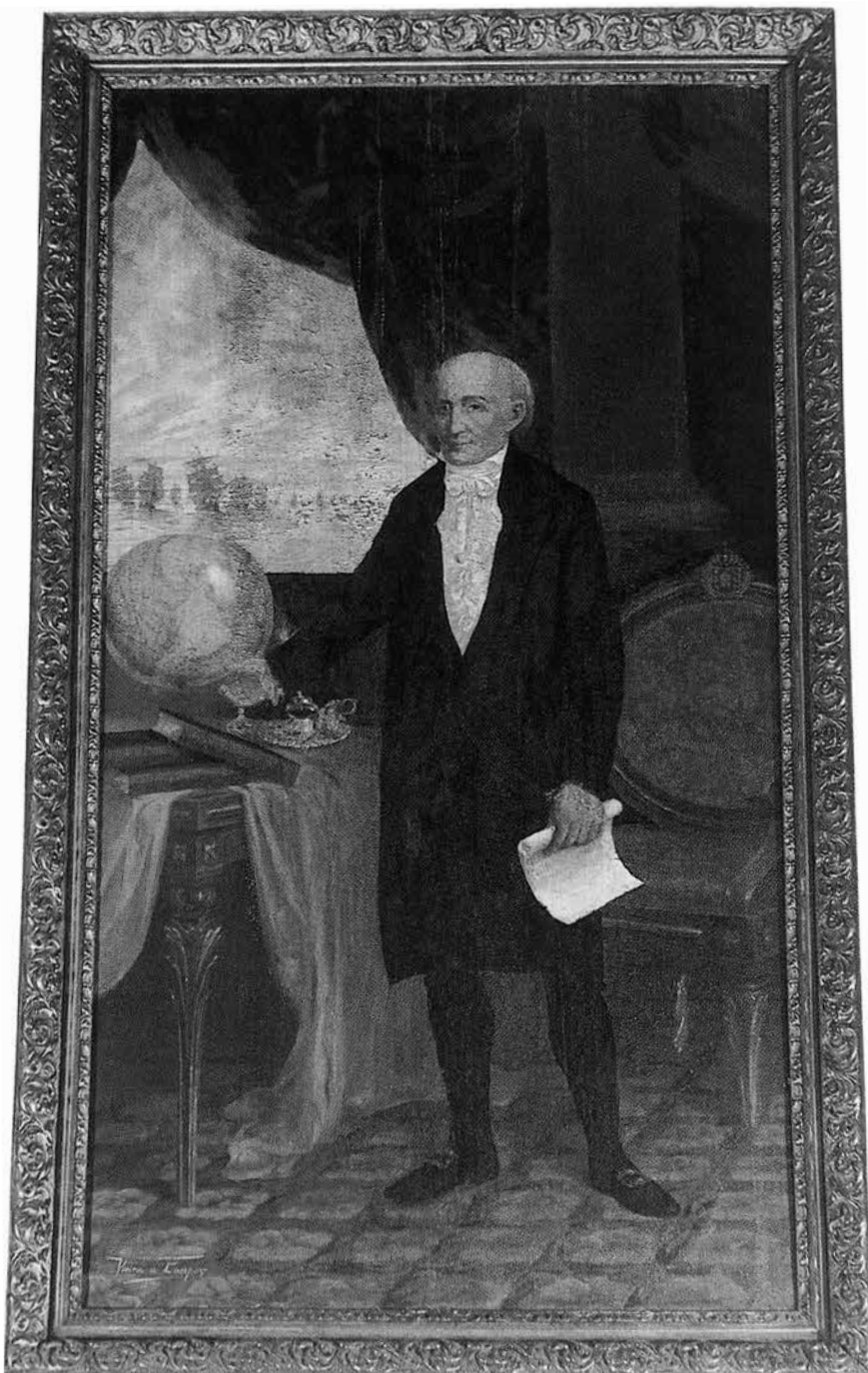
23. A estante com livros, o globo, as resmas de papel, a pena, o tinteiro: objetos de escrita e de leitura num ambiente em que a rede e o chão de tábuas lavadas dão o tom tipicamente colonial. (Jean-Baptiste Debret, Um erudito trabalhando em seu gabinete, detalhe)



24. Conjunto de objetos de escrita. (Tinteiro, século XVIII)



25. Bispo d. frei Domingos da Encarnação Pontével, século XVIII, Mariana.



26. Figura de destaque da América portuguesa, o visconde de Cairu se fez representar junto com objetos que sugerem atividade intelectual: o globo terrestre, os livros, o tinteiro, a pena. (Vieira Campos, José da Silva Lisboa, visconde de Cairu, Salvador)



27. Apesar de nem sempre haver aposentos específicos para a prática da escrita e da leitura, a cadeira e a mesa de trabalho atestam a preocupação com certo recolhimento. (Thomas Ender; Interior de residência do barão Von Huguel [...] no Rio de Janeiro em 1817, detalhe)

8

A SEDUÇÃO DA LIBERDADE:
COTIDIANO E CONTESTAÇÃO
POLÍTICA NO FINAL
DO SÉCULO XVIII

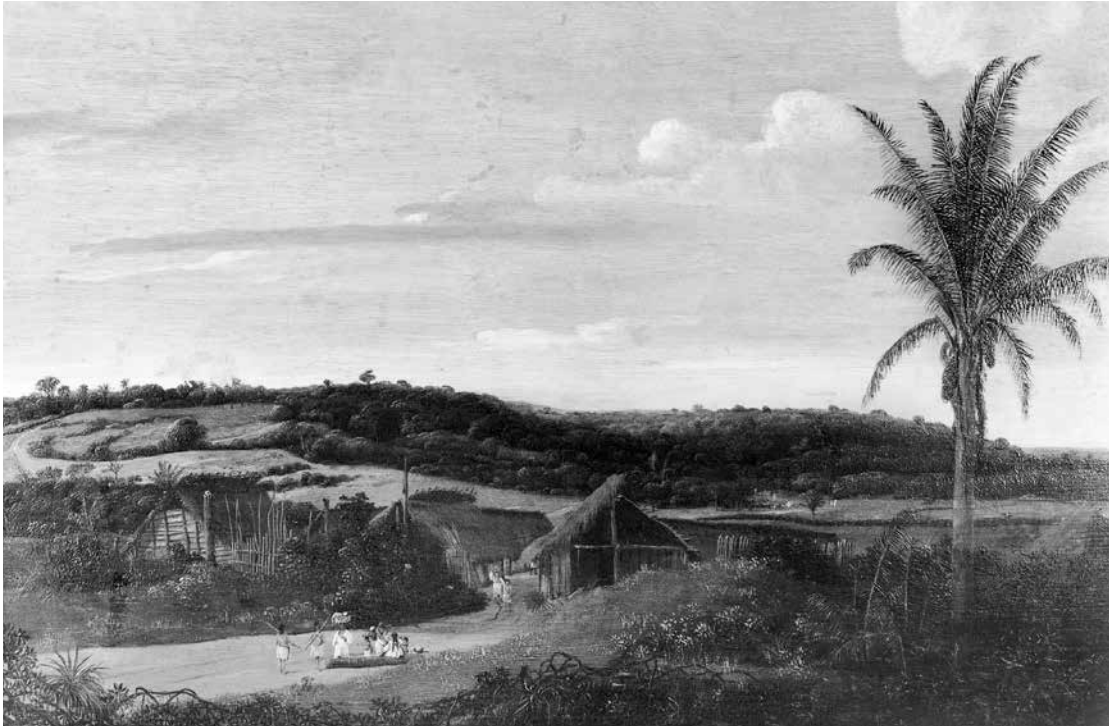
István Jancsó



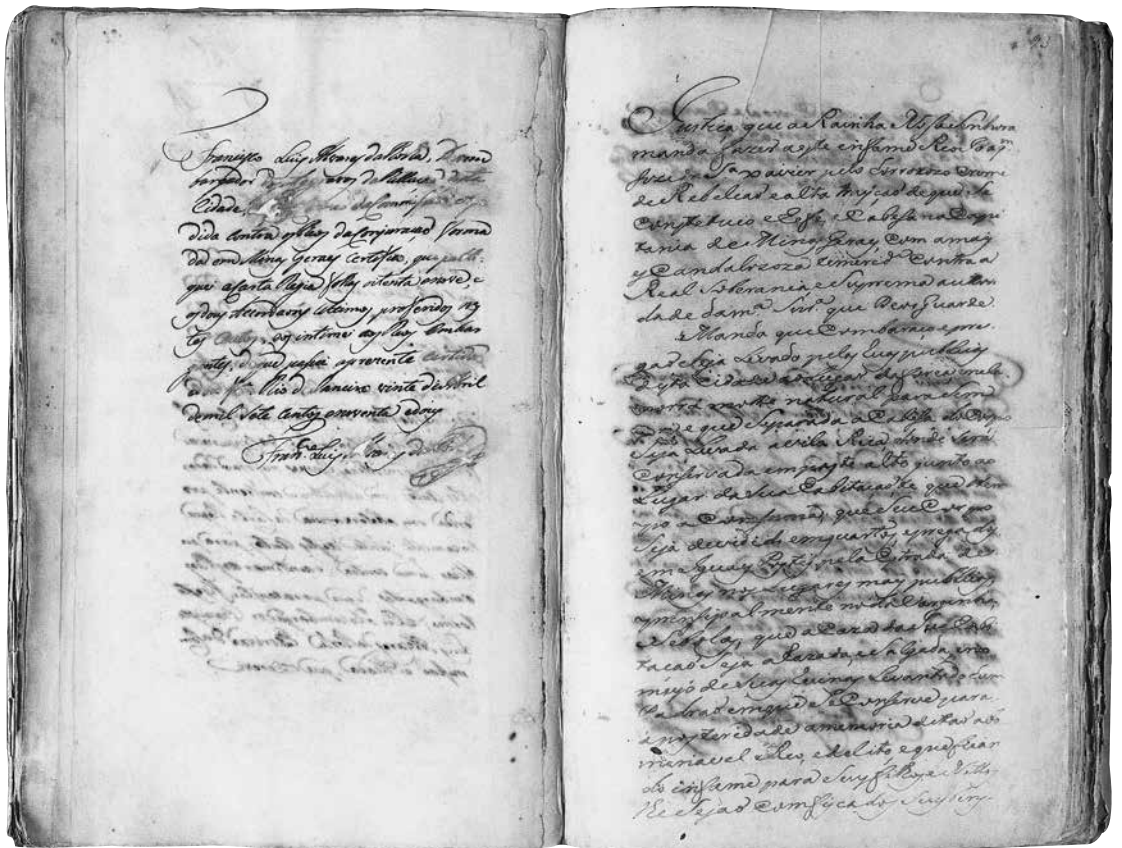
1. Residência do contratador João Rodrigues de Macedo, hoje conhecida como Casa dos Contos, em Vila Rica. Ao que tudo indica, foi local de reuniões sediciosas antes da descoberta da Inconfidência. Depois, quando já corriam as averiguações, foi palco do suicídio (ou assassinato?) do poeta Cláudio Manuel da Costa. (Ouro Preto)



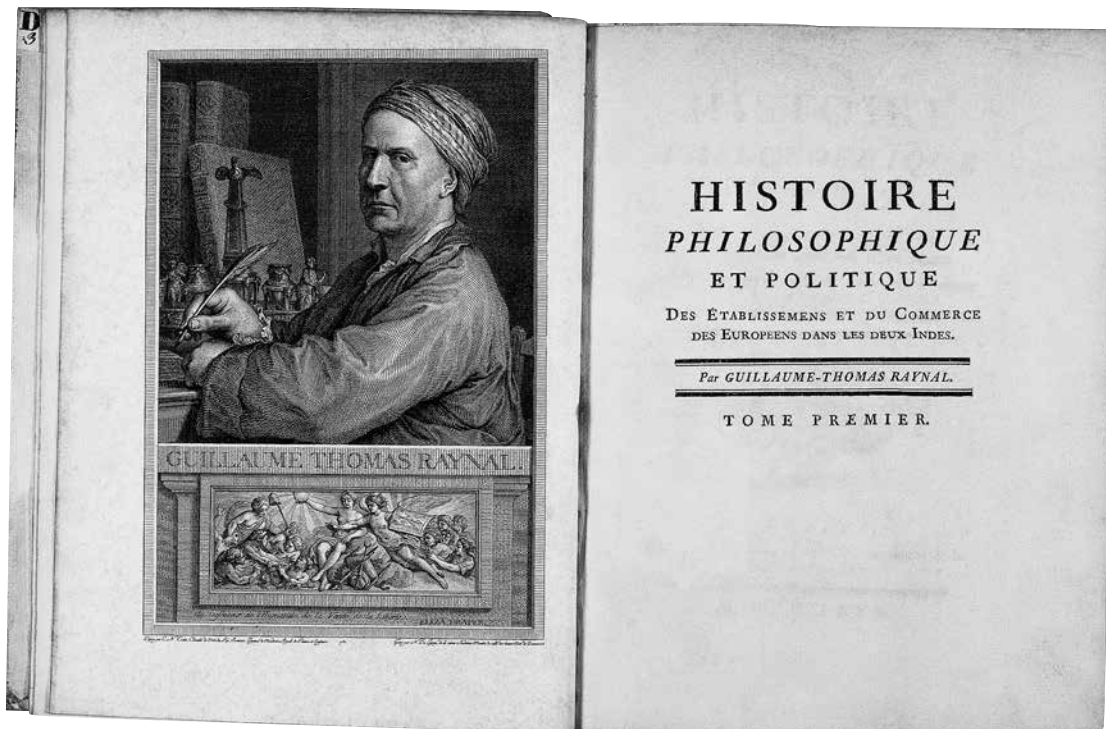
2. A cidade que, após ser sede da Colônia por mais de duzentos anos, vê-se às voltas, em 1798, com a contestação colonial. (João Caldas [Prospecto de Salvador], 1758, em Notícia geral da capitania da Bahia — 1759)



3, 4. *A diferença da morada espelha a estrutura social hierárquica, própria à Colônia, e de fundamental importância para a insatisfação que, na Bahia, explodiria na sedição de 1798.* (3. Frans Post, Mocambos, c. 1630; 4. Vista de um engenho de cana-de-açúcar, c. 1630)



5. A sentença da rainha d. Maria I poupou os inconfidentes da pena máxima, reservada apenas a Tiradentes. (Autos de Devassa da Inconfidência Mineira [1792])



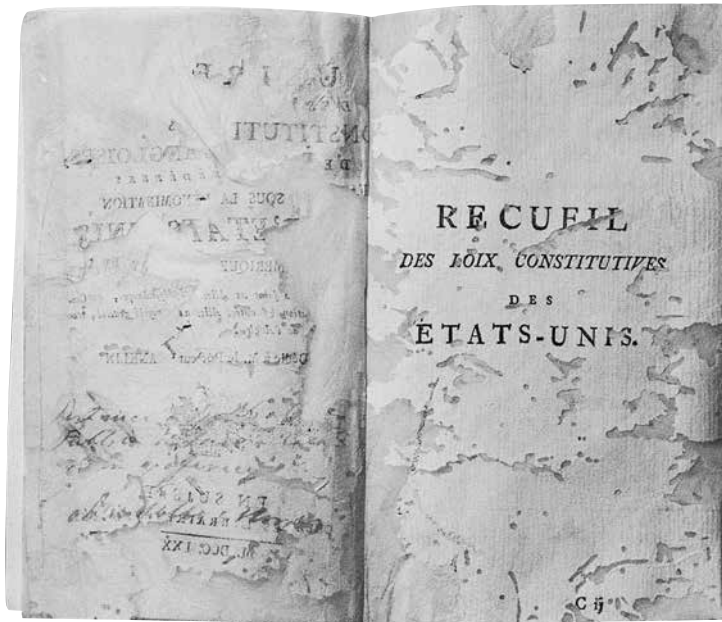
8. *A Histoire des deux Indes, do abade Raynal, sintetizava todo o pensamento ilustrado acerca da colonização europeia, motivo pelo qual se tornou leitura obrigatória (ainda que proibida) dos sediciosos na América portuguesa. (1780)*

9. *Este relógio de algibeira pertencia a Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. (Século XVIII, Londres)*





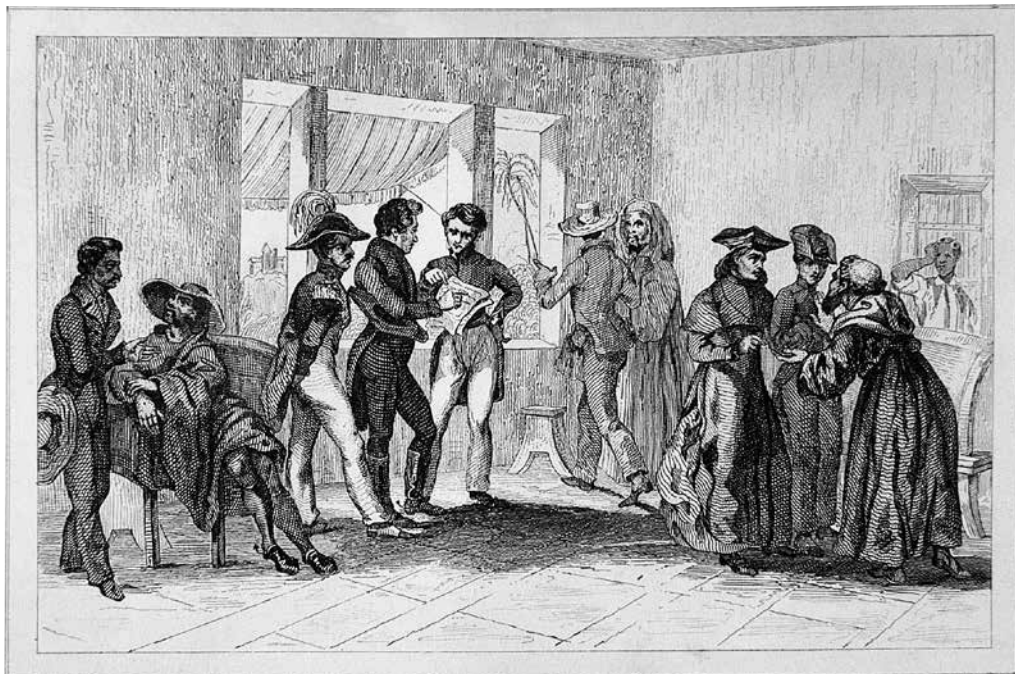
10. Como outras vilas mineiras da segunda metade do século XVIII, São José del Rei presenciou reuniões literárias e, ao que tudo indica, sediciosas. (Século XVIII, Tiradentes, Minas Gerais)



11. “Os textos que informavam criticamente os coloniais sobre as grandes novidades do mundo e, em particular, aqueles que divulgaram o ideário revolucionário do século XVIII, não contavam com edições em português”: este exemplar das leis norte-americanas foi, segundo a tradição, o utilizado pelos inconfidentes de Minas Gerais. (Recueil des loix constitutives des colonies anglaises, confederées sous la dénomination d’Etats-Unis de l’Amérique septentrionale, 1778)



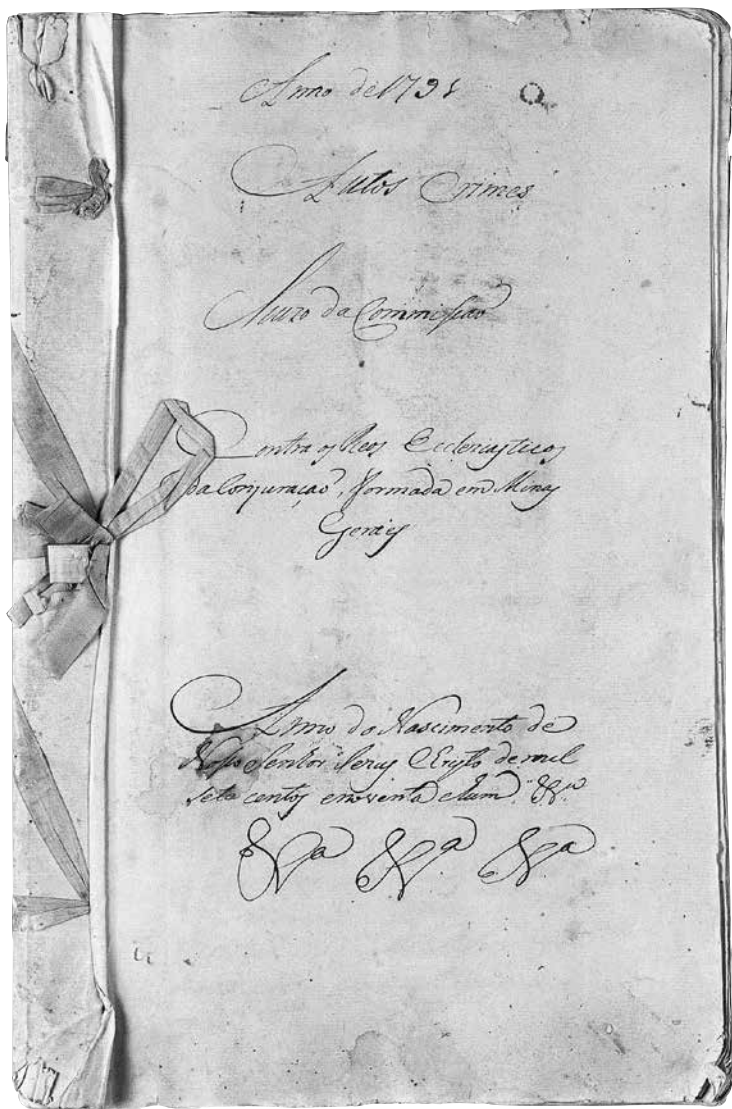
12. As Obras de Cláudio Manuel da Costa: em 1768, vinte anos antes da Inconfidência, o poeta e futuro sedicioso dedicava seus versos ao então governador da capitania de Minas Gerais, conde de Valadares. (Coimbra)



13. O espaço privado foi, no período colonial, particularmente favorável ao desenvolvimento da sociabilidade sediciosa. (H. Lalaise, Reunião política em Pernambuco, século XIX)



14. A praça da Piedade, próximo a Itapagipe em Salvador: palco, em 1798, de dramáticos acontecimentos. (Johann Moritz Rugendas, Praça da Piedade)



15, 16. Devassa secreta movida contra os réus eclesiásticos da Inconfidência Mineira. (Autos crimes — Juízo da Commissão contra os réus eclesiásticos da Conjuração formada em Minas Geraes, 1791)

17. *Casa do poeta inconfidente
Tomás Antônio Gonzaga em
Vila Rica, atual Ouro Preto.*



18. *Casa do inconfidente padre Carlos Correia de Toledo em São José del Rei, atual Tiradentes. (Casa do Padre Toledo, século XVIII, Tiradentes, Minas Gerais)*

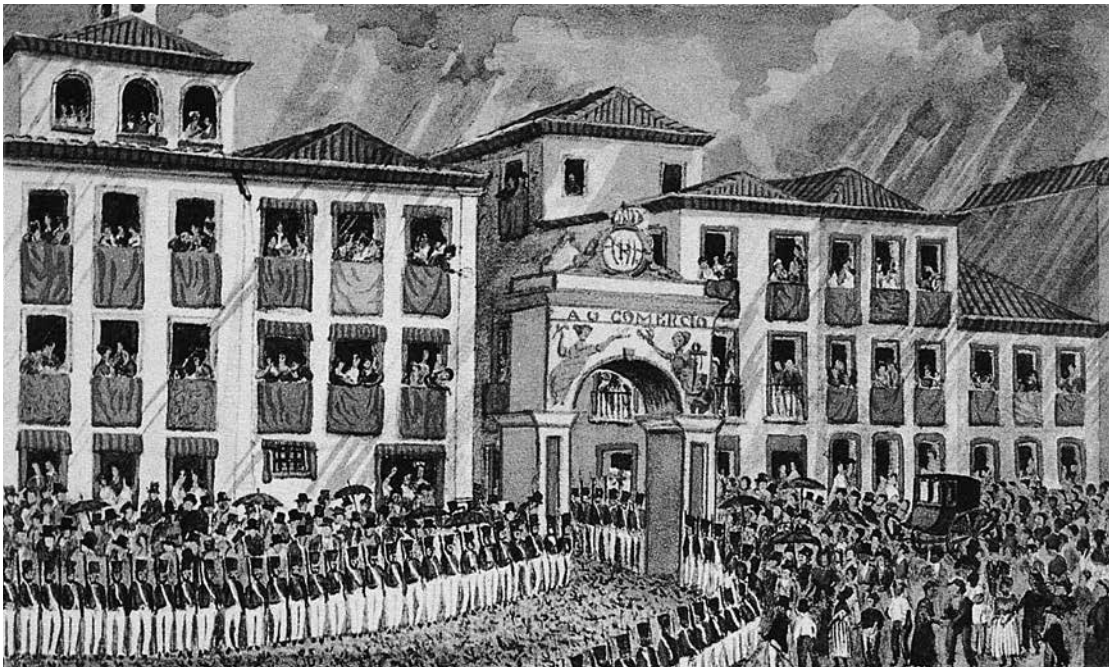
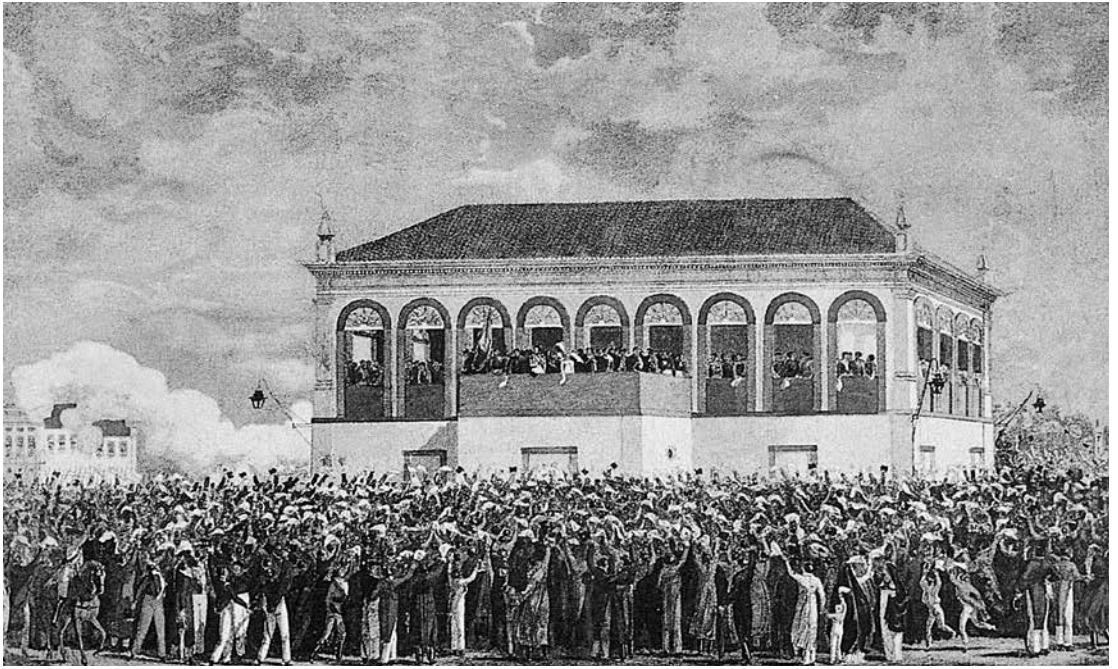
19. Fragmentos das traves de forca em que, conforme a tradição, foi executado Tiradentes — o único dos réus da Inconfidência Mineira a sofrer a pena máxima. (Século XVIII, Rio de Janeiro)



20. Rio de Janeiro, capital da América portuguesa, na época em que as sedições começaram a corroer o estatuto colonial. (Luís dos Santos Vilhena, Prospecto da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, 1775)

CONCLUSÃO

Laura de Mello e Souza



1, 2. O povo aclama, as residências se adornam: o Rio de Janeiro celebra a coroação de d. Pedro I. (1. Félix Taunay, Aclamação de d. Pedro I, c. 1822; 2. Richard Bate, Coroação de d. Pedro I, início do século XIX)

CADERNO COR



1. *A população rala se dispersava na imensidão do território.*

(*Johann Bachta, Vista da ilha da Cachoeirinha, c. 1817-8*)



2. Permeado pela violência, o contato entre paulistas e índios podia também comportar momentos de maior cordialidade.

(Joaquim José de Miranda, Cena da expedição do coronel Afonso Botelho de Sampaio e Sousa, 1768-73, século XVIII)



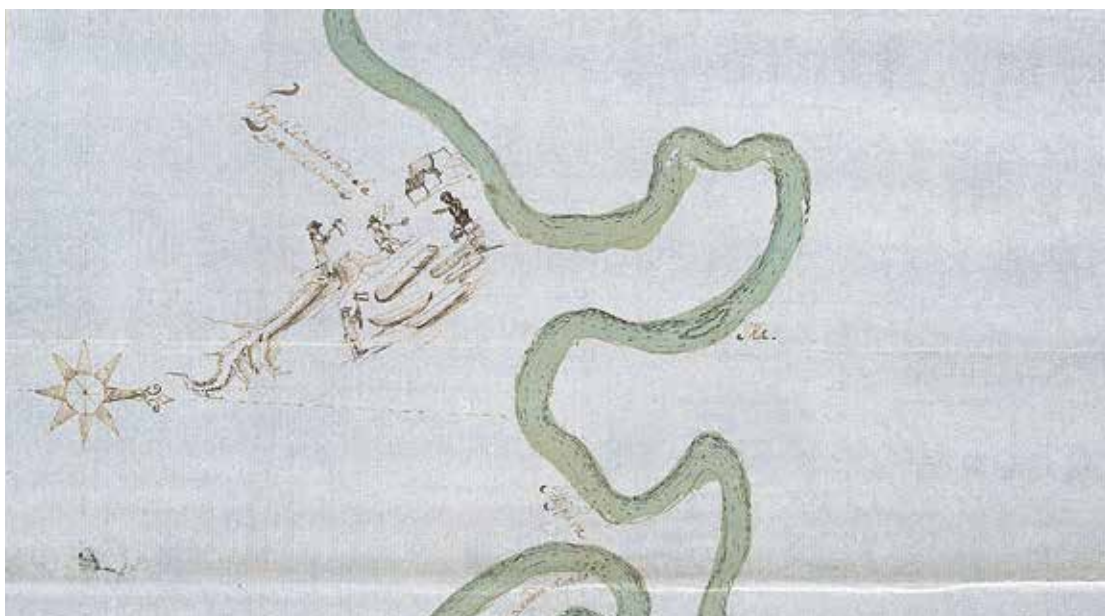
3. A cura milagrosa no pouso: “Milagre que fez a Senhora Santa Ana a Manuel Fernandes Paredes indo para Goiazes com a sua tropa e livrando-o de doenças e à sua gente, estando falhado ao pé do rio chamado de São Mateus — ano de 1775”.

(Ex-voto, século XVIII)



4. Dragões reais de Minas, à esquerda, como os que serviram no tempo de Assumar; dragões do Rio Grande, à direita, como os que andaram pela fronteira sul com Bobadela.

(José Wash Rodrigues, Dragões reais de Minas Gerais, 1730)



5. Roteiro pelo Iguatemi até o pouso.

(Sem título, século XVIII, detalhe)



6. Casa-grande de engenho onde a capela encontra-se em separado, no alto, destacando-se, no primeiro plano, a edificação dos anexos.

(Frans Post, Casa-grande com capela separada, século XVII)



7. *Casa-grande de taipa coberta de palha.*

(*Frans Post, Casa-grande, século XVII*)



8. *Negras quitandeiras entregavam doces e frutas a domicílio.*

(Henry Chamberlain, Mercado, 1822)



9. O artista europeu captou com terrível ironia o acanhamento e o provincianismo de um concerto doméstico no Rio de Janeiro.

(Festa no Rio de Janeiro, 1826)



10. Na intimidade do quarto, entre objetos de higiene pessoal, uma jovem se prepara para tomar um clister.

(O clister e a pastora, século XVIII, Salvador)



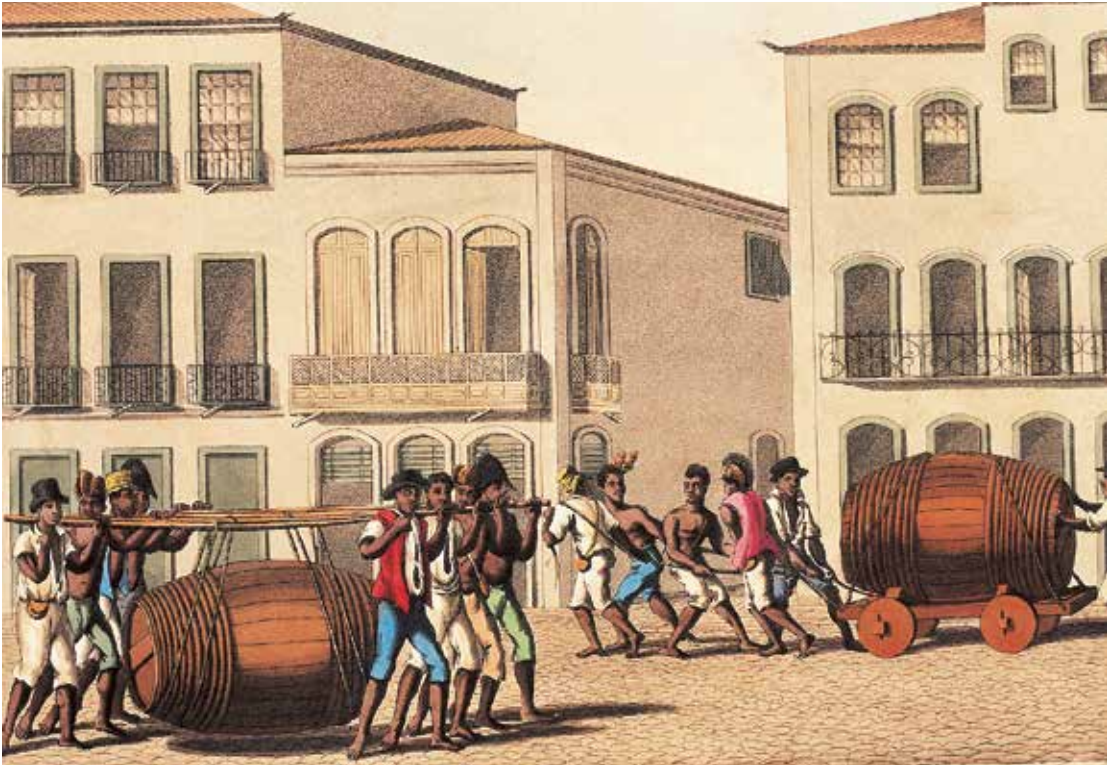
11. Uma rica senhora baiana do século XVIII, que parecia querer compensar os minguados dotes físicos com a opulência das joias.

(Maria Epifânia de São José e Aragão [1789-1800], esposa do capitão-mor Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque, século XVIII, Bahia)



12, 13. O panorama que se descortinava da janela nas residências urbanas: ruas onde transitavam cargas, cativos e animais.

(12. *Auguste Taunay*, Rua São José, 1816)



(13. Henry Chamberlain, *Negros de ganho*, 1822)



14. Tanto na cadeirinha carregada pelos escravos, como no cortejo das mucamas ataviadas, os sinais distintivos do status: uma rica senhora sai a passeio.

(Carlos Julião, sem título, segunda metade do século XVIII)



1. Este são Benedito de olhos azuis dá forma à espiritualidade multifacetada das populações coloniais, misturando uma das mais populares devoções da gente negra e os traços próprios dos colonizadores europeus.

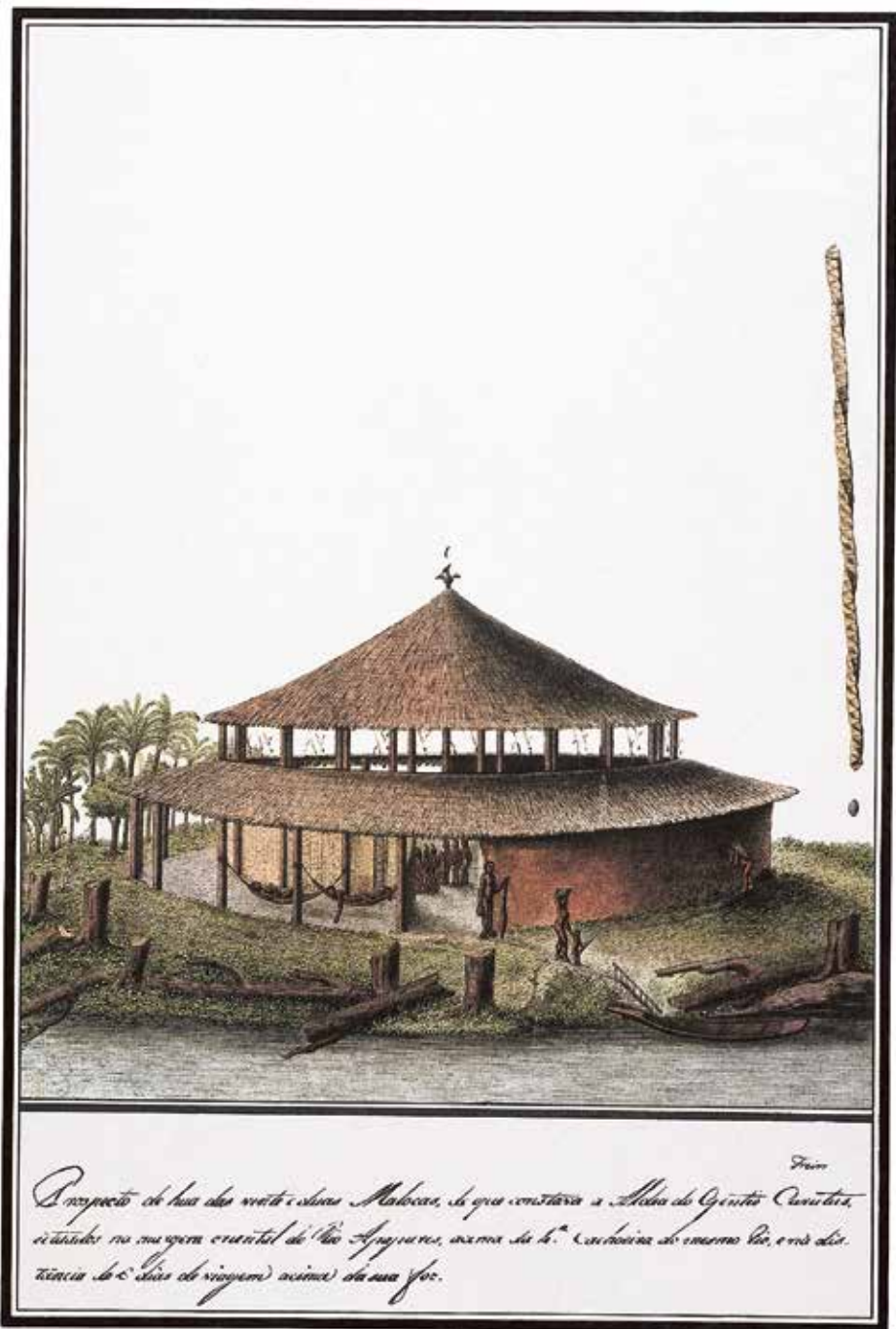
(São Benedito, século XVIII, São Paulo)

2, 3. *A devoção a São Miguel Arcanjo, árbitro das almas do Purgatório, foi muito difundida na América portuguesa, personificando a luta entre as forças do Mal e as do Bem. Ganhou forma tanto nas imagens mais eruditas quanto nas de cunho acentuadamente popular.*

(2. São Miguel Arcanjo, século XVIII; 3. Ex-voto, São Miguel e almas, século XVIII)







4. Os espaços indivisos que dificultavam, para boa parte da população, a vivência plena da intimidade.

(Maloca dos índios curutus, século XVIII)



*5. A rusticidade da imagem
quase sempre atesta a
popularidade da devoção.*

*(São José de Botas, final do século
XVII, Embu, São Paulo)*



6. Nossa Senhora do Bom Parto: a invocação dos santos protetores tinha o intuito de minorar o sofrimento na hora de trazer as crianças ao mundo.

(Século XVII, São Paulo)



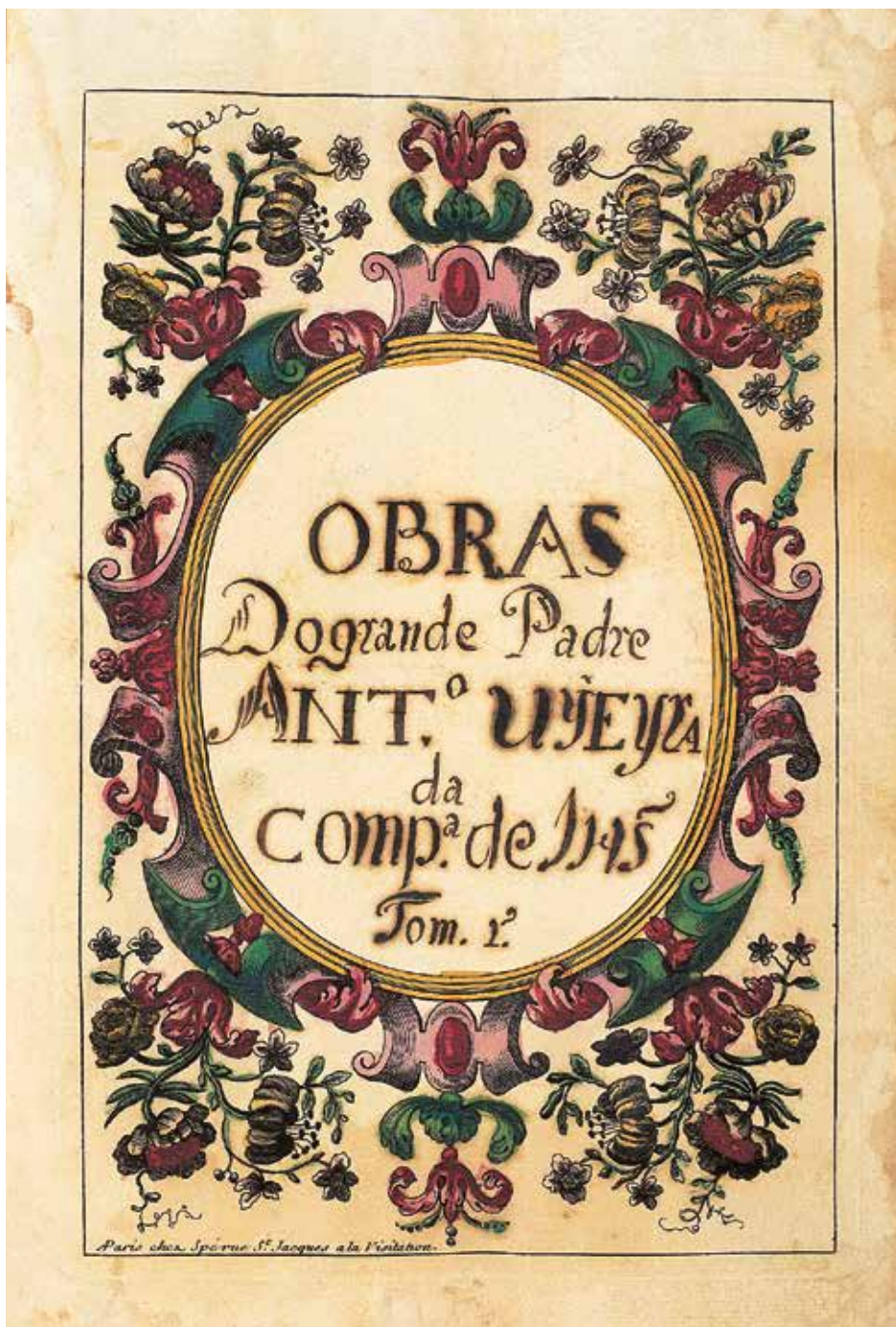
7. O ato solitário de escrever numa de suas mais altas expressões: santa Teresa d'Ávila, compondo, talvez, um de seus poemas.

(Santa Teresa leitora, século XVIII)

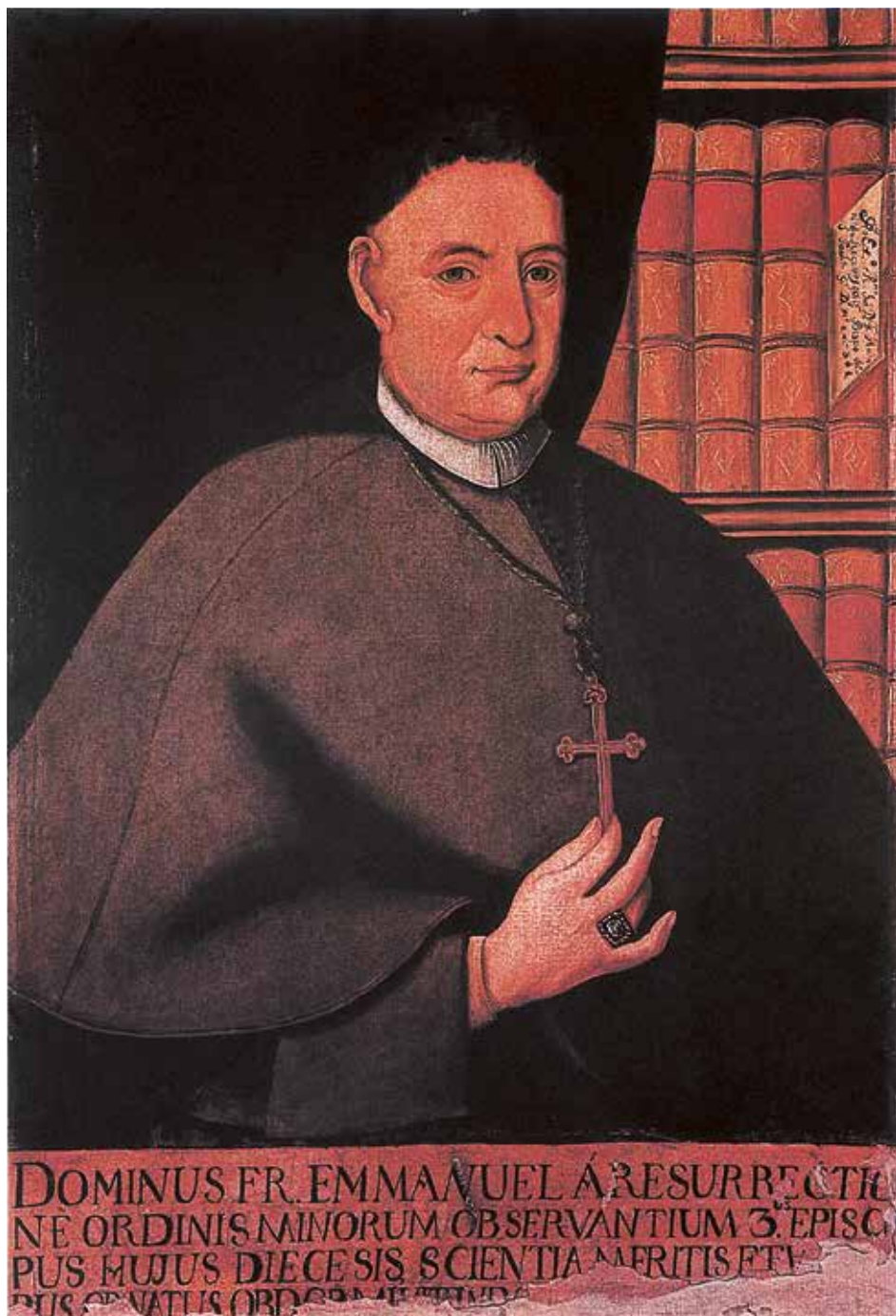


8. Os espaços indivisos: a mesa de leitura e de escrita divide o ambiente com o leito de dormir e a penteadeira com objetos de toucador.

(Thomas Ender, Interior de residência [quarto de dormir] do barão Von Huguel [...] no Rio de Janeiro em 1817)



9. Frontispício de uma das obras mais lidas na América portuguesa durante o século XVIII.



10. As bibliotecas de eclesiásticos contavam entre as melhores da Colônia e eram motivo de orgulho: aqui, d. frei Manuel da Ressurreição, terceiro bispo de São Paulo (1771-89).

(Século XVIII, São Paulo)



11. Soldados e oficiais integrantes do esquadrão de cavalaria da guarda dos vice-reis no tempo da sedição de 1794, Rio de Janeiro.

(José Wasth Rodrigues, Esquadrão da cavalaria da guarda dos vice-reis — 1786)



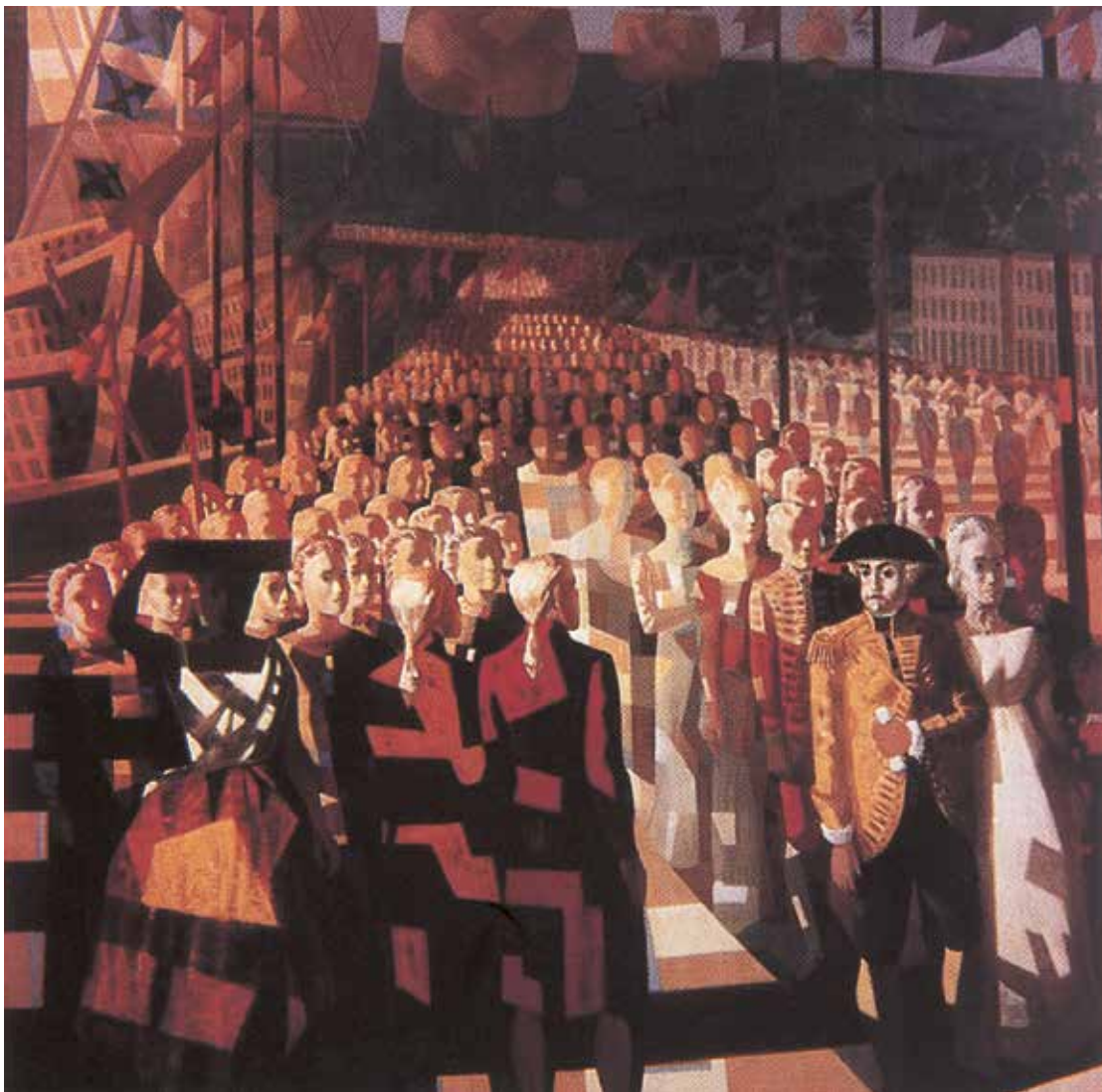
12. *Oficiais de infantaria (à esquerda); soldado e oficial de artilharia (à direita) atuantes no Rio de Janeiro na época em que a cidade assistiu ao suplício de Tiradentes.*

(José Wasth Rodrigues, Infantaria e artilharia — 1786)



13. *Vista do Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis, quando aportou na cidade o viajante inglês James Cook.*

(c. 1768)



14. *A chegada da família real é um indício das profundas mudanças que marcam as relações entre Metrópole e Colônia no início do século XIX. Impregnou de tal forma nosso imaginário político que inspirou um de nossos maiores pintores contemporâneos.*

(Cândido Portinari, Chegada da família real portuguesa à Bahia, 1952)

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES
FONTES E BIBLIOGRAFIA
DA ICONOGRAFIA

1. CONDIÇÕES DA PRIVACIDADE NA COLÔNIA

1-3. Aroldo de Azevedo: *A marcha do povoamento* (séculos XVI-XVIII). In Azevedo, Aroldo de. *Vilas e cidades do Brasil colonial. Ensaio de geografia urbana retrospectiva*. Boletim n. 208, Geografia 11. São Paulo: FFCL-USP, 1956.

4. *Serinbaém* (século XVII). In Montanus, Arnoldus. *De Nieuwe en Onbekend Weereld: of Beschryving van Americaenen en Zuidlanders, gedenkwaerdige togten derwaerds, Gelendheid Der vaste Kusten Eilanden, Steden, Sterkten, Dorpen, Tempels, Berger Fonteinen, Stroomen, Huisen, de natuur van Beesten, Boomen, Planten en Vrende Gewasschen, Godsdienst en Zeden, Wonderlike Voorvallen, Vereeuwade en Nieuwe Oorloogen: Verciert met Af-beeldsels na't leven in America gemaect, en beschreeven Door Arnoldus Montanus*. Amsterdam, by Jacob Meurs Boek-verkooper en Plaet snyder op de Kaisersgraft, schuin over de Wester-markt, in de stad Me Meurs, 1671; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

5. *Fábrica de engenho* (século XVII), detalhe. In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

6. John Blaeu: [Mapa de] (século XVII), Holanda; papel aquarelado. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.

7. João Teixeira Albernaz. In *Estado do Brasil colegido das mais sertas noticias q pode aivntar do feronimo de Ataíde por João Teixeira Alnernas, cosmographo de Sua Magestade*. Lisboa, 1631, f. 19; aquarela. Rio de Janeiro: Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores — Itamaraty.

8. *Mapa de lavras em Minas Gerais* (século XVIII). São Paulo: Coleção José Mindlin.

9. *Mapa de lavras em Minas Gerais* (século XVIII), detalhe. São Paulo: Coleção José Mindlin.

10. Frans Post: *Paisagem rural* (século XVII); óleo sobre madeira, 28,3 × 35 cm. São Paulo: Fundação Maria Luísa e Oscar Americano.

11. Frans Post: *Paisagem com rio e floresta* (século XVII); óleo sobre tela, 63 × 93,5 cm. São Paulo: Fundação Maria Luísa e Oscar Americano.

12. *Olinda* (século XVII). In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

13. Regimento do Santo Ofício da Inquisição. Portugal. In *Historia de Portugal*, vol. 4. Editorial Estampa Ltda., Portugal.

14. Frans Post: *Ceará e Sergipe del Rey* (século XVII). In Barleus, Gaspar. *Rerum Per Octennium in Brasilia Et alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitis I. Mauritii, Nassoviae, & Comitit, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. sub Auriaeo Ductoris, Historia*. Amstelodami, Typographeio Ioannis Blaeu, 1647; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

2. FORMAS PROVISÓRIAS DE EXISTÊNCIA:

A VIDA COTIDIANA NOS CAMINHOS, NAS FRONTEIRAS E NAS FORTIFICAÇÕES

1. Frontispício da *Viagem filosófica às capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1792)*.

2. *Prospecto de Carvoeiro* (século XVIII). In id., *ibid.*; desenho aquarelado.

3. *Prospecto da Fortaleza de São Joaquim* (século XVIII). In id., *ibid.*; desenho aquarelado.

4. *Povoação de Nossa Senhora, Rio Branco* (século XVIII). In id., *ibid.*; desenho aquarelado.

5. *Prospecto do Lugar de Nossa Senhora do Loreto de Maracabi* (século XVIII). In id., *ibid.*; desenho aquarelado.

6. *Mapa do cabo de Santo Agostinho no século XVII*, fac-símile (s.d.). São Paulo: Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

7. *Capivara* (século XVIII). In Ferreira, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica às capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1792)*; desenho aquarelado.

8. *Índios Guaicuru atravessando o rio* (século XVIII). In id., *ibid.*; desenho aquarelado.

9. *Arx Principis Guillelmi* (século XVII). In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

10. *Serinbaém* (século XVII). In Barleus, Gaspar. *Rerum Per Octennium in Brasilia Et alibi nuper*

gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitis I. Mauritii, Nassoviae, & Comitis, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. sub Auriaco Ductoris, Historia. Amstelodami, Typographeo Ioannis Blaeu, 1647; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

11. *Arx Principis Guillelmi* (século XVII). In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

12. *Castrum* (século XVII). In Montanus, Arnoldus. *De Nieuwe en Onbekend Weereld: of Beschryving van Americaenen en Zuidlanders, gedenkwaerdige togten derwaerds, Gelendheid Der vaste Kusten Eilanden, Steden, Sterkten, Dorpen, Tempels, Berger Fonteynen, Stroomen, Huisen, de natuur van Beesten, Boomen, Planten en Vrende Gewasschen, Godsdienst en Zeden, Wonderlike Voorvallen, Vereeuwade en Nieuwe Oorloogen: Verciert met Af-beeldsels na't leven in America gemaekt, en beschreeven Door Arnoldus Montanus.* Amsterdam, by Jacob Meurs Boek-verkooper en Plaet snyder op de Kaisersgracht, schuin over de Wester-markt, in de stad Me Meurs, 1671; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

13. *Itamaracá* (século XVII), detalhe. In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

14. *Porto Calvo* (século XVII), detalhe. In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

15. *Larvas de lepidópteros* (século XVIII). In id., *ibid.*; desenho aquarelado.

16. Zacharias Wagener: sem título. In *Thier Buch, c.* 1640; aquarela. Dresden: Kupferstichkabinett.

17. Jean-Baptiste Debret: *Cobra canimana*. In id., *ibid.*; São Paulo: Coleção José Mindlin.

18. Santos óleos portáteis (século XVIII) Portugal; estanho. São Paulo: Coleção João Marinho.

19. Ex-voto mandado fazer por Agostinho Pereira da Silva (1749), Salvador; óleo sobre tela. Salvador: Igreja e Mosteiro de São Bento.

20. Altar portátil (século XVIII), Portugal; teca policromada e dourada, 34,7 × 105 × 56 cm. In *Encontro entre Culturas. Oito Séculos de Missionaçõ Portuguesa.* Mosteiro de São Vicente de Fora. Conferência Episcopal Portuguesa, 1994.

21. Copo (século XVIII); prata, 10 × 8,5 cm, 120 g. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.

22. Cofre (século XVIII); madeira e ferro, 0,263 × 0,440 × 0,252 m, com três fechaduras. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

23. Guampa (século XIX); prata. Salvador: Museu de Arte da Bahia.

24. Caixa de rapé (século XIX), Bahia; prata. Salvador: Museu de Arte da Bahia.

25. Caldeirão (século XVII), Monções; ferro. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

26. Palácio do conde de Assumar (século XVIII). Mariana: Minas Gerais.

27. Baú de viagem (século XVIII); monograma tacheado, madeira e couro. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

28. *Fluvius Grande* (século XVII). In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

29. *Çaguaritica* (século XVIII). In id. *ibid.*; desenho aquarelado.

30. Jean-Baptiste Debret: *Debret na hospedaria*. In Debret, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil; aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot, 1834.* Paris, Raymundo de Castro Maya, 1954. São Paulo: Coleção José Mindlin.

31. *Cena de taverna* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.

32. Jean-Baptiste Debret: *Pobres tropeiros de São Paulo*. In id., *ibid.*; São Paulo: Coleção José Mindlin.

33-36 e 38,39. Sem título. In *Plan sem borão de todos os rios, e de todas as [...] e de todas as cousas mais notáveis q. vi dezde Porto Aracy Iguaba até a povoação do Guatemy.* Coleção Morgado de Mateus; aquarela. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

37. *Demonstração da praça de Nossa Senhora dos Prazeres* (século XVIII). Coleção A. Ponte Ribeiro; aquarela. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores — Itamaraty.

40-42. Joaquim José de Miranda: *Cenas da expedição do coronel Afonso Botelho de Sampaio e Sousa, 1768-73* (século XVIII); aquarelas, 42,5 × 55 cm. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.

43. Sinos (século XIX), Igreja da Colônia Militar de Itapuaara; ferro. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

3. FAMÍLIAS E VIDA DOMÉSTICA

1. *Mauritiopolis*. In Montanus, Arnoldus. *De Nieuwe en Onbekend Weereld: of Beschryving van Americaenen en Zuidlanders, gedenkwaardige togten derwaerds, Gelendheid Der vaste Kusten Eilanden, Steden, Sterkten, Dorpen, Tempels, Berger Fonteynen, Stroomen, Huisen, de natuur van Beesten, Boomen, Planten en Vrende Gewasschen, Godsdienst en Zeden, Wonderlike Voorvallen, Vereeuwade en Nieuwe Oorloogen: Verciert met Af-beeldsels na't leven in America gemaekt, en beschreeven Door Arnoldus Montanus*. Amsterdam, by Jacob Meurs Boek-verkooper en Plaet snyder op de Kaisersgraft, schuin over de Wester-markt, in de stad Me Meurs, 1671; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

2. *Siara*, detalhe. In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

3. *Urbis Salvador*. In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

4. *São Salvador* (século XVII). In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

5. Rua Direita, Mariana.

6. Richard Bate: *Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro* (início do século XIX), Cornell University, Estados Unidos da América; aquarela, 135 × 213 cm. In Ferrez, Gilberto. *Mui Leal e Heroica Cidade do Rio de Janeiro*. Raymundo Castro Maya, Candido Guinle de Paula Machado, Fernando Machado Portella e Banco Boavista S.A., 1965.

7. [Planta baixa de] Casa de encosta de morros. In Vasconcelos, Sylvio. *Vila Rica: formação e desenvolvimento de residências*. Rio de Janeiro: MEC, 1956.

8. [Planta baixa da] Casa-grande do Engenho Caboto, Candeias. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Secretaria da Indústria e Comércio da Bahia (IPAC-SIC). In Azevedo, Esterzilda de. *Arquitetura do Açúcar*. São Paulo: Nobel, 1990.

9. *Ostium Flumines*. In id., *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

10. *Trabalhos domésticos* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.

11. [Planta baixa da] Casa-grande do Engenho São Roque, Maragogipe. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Secretaria da Indústria e Comércio da Bahia (IPAC-SIC). In Azevedo, Esterzilda de. *Arquitetura do Açúcar*. São Paulo: Nobel, 1990.

12. [Planta baixa de] Casa rural. In Vasconcelos, Sylvio. *Vila Rica: formação e desenvolvimento de residências*. Rio de Janeiro: MEC, 1956.

13. [Planta baixa da] Casa-grande do Engenho de João Rodrigues Adorno, Cachoeira. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Secretaria da Indústria e Comércio da Bahia (IPAC-SIC). In Azevedo, Esterzilda de. *Arquitetura do Açúcar*. São Paulo: Nobel, 1990.

14. [Planta baixa das] Senzalas do Engenho Pimentel, São Sebastião do Passé. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Secretaria da Indústria e Comércio da Bahia (IPAC-SIC). In Azevedo, Esterzilda de. *Arquitetura do Açúcar*. São Paulo: Nobel, 1990.

15. [Ex-voto] *São Vicente Ferrer* (1757); têmpera sobre madeira, 31,5 × 23 cm. Belo Horizonte: Coleção Márcia de Moura Castro. In Castro, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do Ouro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

16. Albert Eckhout: *Mulher Tupinambá* (século XVII), detalhe; óleo sobre tela. Copenhagen: Museu Nacional da Dinamarca.

17. Gelasias (século XVIII); madeira. Tiradentes, Minas Gerais. In Frota, Lélia Coelho. *Tiradentes. Retrato de uma cidade*. Campos Gerais: Fundação Rodrigo de Melo Franco de Andrade, 1993.

18. José Joaquim Viegas de Menezes: *Prospecto da chácara da casa de residência episcopal* (1809); aquarela. Mariana: Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana.

19. José Joaquim Viegas de Menezes: *Prospecto da casa e chácara episcopal* (1809); aquarela. Mariana: Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana.

20. Johann Moritz Rugendas: *Família de plantador*. In *ibid.*; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.

21. Joaquim Cândido Guillobel: *Interior de pobres* (1812). In *Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figurinhas de Guillobel*; aquarela, fac-símile. São Paulo: Coleção José Mindlin.

22. Cozinha da Casa dos Contos. Ouro Preto: Escola de Administração Fazendária (Esaf) — Casa dos Contos.

23. Chafariz de São José (século XVIII). Tiradentes, Minas Gerais.
24. *Cena de chafariz* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.
25. Cadeira (séculos XVII-XVIII); madeira e couro lavrado. São Paulo: Museu da Casa Brasileira.
26. Mesa de almoço (séculos XVIII-XIX); vinhático, jacarandá-da-Bahia e cedro. São Paulo: Museu da Casa Brasileira.
27. Baú (século XVIII); jacarandá, com fechadura, espelho e alças de ferro batido, 800 × 870 × 440 cm. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo.
28. Preguiceiro — catre (c.1770-90); jacarandá e palhinha, 1,169 × 1,950 × 0,870 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.
29. [Ex-voto] *Sant'Ana*, detalhe (1798); têmpera sobre madeira, 24,6 × 17,5 cm. Belo Horizonte: Coleção Márcia de Moura Castro. In Castro, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do Ouro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.
30. [Ex-voto] *São Francisco de Paula* (final do século XVIII); têmpera sobre madeira, 29,5 × 14,5 cm. Belo Horizonte: Coleção Márcia de Moura Castro. In Castro, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do Ouro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.
31. Cômoda (século XVIII), Bahia; jacarandá-da-Bahia e cedro. São Paulo: Museu da Casa Brasileira.
32. Cômoda (segunda metade do século XVIII), Minas Gerais; vinhático policromado, puxadores de bronze fundido, 124 × 61,5 × 85 cm. São Paulo: Coleção João Marino.
33. *Igarapu* (século XVII). In Barleus, Gaspar. *Rerum Per Octennium in Brasilia Et alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitiss I. Maurittii, Nassoviae, & Comitiss, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. sub Auriaco Ductoris, Historia*. Amstelodami, Typographeio Ioannis Blaev, 1647; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.
34. *Cena de tavalagem* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.
35. *Jogo acrobático* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.
36. Roca de fiar (século XIX); madeira, 0,785 × 0,840 × 0,475 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.
37. Defumador (século XVIII); prata e madeira, 10 × 22,5 × 10,5 cm, 350 g. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.
38. Farinheira (séculos XVIII-XIX); prata, 8 × 16,3 cm, 200 g. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.
39. Sopeira com tampa (séculos XVIII-XIX), China, Companhia das Índias; porcelana policromada e dourada, 17 × 26 × 22 cm. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.
40. Cálices (séculos XVII-XVIII); estanho. São Paulo: Coleção João Marino.
41. Colher de açúcar, colher de arroz, colherinha redonda, concha, colher grande, garfos grandes, (século XVIII); prata. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.
42. Forro da sala de jantar da Casa do Padre Toledo (século XVIII), Museu Regional; pintura sobre madeira. Tiradentes, Minas Gerais. In Frota, Lélia Coelho. *Tiradentes. Retrato de uma cidade*. Campos Gerais: Fundação Rodrigo de Melo Franco de Andrade, 1993.
43. Albert Eckhout: *Negra* (século XVII); óleo sobre tela. Kopenhagen: Museu Nacional da Dinamarca.
44. Gomil e lavanda (século XVIII), prateiro GS Porto, Portugal; prata, 37,5 × 22 × 10 cm, 1300g; 5 × 54,5 × 36 cm, 1500 g. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.
45. Bacia de lava-pés e jarro (século XVIII); prata, 23,5 × 43 cm, 3500 g; 47,5 × 34 cm, 2200 g. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.
46. Poltrona extensível (final do século XVIII); madeira e couro, 1,010 × 1,375 × 1,032 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.
47. Candeias (séculos XVIII e XIX); ferro. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.
48. Candeiro de pé (final do século XVIII), Minas Gerais; latão, 60 cm. São Paulo: Coleção João Marino.
49. Johann Moritz Rugendas: *Castigos domésticos*. In *Voyage pittoresque dans le Brésil, par Maurice*

Rugendas; traduit de l'allemand par mr. de Colbery [...]. Paris, Engelmann & Cie., 1835; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.

50. Jean-Baptiste Debret: *Negro com máscara*. In Debret, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil; aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot, 1834*. Paris, Raymundo de Castro Maya, 1954. São Paulo: Coleção José Mindlin.

51 e 54. *Caderno de assentos do coronel Francisco Xavier Costa Aguiar* (século XVIII); manuscrito. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

52. Contador (século XVIII), Bahia; jacarandá e marfim. Salvador: Museu de Arte da Bahia.

53. Contador (segunda metade do século XVII); jacarandá entalhado e torneado. Salvador: Igreja e Mosteiro de São Bento.

55. Colares com figas e rosetas e crucifixos de crioula; ouro e diamantes. Salvador: Museu Carlos Costa Pinto.

56. Anéis, brincos, braceletes e colar (séculos XVIII-XIX); ouro e diamantes. Salvador: Museu Carlos Costa Pinto.

57. Sem título (século XVII), Holanda; gravura. In Schwartz, Stuart. *Segredos internos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

58. Pilão de tempero (século XIX), Minas Gerais; canela, 32 cm. São Paulo: Coleção João Marino.

59. Johann Moritz Rugendas: *Preparação da farinha de mandioca*. In *ibid.*; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.

60. Carlos Julião: sem título (segunda metade do século XVIII). In *Riscos iluminados de figurinbos de brancos e negros, dos usos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*; aquarela. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

61. *Cerâmica do baixo Amazonas* (século XVIII). In *ibid.*; desenho aquarelado.

62. Jean-Baptiste Debret: *Utensílios domésticos*. In Debret, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil; aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot, 1834*. Paris, Raymundo de Castro Maya, 1954. São Paulo: Coleção José Mindlin.

63. *Casa das índias de Monte Alegre* (século XVIII). In *ibid.*; desenho aquarelado.

64. *Roda de fiar algodão* (século XVIII). In Ferreira, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica às capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1792)*; desenho aquarelado.

65. Trançado indígena do Amazonas (século XX). In Klintovitz, Jacob. *Trançado brasileiro*. Projeto Cultural Rhodia, S.A., 1985.

66. *Alagoa ad. Austrum*. In *ibid.*; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

67. Preguiceiro (século XIX); jacarandá e palha. Salvador: Museu de Arte da Bahia.

68. Cadeira de arruar (século XVIII). In ficcionado, atual Santa Rita Durão, Minas Gerais; madeira e ferro, 1,460 × 2,775 × 0,563 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

69. Jean-Baptiste Debret: *Senhora tecendo com mucamas* (1823) [Fundação Raymundo de Castro Maya]; aquarela, 148 × 212 cm.

4. COTIDIANO E VIVÊNCIA RELIGIOSA: ENTRE A CAPELA E O CALUNDU

1. Johann Moritz Rugendas: *Missa em Pernambuco*. In *Voyage pittoresque dans le Brésil, par Maurice Rugendas; traduit de l'allemand par mr. de Colbery [...]*. Paris: Engelmann & Cie., 1835; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.

2. Sem título. In La Barbinais, Gentil de. *Nouveau voyage autour du monde par m. Le Gentil [...]*. Amsterdam, Pierre Mortier, 1728, 3 vols.; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.

3. Cruzeiro (miniatura) (século XVIII), Rio de Janeiro; madeira esculpida, recortada e policromada, 0,956 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

4. [Fachada da] Igreja e Convento de São Francisco, Salvador.

5. [Fachada da] Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão dos Homens Pardos, Salvador.

6. *Nossa Senhora da Conceição* (século XVII); marfim. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

7. *Nossa Senhora da Conceição* (século XVIII), proveniente do espólio de Cristóvão José de Melo; madeira dourada e policromada, 870 mm. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

8. *Espírito Santo* (século XVIII); porta de sacrário, madeira. São Paulo: Coleção José Mindlin.

9. *São José* (século XVIII); barro cozido, 450 mm. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

10. *São Roque* (século XVIII), Bahia; madeira policromada, 575 mm. São Paulo: Museu de Arte Sacra.

11. Oratório (século XVIII), Fazenda da Lagoa São José, atual Nova Era; madeira talhada, pintada, ferro batido, 1,556 × 1,170 × 0,424 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

12. Oratórios (século XVIII), Minas Gerais; madeira policromada. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

13. Nicho (segunda metade do século XVIII), proveniente do Convento do Desterro, Salvador; madeira dourada e policromada, 1,69 × 75 × 0,60 m. — Nossa Senhora da Conceição (século XVIII), proveniente do antigo Convento de Santa Teresa, Salvador; madeira dourada e policromada, 0,87 m. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

14. Oratórios (século XVIII), Minas Gerais; madeira policromada. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

15. [Planta baixa da] Casa-grande do Engenho Freguesia, Candeias. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Secretaria da Indústria e Comércio da Bahia (IPAC-SIC). In Azevedo, Esterzilda de. *Arquitetura do Açúcar*. São Paulo: Nobel, 1990.

16. Oratório (século XVIII); madeira policromada. São Paulo: Museu de Arte Sacra.

17. Oratório de embutir na parede (século XVIII), Minas Gerais; madeira policromada. São Paulo: Museu de Arte Sacra.

18. Lápide tumular de d. Luís Álvares de Figueiredo, arcebispo-primaz (século XVII), proveniente da Antiga Sé de Salvador. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

19. Lápide tumular de d. Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo-primaz (século XVIII), proveniente da Antiga Sé de Salvador; pedra de lioz, 1900 × 970 mm. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

20. [Ex-voto] *Milagre feito a Antônia Mendes Vale* (século XVIII); pintura sobre madeira. Rio de Janeiro: Coleção Franco Terranova. In *Ex-votos brasileiros pintados do século XVIII e XIX. Coleção Franco Terranova. Agenda 1976*. Petite Galerie. Rio de Janeiro: Ultra-set Editora, Fotolito Bene, 1976.

21. [Ex-voto] *Milagre que fez o Senhor Jesus de Matosinhos [...] a José Antunes que estando... (1776)*; pintura sobre madeira. Rio de Janeiro: Coleção Franco Terranova. In *Ex-votos brasileiros pintados do século XVIII e XIX. Coleção Franco Terranova. Agenda 1976*. Petite Galerie. Rio de Janeiro: Ultra-set Editora, Fotolito Bene, 1976.

22-25. Sem título (século XVIII). In *Officium Beatae Mariae Virginis, nuper reformatum, & Pii V. pontificius maximi jussu editum: ad instar breviarii romani sub Urbano VIII*. Recogniti. Antuerpia, Typographia Plantiniana, 1724; gravura em missal ilustrado. São Paulo: Coleção José Mindlin.

26. Painel do arcaz da sacristia (final do século XVII), Igreja do Convento de Santa Teresa, Salvador; óleo sobre madeira (vinhático), 350 × 530 mm. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

27-28. Painéis do arcaz da sacristia (final do século XVII, Igreja do Convento de Santa Teresa, Salvador, óleo sobre madeira (vinhático), 350 × 530 mm. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

29. *Irmão Fabiano de Cristo* (século XX); pintura sobre tela. Rio de Janeiro, Igreja e Convento de Santo Antônio.

30. Capela dos Sagrados Corações. Rio de Janeiro: Igreja e Convento de Santo Antônio.

31. Ostensório do Sagrado Coração (1750), proveniente do Convento das Mercês, Salvador; madeira dourada e policromada, 0,76 m. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

32. Relicário de são Sebastião (séculos XVIII-XIX); prata. Salvador: Igreja e Mosteiro de São Bento.

33. Relicário do Santo Lenho (século XVIII), Bahia. Salvador: Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo.

34. Medalhão-relicário (século XVIII); ouro lavrado, 0,07 × 0,04 m, 26,1 g. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

35-36. *Nossa Senhora do Carmo* (século XVIII), Portugal; madeira dourada e policromada. São Paulo: Museu de Arte Sacra.

37. *Menino Jesus* (século XVIII), Lisboa, Portugal; madeira, 90 cm. In *Encontro entre Culturas. Oito Séculos de Missionaço Portuguesa*. Mosteiro de São Vicente de Fora. Conferência Episcopal Portuguesa, 1994.

38. [Ex-voto] *Nossa Senhora da Oliveira* (século XVIII); óleo sobre madeira. Belo Horizonte: Coleção Márcia de Moura Castro. In Castro, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do Ouro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

39. *Santo Antônio Abade* (primeira metade do século XVIII), Missões do Rio Grande do Sul; madeira policromada, 73 cm. São Paulo: Coleção João Marino.

40. São Miguel Arcanjo (século XVIII), Minas Gerais. In Campos, Adalgisa Arantes. "A terceira devoção do Setecentos mineiro. O culto a São Miguel e almas". Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1994; madeira policromada.

41. São Miguel Arcanjo (século XVIII), Cachoeira do Brumado. In id., *ibid.*; madeira policromada.

42. Claustro [da] Igreja do Convento de Santa Teresa, Salvador.

43. *Renúncia de São Francisco aos bens materiais* (século XVIII), detalhe; azulejo. Salvador: Igreja e Convento de São Francisco.

44. *Cordeiro de Deus* (século XVIII); madeira. São Paulo: Coleção José Mindlin.

45. Ferro [de passar roupa] (séculos XVIII-XIX); prata lavrada. Rio de Janeiro: Coleção Gilberto Ferrez.

46. Jean-Baptiste Debret: *Negro feiticeiro* (início do século XIX); desenho aquarelado original. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

47. Nós de pinho (séculos XVIII-XIX). São Paulo: Coleção João Marino.

48. *São Cosme e São Damião* (século XVIII), Antiga Sé, Salvador; madeira policromada, 0,95 cm. Salvador: Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

49. *Nascimento de São Francisco* (século XVIII), detalhe; azulejo. Salvador: Igreja e Convento de São Francisco.

50. [Planta do Quilombo Buraco do Tatu em 1763.] In Schwartz, Stuart. *Slaves, Peasants and Rebels*. University of Illinois Press.

51. Guaccius: *O beijo ritual do sabá* (século XVI). In *Compendium maleficarum*; gravura. In Givry, Grillot de. *Witchcraft, Magic and Alchemy*. Dover Publications, Inc. Nova York.

52. Guaccius: *Banquete de bruxas no sabá* (século XVI). In *ibid.*; gravura. In Givry, Grillot de. *Witchcraft, Magic and Alchemy*. Dover Publications, Inc. Nova York.

53. Jean Ziarnko: [Descrição] e *figura do sabá das bruxas*. In Lancre, Pierre de. *Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons*. Paris, 1613; água-forte.

54. Romedius Knoll: *A boa confissão* (século XVIII). In *ibid.*; gravura. In Givry, Grillot de. *Witchcraft, Magic and Alchemy*. Dover Publications, Inc. Nova York.

55. Romedius Knoll: *A má confissão* (século XVIII). In *Vierzig Kupferstiche*; gravura. In Givry, Grillot de. *Witchcraft, Magic and Alchemy*. Dover Publications, Inc. Nova York.

56 e 57. *Manual de confesores, & penitentes, em bo qual breue e particular [...]* Composto por hum religioso da Ordem de San Francisco da prouincia de Piedade. Foi vista e examinada e aprovada a presente obra por o doutor Nauarro cathedrático de prima e canones na Universidade de Coimbra. Por comissao do infante cardeal inquisidor aior nestes reynos. [Frei Rodrigo do Porto, 1. ed., 1549.] São Paulo: Coleção José Mindlin.

58. Sem título (século XVIII). In Perrier, Alexandre. *Desengano dos pecadores, necessário a todo gênero de pessoas, utilíssimo aos missionários e aos pregadores desenganados que só desejam a salvação das almas*. Lisboa: Miguel Menescal da Costa, 1765; gravura. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

- 1 e 10. Cícero Dias: Engenho Noruega (século XX). In Freyre, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961; aquarela.
2. Zacharias Wagener: *Paisagem com moinho de açúcar — O pátio de Sua Excelência* (c. 1640). In *Thier Buch*. Dresden: Kupferstichkabinett.
3. Frans Post: [Casa de engenho] (c. 1640); óleo sobre tela.
4. *Fluvius Grande* (século XVII), detalhe. In Barleus, Gaspar. *Rerum Per Octennium in Brasilia Et alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitiss I. Mauritii, Nassoviae, & Comitiss, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. sub Auriaco Ductoris, Historia*. Amsteldami, Typographeio Ioannis Blaeu, 1647; gravura. São Paulo: Coleção José Mindlin.
5. Henry Chamberlain: *Uma história*. In *Views and Costumes of the City and Neighbourhood of Rio de Janeiro Brazil*. Londres: Thomas M'Lean, 1822; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.
6. Jean-Baptiste Debret: *As Vênus negras de Rio de Janeiro*, detalhe. In Debret, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil; aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot, 1834*. Paris: Raymundo de Castro Maya, 1954. São Paulo: Coleção José Mindlin.
7. Sem título (século XVII). In Dapper, Olfert. *Die Unbekante Neue Welt oder Beschreibung des Welt-teils Amerika des Sud-Landes: darinnen vom Ubrsprunge der Ameriker und Sudlander und von der Gedenckwürdigen reysen der Europier darnach zu*. Amsterdam: Jacob von Meurs, 1673; gravura. São Paulo: Biblioteca Municipal Mário de Andrade.
8. Carlos Julião: sem título (segunda metade do século XVIII). In *Riscos iluminados de figurinhos de brancos e negros, dos usos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*; aquarela. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
9. Roda dos expostos. Salvador: [Fachada do] Convento de Santa Clara do Desterro.
11. *Cena galante* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.
12. Sem título. In Boccaccio. *Decameron*. c. 1757-61; gravura. In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.
13. Albrecht Dürer: *As quatro bruxas* (1497); gravura. In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.
14. Hans Baldung Grien, *As três bruxas* (1514); gravura. In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.
15. [Cena romântica]. In Macedo, Joaquim Manoel de. *A Moreninha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Hermano Dutra de Mello, 1845. São Paulo: Coleção José Mindlin.
16. *Dança campestre* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.
17. *Repasto campestre* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.
18. Johann Moritz Rugendas: *Venda em Recife*. In *Voyage pittoresque dans le Brésil, par Maurice Rugendas; traduit de l'allemand par mr. de Colbery [...]*. Paris: Engelmann & Cie., 1835; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.
19. Cama de casal (século XVIII), Minas Gerais; madeira policromada, 1,875 × 2,020 × 1,403 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.
20. Sem título. In Sade, marquês de. *The story of Juliette, her sister, or The prosperity of vice*. Ed. alemã, 1789; gravura. In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.
21. Jean-Baptiste Marie Huet: *A hora dos amantes* (século XVIII). In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.
22. Chauvet: sem título. In Casanova. *Mémoires*. Século XVIII; gravura. In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.
23. Michelangelo: *A punição da sodomia* (1536-41), detalhe do *Juízo Final* da Capela Sistina. Cópia de Witkowski. In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.
24. Confessionário feminino (século XVIII), Minas Gerais; madeira. Arquivo da Casa Setecen-

tista de Mariana, 13ª Coordenadoria Regional, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura.

25. Confessionário (final do século XVII); vinhático, 157 × 71,5 × 42 cm. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.

26. [Fachada lateral da] Igreja e Convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro.

27. Chauvet: sem título. In Casanova. *Mémoires*. Século XVIII; gravura. In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.

28. Autoria provável de Restif de la Bretonne: sem título. In *Dom Bougre ou Le portier des charreux*, 1741; gravura. In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.

29. Sem título. In Boccaccio. *Decameron*. c. 1757-61; gravura. In Neret, Gillis. *Erotica Universalis*. Colônia: Taschen, 1994.

6. RITOS DA VIDA PRIVADA

1. *Demonstração da Babia* (século XVIII). [In Schwartz, Stuart. *Segredos internos. Engenbos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.]

2-5. Antônio Castelo Branco: *Borrador em que lanço todas as cartas que escrevo, principiado em agosto de 1742, estando na Babia* (século XVIII); manuscrito. São Paulo: Coleção José Mindlin.

6. Cadeirinha [de arruar] (século XVIII); 2,50 × 3,10 × 0,70 m. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.

7. Lourenço Veloso: *Capitão Francisco Fernandes do Sym* (1699); óleo sobre tela. Salvador: Santa Casa de Misericórdia. In Valladares, Clarival do Prado. *Nordeste Histórico e Monumental*. Salvador: Odebrecht, 1994, v.4.

8. *Francisco Barcellon* (século XVIII); óleo sobre tela, 174 × 104 cm. Salvador: Igreja e Mosteiro de São Bento.

9. [Fachada do] Convento de Santa Clara do Desterro, Salvador.

10. Carlos Julião: sem título (segunda metade do século XVIII). In *Riscos iluminados de figurinbos de brancos e negros, dos usos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*; aquarela. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

11. Carlos Julião: sem título (segunda metade do século XVIII). In *Riscos iluminados de figurinbos de brancos e negros, dos usos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*; aquarela. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

12. Algema, gargalheira, palmatória, peia e vira-mundo (séculos XVIII e XIX); ferro e madeira. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

13. Joaquim Cândido Guillobel: *Escravos de ganbo* (1812). In *Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figurinbas de Guillobel*; aquarela, fac-símile. São Paulo: Coleção José Mindlin.

14-17. [Natureza-morta] Pintura do forro da sala de almoço do Sobrado da praça da Aclamação, Cachoeira (século XVIII); pintura sobre madeira. In Valladares, Clarival do Prado. *Nordeste Histórico e Monumental*. Salvador: Odebrecht, 1994, v.4.

18. [Ex-voto] *Milagre que fez o milagroso são Gonçalo do Amarante...* (século XVIII), Porto, Portugal; pintura sobre tela, 80 × 83 cm. In *Encontro entre Culturas. Oito Séculos de Missionaçõ Portuguesa*. Mosteiro de São Vicente de Fora. Conferência Episcopal Portuguesa, 1994.

19. [Tábua]. In *Calendário nome hebdomadario do dia do mez de janeiro de cada anno desde 1832, epoca da Reforma Gregoriana até o anno de 4000*. Pernambuco: Typographia de Pinheiro e Faria, 1835. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

20. [Ex-votos] *Igarauçu, Olinda e Recife* (s.d.), Igreja do Convento de Santo Antônio, Igarauçu; óleo sobre madeira, 80 × 110 cm.

21. [Ex-voto], *M.ce que fez o Senbor de Matuzinbos, a José Mendes Valle filbo de Antonio Mendes Valle q. estando mto. mal, cuã perna eq foi preciso se abrir e tirarce varias ocoz epegandodosse — com o do Snr ficou bom eq memoria mandoce — pintar este anno de 1771*; pintura sobre madeira. Rio de Janeiro: Coleção Franco Terranova. In *Ex-votos brasileiros pintados do século XVIII e XIX. Coleção Franco Terranova. Agenda 1976*. Petite Galerie. Rio de Janeiro: Ultra-set Editora, Fotolito Bene, 1976.

22. [Ex-voto] *Milagre que fez Nossa Senhora do Parto...* (século XIX), Braga, Portugal; pintura

sobre madeira, 37,5 × 54 cm. In *Encontro entre Culturas. Oito Séculos de Missionaço Portuguesa*. Mosteiro de São Vicente de Fora. Conferência Episcopal Portuguesa, 1994.

23. Bidê (século XVIII), Macau; porcelana chinesa. Salvador: Museu de Arte da Bahia.

24. Bacias de barbear-se (século XIX); madeira e cerâmica saramenha. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

25. *O cabeleireiro* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.

26. [Lava-pés]. In Macedo, Joaquim Manoel de. *A Moreninba*. 2. ed. Rio de Janeiro: Hermano Dutra de Mello, 1845. São Paulo: Coleção José Mindlin.

27. Urinol (século XIX), Inglaterra; louça, 0,198 × 0,268 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

28. *Nossa Senhora do Ó* (primeira metade do século XVII), Santana de Parnaíba; barro cozido e policromado, 42 cm. São Paulo: Coleção João Marino.

29. *Nossa Senhora do Leite* (início do século XVIII), Itu; barro cozido e policromado, 13 cm. São Paulo: Coleção João Marino.

30. *Nascimento da Virgem* (século XVIII); cerâmica moldada, policromada e dourada, 0,375 × 0,463 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

31. Berço (século XIX); mogno e palha. Salvador: Museu Carlos Costa Pinto.

32. Berço (século XIX); jacarandá e palha. Salvador: Museu de Arte da Bahia.

33. Conchas de batismo (séculos XVIII-XIX); madrepérola. São Paulo: Museu de Arte Sacra.

34. [Ex-voto] *Sant'Ana* (1798), detalhe; têmpera sobre madeira, 24,6 × 17,5 cm. Belo Horizonte: Coleção Márcia de Moura Castro. In Castro, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do Ouro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

35. *São Gonçalo Amarante* (início do século XIX), Ubatuba; barro mal cozido, com policromia, 28 cm. São Paulo: Coleção João Marino.

36. Arca de noiva (século XIX); madeira pintada, 0,550 × 1,316 × 0,570 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

37. Arca de noiva, detalhe (século XIX); madeira pintada, 0,550 × 1,316 × 0,570 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

38. Cama de casal (século XVIII), estilo d. José I; jacarandá. São Paulo: Fundação Maria Luísa e Oscar Americano.

39. *Almas do Purgatório* (século XVIII); madeira. São Paulo: Coleção José Mindlin.

40. *Nossa Senhora da Boa Morte* (século XVIII); madeira. São Paulo: Coleção José Mindlin.

41. Cofre-esmoleira (século XVIII), coleção Particular, Minas Gerais. In Campos, Adalgisa Arantes. "A terceira devoção do Setecentos mineiro. O culto a são Miguel e almas". Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1994.

42. *Almas no Purgatório* (século XVIII), caixa de esmolas, Bahia; cedro com pintura, 6 × 13 × 30 cm. São Paulo: Coleção João Marino.

43. *Almas no Purgatório* (início do século XIX), cofre de esmolas, São Sebastião, São Paulo; cedro com pintura, 20 × 12 × 6 cm. São Paulo: Coleção João Marino.

44. *O Juízo Final* (século XVIII). In *Officium Beatae Mariae Virgini, nuper reformatum, & Pii V. pontificis maximi jussu editum: ad instar breviarii romani sub Urbano VIII*. Recogniti. Antuerpia, Typographia Plantiniana, 1724; gravura em missal ilustrado. São Paulo: Coleção José Mindlin.

45. Sem título (século XVIII). In Perrier, Alexandre. *Desengano dos pecadores, necessário a todo gênero de pessoas, utilíssimo aos missionários e aos pregadores desenganados que só desejam a salvação das almas*. Lisboa, Miguel Menescal da Costa, 1765; gravura. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

46. [A morte em casa]; aquarela. In Macedo, Joaquim Manoel de. *A Moreninba*. 2. ed. Com cinco estampas. Rio de Janeiro, litografia americana de I. P. da Costa, 1845. São Paulo: Coleção José Mindlin.

47. Santos óleos (segunda metade do século XVIII), Minas Gerais; prata fundida e repuxada, 17 cm, 535 g. São Paulo: Coleção João Marino.

48. *Mapa de altar* [representando exéquias do tio do governador de São Paulo, Morgado de Mateus]. In *Louvações a Morgado de Mateus*, manuscrito, 1758. São Paulo: Coleção José Mindlin.

7. O QUE SE FALA E O QUE SE LÊ: LÍNGUA, INSTRUÇÃO E LEITURA

1. Nantes, Bernard de. *Katecismo indico da lingua Kariris, acrescentado de varias praticas doutrinaes, & moraes, adaptadas ao genio, & capacidade dos indios do Brasil, pelo padre Fr. Bernardo de Nantes, capuchinho, pregador & missionario apostolico; offerecido ao muy alto, e mui poderoso rey de Portugal Dom João V S. N. que Deos guarde*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1709. São Paulo: Coleção José Mindlin.

2. Montoya, Antonio Ruiz de. *Tesoro de la lengua guarani*. Compvesto por el padre Antonio Ruiz de la Compañia de Iesvs. Dedicado a la Soberana Virgen Maria. Em Madri, por Ivan Sanches, 1639. São Paulo: Coleção José Mindlin.

3. Ruys, Antonio. *Catecismo de la lengua guarani*. Compuesto por el padre Antonio Ruys de la Compañia de Iesus. Dedicado a la purissima Virgen Maria. Concebida sin mancha de pecado original. Madri, 1640 [manuscrito impresso nas Missões Jesuíticas]. São Paulo: Coleção José Mindlin.

4. Id., *ibid.* São Paulo: Coleção José Mindlin.

5. Gabriel Francisco Debric: *Padre Antônio Vieira* (1745), Lisboa; gravura de buril preto sobre papel, 16,5 × 11,3 cm. In *Encontro entre Culturas. Oito Séculos de Missionaçõ Portuguesa*. Mosteiro de São Vicente de Fora. Conferência Episcopal Portuguesa, 1994.

6. Jean Dieuzaide, Universidade de Coimbra, Portugal. In Maxwell, Kenneth. *Pombal: Paradox of the Enlightenment*, Cambridge University Press, 1995.

7. Casa do Capítulo, Universidade de Coimbra, Portugal. In Maxwell, Kenneth. *Pombal: Paradox of the Enlightenment*, Cambridge University Press, 1995.

8. Diploma de José Álvares Maciel (1785), Ubá, Minas Gerais. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

9. [Fachada do] Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte — Seminário Menor, Mariana, Universidade Federal de Minas Gerais.

10. Carlos Julião: sem título (segunda metade do século XVIII). In *Riscos iluminados de figurinbos de brancos e negros, dos usos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*; aquarela. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

11. *Sant'Ana Mestra* (início do século XVIII), Recife; barro cozido e policromado, 59 cm. São Paulo: Coleção João Marinho.

12. *Frei Manuel da Cruz, primeiro bispo de Mariana* (1764); óleo sobre tela. Mariana: Museu Arquidiocesano de Arte Sacra.

13. Camões, Luís de. *Os Lusíadas de Luis de Camões, com privilégio real*. Impressos em Lisboa com licença da Santa Inquisição & do Ordinário: em casa de Antonio Gõçalvez. Impressor, 1572. São Paulo: Coleção José Mindlin.

14. Gonzaga, Tomás Antônio. *Marilia de Dirceo*. Lisboa, T. A. G., Tipografia Nunesiana, 1792. São Paulo: Coleção José Mindlin.

15. *Rol dos livros que neste reyno se prohibem per o serenissimo cardeal infante, inquisidor geral nestes reynos e senborios de Portugal, com as regras do outro rol geral que veo do Santo Cincilio, trasladadas em linguage vulgar por mandado do senhor, para proveito daqueles que carecem de lingua latina. Impresso em Lisboa por Francisco Correa, impressor do cardeal infante nosso senhor. Anno de 1564, no mes de outubro. Com privilegio real*. Portugal. In Bettencourt, Francisco. *História das Inquisições*. Círculo de Leitores e Autor, 1994.

16. Vasconcelos, padre Simão de. *Noticias curiosas, e necessarias das cousas do Brasil, pello p. Simam de Vasconcellos da Companhia de Iesus, natural da cidade do Porto, lente que foi da Sagrada Theologia, & provincial naquelle Estado*. Lisboa, Officina de Ioan da Costa, 1668. São Paulo: Coleção José Mindlin.

17. Marques, padre Simão. *Brasilia Pontificia, sive speciales facultates pontificiae, quae Brasiliae Episcopis conceduntur et singulis decenniis renovantur, cum Notationibus evulgatae, et in quatuor libros distributae per R. P. Simonem Marques conimbricensem Societatis Jesu, in Provincia Brasilia diocesis fluminensis examinatore...* Accessit Appendix procasibus in Brasilia reservatis cum desiderata eorum expositione. Opus omnibus confessariis, parochis... Ulyssipone, Ex Typis Michaelis Rodrigues, Eminentissimi Domini Cardinalis Patriarchae Typogr. 1749. [Frontispício.] São Paulo: Coleção José Mindlin.

18. Oliveira, Manuel Botelho de. *Musica do parnasso [dividida] em quatro coros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas & latinas. Com seu descante comico reduzido em duas comedias, offerecida ao excellentissimo senbor dom Nuno Alvares Pereyra de Mello, duque de Cadaval. & C. e entoada pelo capitam mor Manoel Botelbo de Oliveira, fidalgo da Caza de Sua Magestade.* Lisboa: Officina de Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio, 1705. [Frontispício.] São Paulo: Coleção José Mindlin.

19. Vasconcelos, padre Simão de. *Vida do venerável padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu, Thaumaturgo do Novo Mundo, na provincia do Brasil. Composta pello p. Siman de Vasconcellos da mesma Companhia, lente de Prima na Sagrada Theologia, & provincial que foi na mesma provincia, natural da cidade do Porto. Dedicada ao coronel Francisco Gil d'Aravio.* Lisboa: Officina de Ioan da Costa, 1672. [Frontispício.] São Paulo: Coleção José Mindlin.

20. *Compêndio histórico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores, e directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos novos estatutos por elles fabricados.* Lisboa: Regia Officina Typografica, 1772. [Frontispício.] São Paulo: Coleção José Mindlin.

21. *Anedoctes sur mme. La comtesse du Barry.* Paris: A. Quantin Imprimeur-Éditeur, 1880. São Paulo: Coleção José Mindlin.

22. Rousseau, Jean Jacques. *Émile ou De l'Education, par J. J. Rousseau.* Tome Premier. A la Haye, Jean Nédulme, Librairie, 1762. [Frontispício.] São Paulo: Coleção José Mindlin.

23. Jean-Baptiste Debret: *Um erudito trabalhando em seu gabinete*, detalhe. In Debret, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil; aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot, 1834.* Paris: Raymundo de Castro Maya, 1954. São Paulo: Coleção José Mindlin.

24. Tinteiro (século XVIII); prata 12 × 24 × 20,5 cm, 1630 g. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.

25. *Bispo d. Frei Domingos da Encarnação Pontevel* (século XVIII). Mariana: Museu Arquidiocesano de Arte Sacra.

26. Vieira Campos: *José da Silva Lisboa, visconde de Cairu*; óleo sobre tela, 135 × 250 cm. Salvador: Casa da Alfândega. In Valladares, Clarival do Prado. *Nordeste Histórico e Monumental.* Salvador: Odebrecht, 1994, v. 4.

27. Thomas Ender: *Interior de residência (quarto de dormir) do barão von Huguel [...] no Rio de Janeiro em 1817*; detalhe, desenho aquarelado original. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

8. A SEDUÇÃO DA LIBERDADE: COTIDIANO E CONTESTAÇÃO POLÍTICA NO FINAL DO SÉCULO XVIII

1. [Fachada da] Casa dos Contos, Ouro Preto.

2. João Caldas [Prospecto de Salvador] (1758). *Notícia geral da capitania da Babia.* 1759, aquarela, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.

3. Frans Post: *Mocambos* (c. 1630); óleo sobre madeira. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas-Artes.

4. Frans Post: *Vista de um engenbo de cana-de-açúcar* (c. 1630); óleo sobre madeira. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas-Artes.

5. *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, volume original, sétimo e último (fls. 93 e 93v) [1792]. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

6-7. Pasquim anexo ao documento *FNPM auto 5565, códice 204*, 2º ofício (século XVIII). (Arquivo da Casa Setecentista de Mariana — 13ª Coordenação Regional, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, Ministério da Cultura.)

8. Raynal, abade. *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes.* Genebra: Jean Leonard Pellet, 1780. São Paulo: Coleção José Mindlin.

9. Relógio de algibeira (século XVIII), Londres, Inglaterra; prata, 0,052 m. [Pertencente a Tiradentes.] Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

10. Rua com sobrados (século XVIII). Tiradentes, Minas Gerais. In Frota, Lélia Coelho. *Tiradentes. Retrato de uma cidade.* Campos Gerais: Fundação Rodrigo de Melo Franco de Andrade, 1993.

11. *Récuil des loix constitutives des colonies angloises, confederées sous la denomination d'États-Unis de l'Amérique septentrionale*, 1778. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

12. *Obras de Cláudio Manuel da Costa* (1768), Coimbra, Edição príncipis. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

13. H. Lalaisse: *Reunião política em Pernambuco* (século XIX). In Denis, Ferdinand. *Brésil. & Famin, M. C. Colombie et Guyanes*. Paris: Firmin Didot Frères, Éditeurs, 1846; gravura. São Paulo: [Coleção] Laura de Mello de Souza.

14. Johann Moritz Rugendas: *Praça da Piedade*. In *Voyage pittoresque dans le Brésil, par Maurice Rugendas; traduit de l'allemand par mr. de Colbery* [...]. Paris: Engelmann & Cie., 1835; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.

15-16. Autos crimes — Juízo da Comissão contra os réus eclesiásticos da Conjuração formada em Minas Gerais (1791). Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

17. [Fachada da] Casa de Tomás Antonio Gonzaga, Ouro Preto.

18. Casa do Padre Toledo (século XVIII). Tiradentes, Minas Gerais. In Frota, Lélia Coelho. *Tiradentes. Retrato de uma cidade*. Campos Gerais: Fundação Rodrigo de Melo Franco de Andrade, 1993.

19. Traves de força (século XVIII), Rio de Janeiro; madeira e ferro, 3,017 × 4,20 m. Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

20. Luís dos Santos Vilhena: *Prospecto da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (1775); desenho aquarelado original. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

CONCLUSÃO

1. Félix Taunay: *Aclamação de d. Pedro I* (c. 1822); Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional; gravura aquarelada, 280 × 443 mm. In Ferrez, Gilberto. *Mui Leal e Heroica Cidade do Rio de Janeiro*. Raymundo Castro Maya, Candido Guinle de Paula Machado, Fernando Machado Portella e Banco Boavista S.A., 1965.

2. Richard Bate: *Coroação de dom Pedro I* (início do século XIX), Cornell University, Estados Unidos da América; aquarela. In Ferrez, Gilberto. *Mui Leal e Heroica Cidade do Rio de Janeiro*. Raymundo Castro Maya, Candido Guinle de Paula Machado, Fernando Machado Portella e Banco Boavista S.A., 1965.

ILUSTRAÇÕES CADERNO COR

1. CONDIÇÕES DA PRIVACIDADE NA COLÔNIA

1.1 Johann Bacht: *Vista da ilha da Cacoeirinha, com posto militar Quartel dos Arcos, no rio Belmonte* (c. 1817-18); óleo sobre folha metálica, 24,3 × 31,8 cm. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.

2. FORMAS PROVISÓRIAS DE EXISTÊNCIA: A VIDA COTIDIANA NOS CAMINHOS, NAS FRENTEIRAS E NAS FORTIFICAÇÕES

1.2 Joaquim José de Miranda: *Cena da expedição do coronel Afonso Botelho de Sampaio e Sousa, 1768-73* (século XVIII); aquarela, 42,5 × 55 cm. São Paulo: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo.

1.3 *Ex-voto* (século XVIII); pintura sobre madeira. São Paulo: Coleção José Mindlin.

1.4. José Wasth Rodrigues: *Dragões reais de Minas Gerais, 1730* (c. 1922) [Museu Histórico Nacional]. In *Uniformes do exército brasileiro: 1730-1889*. Rio de Janeiro: Atelier de Arte, 1968; aquarela.

1.5. Cor Sem título (século XVIII), detalhe. In *ibid.* Coleção Morgado de Mateus; aquarela. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

3. FAMÍLIAS E VIDA DOMÉSTICA

1.6. Frans Post: [Casa-grande com capela separada, no alto] (século XVII); pintura sobre tela.

1.7. Frans Post: [Casa-grande] (século XVII).

1.8. Henry Chamberlain: *Mercado*. In *Views and Costumes of the City and Neighbourhood of Rio de Janeiro Brazil*. Londres: Thomas M'Lean, 1822; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.

1.9. *Festa em Rio de Janeiro*. In *Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume, and Character*. Londres: Geo. B. Whittaker, 1826; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.

1.10. *O clister e a pastora* (século XVIII); azulejo. Salvador: Sede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia

1.11. *Maria Epifânia de São José e Aragão (1789-1800), esposa do capitão-mor Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque* (século XVIII); óleo sobre tela, 1,01 × 0,82 m. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

1.12. Carlos Julião: sem título (segunda metade do século XVIII). In *Riscos iluminados de figurinos de brancos e negros, dos usos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*; aquarela. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

1.13. Auguste Taunay: *Rua São José* (1816), Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro; pintura sobre tela. Rio de Janeiro. In Ferrez, Gilberto. *Mui Leal e Heroica Cidade do Rio de Janeiro*. Raymundo. Castro Maya, Candido Guinle de Paula Machado, Fernando Machado Portella e Banco Boavista S.A., 1965.

1.14. Henry Chamberlain: *Negros de ganho*. In *Views and Costumes of the City and Neighbourhood of Rio de Janeiro Brazil*. Londres: Thomas M'Lean, 1822; aquarela. São Paulo: Coleção José Mindlin.

4. COTIDIANO E VIVÊNCIA RELIGIOSA: ENTRE A CAPELA E O CALUNDU

2.1. *São Benedito* (século XVIII), São Paulo; madeira policromada. São Paulo: Museu de Arte Sacra.

2.2. *São Miguel Arcanjo* (século XVIII), Pernambuco; madeira policromada, 420 mm. São Paulo: Museu de Arte Sacra.

2.3. [Ex-voto] *São Miguel e almas* (século XVIII); óleo sobre madeira, 17,3 × 10,7 cm. Belo Horizonte: Coleção Márcia de Moura Castro. In Castro, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do Ouro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

2.5. *São José de Botas* (final do século XVII), Embu, São Paulo; madeira policromada, 86 cm. São Paulo: Coleção João Marino.

5. MORALIDADES BRASÍLICAS:

DELEITES SEXUAIS E LINGUAGEM ERÓTICA NA SOCIEDADE ESCRAVISTA

2.4. *Maloca dos índios curutus* (século XVIII). In Ferreira, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica às capitâncias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuaibá (1783-1792)*; desenho aquarelado.

6. RITOS DA VIDA PRIVADA

2.6. *Nossa Senhora do Bom Parto* (século XVII), Capela de Santa Luzia, São Paulo; madeira policromada, 570 mm. São Paulo: Museu de Arte Sacra.

7. O QUE SE FALA E O QUE SE LÊ: LÍNGUA, INSTRUÇÃO E LEITURA

- 2.7. *Santa Teresa Leitora* (século XVIII); madeira policromada. São Paulo: Coleção José Mindlin.
- 2.8. Thomas Ender: *Interior de residência (quarto de dormir) do barão Von Huguel [...] no Rio de Janeiro em 1817*; desenho aquarelado original. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- 2.9. Vieira, padre Antônio. *Obras do grande padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus. T. I: A Pariz chez Spé rue St. Jacques ela Visitation* [manuscrito]. [Frontispício.] São Paulo: Coleção José Mindlin.
- 2.10. *Dom frei Manoel da Ressurreição*, terceiro bispo de São Paulo (século XVIII); óleo sobre tela. São Paulo: Museu de Arte Sacra.

8. A SEDUÇÃO DA LIBERDADE: COTIDIANO E CONTESTAÇÃO POLÍTICA NO FINAL DO SÉCULO XVIII

- 2.11. José Wash Rodrigues: *Esquadrão da cavalaria da guarda dos vice-reis — 1786* (c. 1922) [Museu Histórico Nacional]. In *Uniformes do exército brasileiro: 1730-1889*. Rio de Janeiro: Atelier de Arte, 1968; aquarela. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.
- 2.12. José Wash Rodrigues: *Infantaria e artilharia e 1786* (c. 1922) [Museu Histórico Nacional]. In *Uniformes do exército brasileiro: 1730-1889*. Rio de Janeiro: Atelier de Arte, 1968; aquarela.
- 2.13. James Cook: *Vista do Rio de Janeiro* (c. 1768). In *The Three Voyages of Captain James Cook Round the World*. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1821. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

CONCLUSÃO

- 2.14. Cândido Portinari: *Cbegada da família real portuguesa à Bahia* (1952); óleo sobre madeira, 381 × 580 cm. Salvador: Associação Comercial da Bahia [Banco da Bahia]. In Valladares, Clarival do Prado. *Nordeste Histórico e Monumental*. Salvador: Odebrecht, 1994, v. 4. Direitos autorais do professor João Cândido Portinari.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

IVSON

Capítulo 1: 10, 11; capítulo 2: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 15, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 43; capítulo 3: 5, 10, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 34, 35, 40, 46, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 63, 64, 67, 68; capítulo 4: 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 42, 46, 47, 48; capítulo 5: 9, 11, 16, 17, 24; capítulo 6: 9, 23, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 47; capítulo 7: 9, 11, 12, 25; capítulo 8: 1, 5, 6, 7, 13, 15, 16, 17; caderno-cor: 1, 10/1, 11/2, 1/2, 2/2, 4/2, 5/2, 6/2, 13

LÚCIA LOEB

Capítulo 1: 4, 5, 9, 12, 14; capítulo 2: 9, 11, 12, 13, 14, 17, 28, 30, 32; capítulo 3: 1, 2, 3, 4, 9, 20, 33, 49, 50, 59, 62, 66, 69; capítulo 4: 1, 2, 8, 43, 55, 56; capítulo 5: 4, 5, 6, 7, 15, 18; capítulo 6: 2, 3, 4, 5, 26, 44, 46, 48; capítulo 7: 1, 2, 3, 4, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23; capítulo 8: 8, 14; caderno-cor: 1, 3/1, 8/1, 9/1, 14/2, 7/2, 9

MARCOS ANTONIO DO PRADO VALLADARES

Capítulo 6: 7, 14-17; capítulo 7: 26; caderno-cor: 2/14

PEDRO OSWALDO CRUZ

Capítulo 3: 17, 42; capítulo 8: 101-8

RUI CEZAR DOS SANTOS

Capítulo 3: 15, 18-20, 30; capítulo 4: 38; capítulo 6: 34; caderno-cor: 2/3

RÔMULO FIALDINI

Capítulo 1: 6; capítulo 2: 21, 40, 41, 42; capítulo 3: 36, 37, 38, 39, 41, 44, 45, 47; capítulo 4: 3; capítulo 5: 19, 25; capítulo 6: 6, 12, 24, 30; capítulo 7: 8, 24; capítulo 8: 9, 11, 12, 19; caderno-cor: 1, 1/1, 2/2, 10

VICENTE DE MELLO

Capítulo 1: 7; capítulo 2: 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39; capítulo 3: 60; capítulo 4: 28, 29, 44, 45, 57; capítulo 5: 8, 26; capítulo 6: 10, 11, 19, 45; capítulo 7: 10, 27; capítulo 8: 2, 3, 4, 20; caderno-cor: 2, 6/2, 13

FONTES E BIBLIOGRAFIA DA ICONOGRAFIA

FONTES

Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (SPHAN) Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, n. 1-22, 1937-87.

Catálogos

Colecção Beatriz e Mário Pimenta Camargo. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, jun. 1991.

Exposição de arte sacra. Recife, Exposição de Arte Sacra, 1966.

Imagens do Brasil holandês: 1630-1654. Apres. Joaquim Arruda Falcão Neto. Introd. Beno Suchodolski. Texto Evaldo Cabral de Mello. Rio de Janeiro; São Paulo: Paço Imperial; Fundação Maria Luísa e Oscar Americano, 1987.

MASP. Artistas e artefices do Brasil: séculos XVI a XVIII. São Paulo: MASP, 1977.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Aluizio de. "Casas dos séculos XVIII e XIX em Sorocaba". *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, p. 347.

ALMEIDA, Romulo Barreto. "A Capela de São José do Genipapo". *Revista do SPHAN*, 1938, n. 2, pp. 225-8.

ALVES, Marieta. *Dicionário de artistas e artefices na Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Conselho Estadual de Cultura, 1976.

_____. *Convento do Desterro. Pequeno guia das igrejas da Bahia*. Prefeitura, 1950, n. 5.

_____. *Convento da Lapa, Salvador. Pequeno guia das igrejas da Bahia*. Prefeitura, 1950, n. 13.

_____. *Igreja do Bonfim. Pequeno guia das igrejas da Bahia*. Prefeitura, 1951, n. 10.

_____. *Igreja do Pilar. Pequeno guia das igrejas da Bahia*. Prefeitura, 1951, n. 9.

_____. *Igreja do Santíssimo Sacramento e Sant'Ana. Pequeno guia das igrejas da Bahia*. Prefeitura, 1952, n. 12.

_____. *A Santa Casa de Misericórdia e sua igreja. Pequeno guia das igrejas da Bahia*. Prefeitura, 1952, n. 11.

_____. *Venerável Ordem Terceira de São Domingos. Pequeno guia das igrejas da Bahia*. Prefeitura, 1950, n. 6.

- ALVES, Marieta. *História da Venerável Ordem Terceira da Penitência do Seráfico Padre de São Francisco da Congregação da Bahia*. Bahia: Imprensa Nacional, 1948.
- AMARAL, Aracy. *A hispanidade em São Paulo: da casa rural à capela de Santo Antônio*. São Paulo: Nobel, 1981.
- ANDRADE, Mário de. "A capela de Santo Antônio". *Revista do SPHAN*, 1937, n. 1, p. 119.
- . *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. São Paulo: Martins, 1963. (Obras completas de Mário de Andrade, 16)
- ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. *Artistas coloniais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. (Cadernos de Cultura, 113)
- . "A pintura colonial em Minas Gerais". *Revista do SPHAN*, 1978, n. 18, pp. 11-74.
- ARAÚJO, Emanuel (org). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. Pref. Joel Rufino dos Santos. Textos José Roberto Teixeira Leite et all. São Paulo: Tenenge, 1988.
- ARNAUD, Blanche. *Ex-votos: arte popular del Brasil*. Cultura Hispânica, 1964.
- Arquitetura civil III: mobiliário e alfaias*. São Paulo: FAU-USP, 1975.
- Arte no Brasil*. Apres. Pietro Maria Bardi e Pedro Manuel. São Paulo: Abril Cultural, 1979, vol. 1. *Arte para o céu*. Coord. Paulo Mendes Campos. Belo Horizonte: Comissão Pró-Restauração da Catedral e Órgão da Sé de Mariana, 1985.
- ÁVILA, Affonso, & SANTOS, Cristina Ávila. *Iniciação ao barroco mineiro*. São Paulo: Nobel, 1984.
- . "Uma encenação barroca da morte". As solenes exéquias de dom João V em São João del Rei. *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1971, n. 3, pp. 41-8.
- . "Igrejas e capelas de Sabará". *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1976, n. 8, pp. 21-66.
- . *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Debates, 35)
- AZEVEDO, Aroldo de. *Vilas e cidades do Brasil colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva*. São Paulo: Boletim da FFCL-USP, 1956.
- AZEVEDO, Esterzilda de. *Arquitetura do açúcar*. São Paulo: Nobel, 1990.
- AZEVEDO, Paulo Armindo de. *Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia*. Salvador: Secretaria da Indústria e Comércio, Coordenação de Fomento ao Turismo, 1975. IPAC-BA.
- BAERLE, Gaspar van. *História dos fatos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Trad. e anot. Cláudio Brandão. Pref. e notas Mário G. Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. (Reconquista do Brasil, 15)
- BALDESSARINI, Sandra Ricon. "A 'Casa da Torre de Garcia d'Ávilla': um estudo para um projeto de documentação e pesquisa de arquitetura". Tese de doutorado, 1989.
- BARATA, Mário. *Igreja da Ordem Terceira da Penitência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- BARRETO, Paulo Thendin. "Casas de Câmara e Cadeia". *Revista do SPHAN*, 1947, n. 11, pp. 9-196.
- . "Análise de alguns documentos relativos à Casa de Câmara e Cadeia de Mariana". *Revista do SPHAN*, 1968, n. 16, pp. 219-52.
- . "Uma casa de fazenda em Jurujuba". *Revista do SPHAN*, 1937, n. 1, p. 69.
- . "O Piauí e a sua arquitetura". *Revista do SPHAN*, 1938, n. 2, p. 187.
- BATISTA, Nair. "Pintores do Rio de Janeiro colonial (notas bibliográficas)". *Revista do SPHAN*, 1939, n. 3, pp. 103-21.
- . "Caetano da Costa Coelho e a pintura da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência". *Revista do SPHAN*, 1941, n. 5, pp. 129-54.
- . "Valentim da Fonseca e Silva". *Revista do SPHAN*, 1940, n. 2, pp. 271-2.
- BAYON, Damian. *America Latina e sus artes*. México: Siglo Veintiuno, 1974.
- BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rev. téc. e atual. Mário Barata. Trad. Glória Lúcia Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1956. 2 vols.
- BETTENCOURT, Francisco. *História das Inquirições*. Círculo de Leitores e Autor, 1994.
- BRESSINA, Giovanna Rosso del. "Rio: uma capital nos trópicos e seu modelo europeu". *Revista do SPHAN*, n. 19, p. 149.
- BRONOWSKI, Maria Helena. *O ato de sentar na história do mobiliário brasileiro*. São Paulo: FAU-USP, 1975.
- BURY, John. *Arquitetura e arte no Brasil colonial*. Org. Myriam Ribeiro de Oliveira. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Nobel, 1991.

- CALDERÓN, Valentim. *A pintura jesuítica em Salvador-Bahia, Brasil*. Braga, s. ed., 1974.
- CALMON, Pedro. “Paço Imperial. História e ressurreição de um palácio”. *Revista do SPHAN*, 1984, n. 20, pp. 135-51.
- CARDOSO, Joaquim. “Notas sobre a antiga pintura religiosa em Pernambuco”. *Revista do SPHAN*, 1939, n. 3, pp. 45-62.
- . “Observações em torno da história da cidade do Recife, no período holandês”. *Revista do SPHAN*, 1940, n. 4, pp. 383-406.
- . “Um tipo de casa rural do Distrito Federal e do Estado do Rio de Janeiro”. *Revista do SPHAN*, c. 1943, n. 7, p. 209.
- CARNEIRO, David da Silva. “Colégio dos jesuítas em Paranaguá”. *Revista do SPHAN*, 1940, n. 4, pp. 361-82.
- CASTRO, Márcia de Moura. *Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do ouro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.
- COARACY, Vivaldo. *O Rio de Janeiro no século XVI*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. (Documentos Brasileiros, 39)
- COELHO, Machado. “A Igreja de Santo Alexandre do Belém do Pará”. *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1974, n. 6, pp. 97-8.
- COSTA, Lúcio. “Arquitetura dos jesuítas no Brasil”. *Revista do SPHAN*, 1941, n. 5, pp. 9-100.
- . “Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro”. *Revista do SPHAN*, 1939, n. 3, p. 149.
- COSTA, Tilde. *O móvel no Brasil. Origens, evolução e características*. Rio de Janeiro, 1980.
- CRULS, Gastão. “Decoração das malocas indígenas”. *Revista do SPHAN*, 1941, n. 5, p. 155.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1949.
- DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao estudo da pintura mineira*. Pref. Rodrigo Mello Franco de Andrade. Rio de Janeiro: IPHAN, 1958. (Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 20)
- . *Nova contribuição ao estudo da pintura mineira. Norte de Minas: pinturas de tetos de igrejas*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1978. (Publicações do Instituto Histórico e Artístico Nacional, 29)
- DENIS, Ferdinand. Brésil. & FAMIN, M. C. *Colombie et Guyanes*. Paris, Firmin Didot Frères, Éditeurs, 1846.
- DENIZO, Valentina. *A casa e o mobiliário brasileiros do período colonial*. Ciclo do açúcar e mineração. São Paulo: FAU-USP, 1985.
- DIAS, Hércia. “O mobiliário dos inconfidentes”. *Revista do SPHAN*, 1939, n. 3, p. 163.
- Encontro entre culturas. Oito séculos de missão portuguesa*. Mosteiro de São Vicente de Fora. Conferência Episcopal Portuguesa, 1994.
- ETZEL, Eduardo. *O barroco no Brasil. Psicologia — remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul*. Apres. Mário Guimarães Ferri. São Paulo: Melhoramentos; Edusp, 1974.
- FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Relíquias da terra do ouro*. São Paulo: Lanza, 1946.
- FERNANDES, Aníbal. “A Igreja dos Montes Guararapes”. *Revista do SPHAN*, 1937, n. 1, pp. 113-5.
- FERNANDES, Orlandino. *Museu da Inconfidência de Ouro Preto. Guia dos visitantes*. Ouro Preto: IPHAN, 1964.
- FERRAZ, A. L. Fonseca. “Real Forte do Príncipe da Beira”. *Revista do SPHAN*, 1938, n. 2, p. 101.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica às capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Desenhos originais coligs. professor Edgard de C. Falcão. São Paulo: Brunner, 1970.
- FERRER, Anêmona Xavier de Bastos. “Monumentos construídos pelos portugueses no Brasil”. *Revista do SPHAN*, 1968, n. 15, pp. 231-72.
- FERREZ, Gilberto. *A mui leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: quatro séculos de expansão e evolução*. Rio de Janeiro: Raimundo de Castro Maia et al., 1965. (LR-FAU)
- . “As primeiras telas paisagísticas da cidade”. *Revista do SPHAN*, 1969, n. 17, pp. 219-38.
- . *Raras e preciosas vistas e panoramas do Recife: 1755-1855*. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória Recife — Funarte, 1984.
- . *Aquarelas de Richard Bate*. O Rio de Janeiro de 1808-1848. Rio de Janeiro: Galeria Brasileira, 1965.

- FERREZ, Gilberto. *As cidades do Salvador e Rio de Janeiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963.
- . *Album de dessins anciens des environs de Rio de Janeiro*. São Paulo: FAU-USP.
- FIGUEIREDO FILHO, Godofredo. “Seminário de Belém da Cachoeira”. *Revista do SPHAN*, 1937, n. 1, pp. 101-11.
- . “A torre e o castelo de Garcia d’Avila”. *Revista do SPHAN*, 1939, n. 3, p. 251.
- FLEXOR, Maria Helena O. *Mobiliário brasileiro*. Bahia; São Paulo: Espade, 1978.
- FONSECA, padre Manuel da. *Vida do venerável padre Belchior de Pontes*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1921.
- FRANÇA, Mário Ferreira. “Fortaleza de Villegagnon”. *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, p. 369.
- FREIRE, Mário. “O Convento da Penha”. *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, pp. 199-206.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958, 2 vols.
- . “Casas de residências no Brasil”. *Revista do SPHAN*, 1943, n. 7, p. 99.
- . “Sugestões para o estudo da arte brasileira em relação com a de Portugal e a das colônias”. *Revista do SPHAN*, 1937, n. 1, pp. 41-4.
- FROTA, Lélia Coelho. *Ataíde*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- . *Tiradentes. Retrato de uma cidade*. Campos Gerais: Fundação Rodrigo de Melo Franco de Andrade, 1993.
- GIVRY, Grillot de. *Witchcraft, Magic and Alchemy*. Nova York: Dover Publications.
- GRAVATÁ, Hélio. “Emile Rouéde, a arte mineira e a Velha Matriz de Curral del Rei”. *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, n. 9, 1977, pp. 123-6.
- . & AVILA, Affonso. “Iconografia mineira do período colonial”. *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1985, n. 13, pp. 33-6.
- Guia bens tombados*. Coord. Maria Eliza Carrazzoni. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1980.
- História de Portugal*, vol. 4. Portugal: Editorial Estampa.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Capelas antigas de São Paulo”. *Revista do SPHAN*, n. 5, 1941, pp. 105-20.
- HOUDARD, Sophie. *Les sciences du diable. Quatre discours sur la sorcellerie (XV-XVII siècle)*. Paris: Les Éditions du Arf, 1992.
- JAMES, Davis. “Um pintor inglês no Brasil do Primeiro Reinado”. *Revista do SPHAN*, 1955, n. 12, pp. 151-70.
- . “Rugendas no Brasil. Obras inéditas”. *Revista do SPHAN*, 1956, n. 13, pp. 1784.
- JANSEN, Bonifácio, OSB. “Livro do gasto da sacristia do Mosteiro de São Bento de Olinda — 1756-1802”. *Revista do SPHAN*, n. 12, 1955, pp. 233-385.
- JARDIM, Luis. “A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas”. *Revista do SPHAN*, 1939, n. 3, pp. 63-102.
- . “A pintura do guarda-mor José Soares de Araújo em Diamantina”. *Revista do SPHAN*, 1940, n. 4, pp. 155-77.
- KATINSKY, Júlio. *Arquitetura no Brasil colonial*. São José do Rio Preto: Unesp, 1981.
- . *Arquitetura do açúcar*. São Paulo: s.e., 1977.
- . *Casas bandeiristas: nascimento e reconhecimento da arte em São Paulo*. São Paulo: s.e., 1972.
- . *Um guia para a história da técnica no Brasil Colônia*. São Paulo: FAU-USP, 1976.
- . *Palacete, palmeira, Pindamonhangaba*. São Paulo: SCP, 1979.
- KLINTOVITZ, Jacob. *Trançado brasileiro*. Projeto Cultural Rhodia, S. A., 1985.
- KUBLER, George Alexander, & SORIA, Martin. *Art and Architecture in Spain and Portugal and their American Dominions: 1500 to 1800*. Harmondsworth: Penguin, c. 1959.
- LACAMBE, Lourenço. “A mais velha casa de Corrêas, Petrópolis”. *Revista do SPHAN*, 1938, n. 2, p. 93.
- LAMEGO, Alberto. “O solar do colégio”. *Revista do SPHAN*, 1938, n. 2, pp. 21-41.
- . “Os sete povos das Missões”. *Revista do SPHAN*, 1940, n. 4, pp. 55-81.
- LARSEN, Erik. *Frans Post, interprète du Brésil*. Amsterdam: Colibris, 1962.
- LEAL, Francisco Machado. “São Miguel das Missões. Estudo de estabilização e conservação das ruínas da Igreja”. *Revista do SPHAN*, s.d., n. 19, p. 70.
- LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. *Frans Post: 1612-1680*. Rio de Janeiro; Amsterdam: Kosmos; Al. van Gendt, 1973.

- LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. "Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae". *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, pp. 135-42.
- . "Palácio das Torres". *Revista do SPHAN*, 1946, n. 10, pp. 135-67.
- LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. "Dois engenhos pernambucanos". *Revista do SPHAN*, 1956, n. 13, p. 225.
- LEITE, José Roberto Teixeira. *A pintura no Brasil holandês*. Rio de Janeiro: GDR, 1967.
- LEITE, Serafim, SI. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950, vols. 1-10.
- . *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil: 1549-1760*. Lisboa; Rio de Janeiro: Brotéria; Livros de Portugal, 1953.
- . "Aldeia dos Reis Magos". *Revista do SPHAN*, 1944, n. 8, pp. 189-210.
- . "O Colégio de Santo Alexandre e a Igreja de São Francisco de Xavier de Belém do Grão-Pará". *Revista do SPHAN*, 1942, n. 6, pp. 221-40.
- LEMOS, Carlos. *Cozinhas etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- . *Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, 1992.
- . *A casa colonial paulista*. São Paulo: FAU-USP, 1972.
- LÉVY, Hannah. "A pintura colonial no Rio de Janeiro". *Revista do SPHAN*, 1942, n. 6, pp. 7-79.
- . "O propósito das três teorias sobre o barroco". *Revista do SPHAN*, 1941, n. 5, pp. 259-84.
- . "Modelos europeus na pintura colonial". *Revista do SPHAN*, 1944, n. 8, pp. 766.
- . "Retratos coloniais". *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, pp. 251-90.
- LIMA JÚNIOR, Augusto. "Ligeiras notas sobre a arte religiosa no Brasil". *Revista do SPHAN*, 1938, n. 2, pp. 101-39.
- . "A Congregação do Oratório e suas igrejas em Pernambuco". *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, pp. 331-46.
- MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco mineiro*. Apres. Rodrigo Mello Franco de Andrade. Introd. Francisco Iglesias. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Debates, 11)
- MARINO, João. *Coleção de arte brasileira*. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1983.
- MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1974, 2 vols. (Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27)
- . "Apontamentos para a bibliografia de Antônio Francisco Lisboa". *Revista do SPHAN*, 1939, n. 3, pp. 179-205.
- MAXWELL, Kenneth. *Pombal: Paradox of the Enlightenment*. Cambridge University Press, 1995.
- MELLO, José Antonio Gonçalves de. "Cristóvão Álvares, engenheiro em Pernambuco". *Revista do SPHAN*, 1961, n. 15, p. 9.
- MENEZES, Ivo Porto de. *Mestre Atayde*. Rio de Janeiro: Spala, 1989.
- . "O Palácio dos Governadores de Cachoeira do Campo". *Revista do SPHAN*, 1961, n. 15, pp. 203-30.
- MEZAN, Leila. "Origens, expansão e declínio do uso da rede de dormir no Brasil". *Boletim do Museu da Casa Brasileira*, s.e., s.d.
- Mobiliário brasileiro. *Premissas e realidade*. São Paulo: Catálogo MASP, 1971.
- "Mobiliário nacional. Documentação fotográfica". *Revista do SPHAN*, 1937, n. 1.
- MUMFORD, Lewis. *Arte e técnica*. Trad. Fátima Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- Museu da Casa Brasileira. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- NERET, Gillis. *Erotica universalis*. Colônia: Benedikt Taschen, 1994.
- NEVES, Sônia Aroreia. "A Catedral de Salvador. Um estudo sobre a arquitetura maneirista luso-brasileira". *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1981, n. 1, pp. 17-38.
- NIEMUENDAYÚ, Curt. "A habitação dos Timbira". *Revista do SPHAN*, 1944, n. 8, p. 76.
- OLIVEIRA, Myrian Ribeiro de. "A pintura de perspectiva em Minas colonial". *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979, n. 10, pp. 27-38.
- . "A pintura de perspectiva em Minas colonial. Ciclo rococó". *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1982, n. 12, pp. 171-80.
- . "Mobiliário". *Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, pp. 174-6.

- ORTMANN, frei Adalberto, OFM. *História da antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo: 1676-1783*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1951. (Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 16)
- OTT, Carlos. *A escola bahiana de pintura: 1764-1850*. Ed. Emanuel Araújo. Rio de Janeiro: MWM, 1982.
- . *A Santa Casa de Misericórdia da cidade do Salvador*. Rio de Janeiro: PHAN, 1960. (Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 210)
- OTT, Carlos. “Azulejos do Convento de São Francisco da Bahia”. *Revista do SPHAN*, 1943, n. 7, pp. 7-34.
- . “Noções sobre a procedência da arte de pintura na província da Bahia (Manuscrito da Biblioteca Nacional)”. *Revista do SPHAN*, 1947, n. 11, pp. 197-224.
- . “José Joaquim da Rocha”. *Revista do SPHAN*, 1961, n. 15, pp. 71-108.
- . “O Forte do Mar”. *Revista do SPHAN*, 1956, n. 13, p. 85.
- . “Forte de Santo Antonio da Barra”. *Revista do SPHAN*, 1959, n. 14, p. 135.
- PIANZOLLA, Maurice. *Brésil baroque*. Genebra: Bonvent, 1974.
- PINHO, Marcia Lúcia Rebello. *A cadeira no Brasil*. São Paulo: FAU-USP, s.d.
- PINTO, Estevão. “Muxarabis e balcões”. *Revista do SPHAN*, c. 1943, n. 7, p. 309.
- PIO, Fernando. *Roteiro de arte sacra*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961.
- PONTUAL, Maria de Lourdes. “A sacristia da Catedral da Bahia e a posição da Igreja primitiva”. *Revista do SPHAN*, 1940, n. 4, pp. 193-206.
- Promessa e milagre no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo, Minas Gerais*. Apres. Aloísio Magalhães. Texto Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1981. (Publicações da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 34)
- QUERINO, Manoel. *Artes na Bahia: esforço de uma contribuição histórica*. Bahia, Diário da Bahia, 1913. Xerox.
- . *Artistas baianos: indicações biográficas*. Bahia, A Bahia, 1911.
- RANGEL, Alberto. “O álbum de Highcliffe”. *Revista do SPHAN*, 1942, n. 6, pp. 87-116.
- REIS, Arthur Cesar Ferreira. “Vestígios artísticos da dominação lusitana na Amazônia”. *Revista do SPHAN*, 1941, n. 5, pp. 169-77.
- . “O Palácio Velho de Belém”. *Revista do SPHAN*, 1946, n. 10, pp. 305-12.
- . “Roteiro histórico das fortificações no Amazonas”. *Revista do SPHAN*, 1942, n. 6, p. 119.
- . “Das condições defensivas da capitania do Pará ao findar o século XVIII”. *Revista do SPHAN*, 1943, n. 7.
- . “Guia histórico dos municípios do Pará”. *Revista do SPHAN*, 1947, n. 11, p. 233.
- . “O estado das fortificações de Amazonas na primeira década do século XVIII”. *Revista do SPHAN*, 1956, n. 13, p. 241.
- RIBEIRO LESSA, Clado. *Mobiliário brasileiro dos tempos coloniais*. Estudos Brasileiros, 1939, n. 6.
- ROCHA, d. Mateus Ramalho. *O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro: 1590-1990*. Apres. Lúcio Costa. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1991.
- . et all. *400 anos do Mosteiro de São Bento (Salvador)*. Textos d. Pedro Ramalho Rocha et al. SLP, Odebrechet, 1982.
- RODRIGUES, José Wash. *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*. São Paulo: Edusp, c. 1979.
- . “A casa de moradia no Brasil antigo”. *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, p. 159.
- . *Mobiliário do Brasil antigo*. Rio de Janeiro: Nacional, 1958.
- . *Uniformes do exército brasileiro: 1730-1889*. Rio de Janeiro: Atelier de Arte, 1968.
- SAIA, Luis. “O alpendre nas capelas brasileiras”. *Revista do SPHAN*, 1939, n. 3, pp. 235-49.
- . “Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século”. *Revista do SPHAN*, 1944, n. 8, p. 211.
- SAIA, Luis. *Morada paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Debates, 63)
- SANTOS, Francisco Marques. “José Joaquim Viegas de Menezes, precursor da gravura em Minas Gerais”. *Revista do SPHAN*, 1938, n. 2, pp. 229-39.
- . “O ambiente artístico fluminense à chegada da Missão Francesa em 1816”. *Revista do SPHAN*, 1941, n. 5, pp. 213-40.

- SANTOS, José de Almeida. "O estilo brasileiro de dona Maria ou colonial brasileiro". *Revista do SPHAN*, 1942, n. 6, pp. 321-35.
- . *Mobiliário artístico brasileiro*. São Paulo: Museu Paulista, 1963, 3 vols.
- SANTOS, Noronha. "Vestígios do Fortim Colonial no Engenho Novo". *Revista do SPHAN*, 1947, n. 11, p. 225.
- . "Um litígio entre marceneiros e entalhadores no Rio de Janeiro". *Revista do SPHAN*, 1942, n. 6, p. 295.
- SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues. "Manoel Victor de Jesus, pintor mineiro do ciclo rococó". *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1982, n. 12, pp. 231-41.
- SILVA, Áurea Pereira da. "Notas sobre a influência da gravura flamenga na pintura colonial do Rio de Janeiro". *Barroco*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1978, n. 10, pp. 53-9. Separata.
- SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981. (Coleção Estudos e Documentos, 6)
- SILVA-NIGRA, d. Clemente Maria da. *Construtores e artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950, 3 vols.
- . *Três artistas beneditinos: frei Bernardo de São Bento, frei Domingos da Encarnação, frei Ricardo do Pilar*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1950.
- . *Frei Ricardo do Pilar: o pintor seiscentista do Rio de Janeiro*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950. Separata de Construtores e Artistas.
- . "Sobre as artes plásticas na antiga capitania de São Vicente". *Ensaios paulistas*. São Paulo: Anhambí, 1958.
- . "Temas pastoris na arte tradicional brasileira". *Revista do SPHAN*, 1944, n. 8, pp. 325-61.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos. "Azulejaria no Brasil". *Revista do SPHAN*, 1959, n. 14, pp. 9-18.
- SMITH, Robert Chester. "Alguns desenhos de arquitetura existentes no Arquivo Histórico Colonial Português". *Revista do SPHAN*, 1940, n. 4, pp. 209-49.
- . "Arquitetura civil no período colonial". *Revista do SPHAN*, 1969, n. 17, pp. 27-126.
- . *Urbanismo colonial no Brasil*. SLP, SCP, s.d., pp. 14-22.
- . *Igrejas, casas e móveis. Aspectos de arte colonial brasileira*. MEC; Universidade Federal de Pernambuco; IPHAN, 1979.
- . *A talha em Portugal*. Lisboa: Horizonte, 1962.
- . *Some Views of Colonial Bahia*. Lisboa: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes, 1948, pp. 31-47.
- . *Minas Gerais no desenvolvimento da arquitetura religiosa colonial*. Rio de Janeiro: Boletim do Centro de Estudos Históricos, 1937, pp. 3-19.
- . *The Golden Chapel of Recife*. Nova York; Brasil, 1948, pp. 2-3.
- . *Congonhas do Campo*. Textos Robert C. Smith. Fotografias Marcel Gautherot e Robert C. Smith. Rio de Janeiro: Agir, 1973.
- . *The Development of Baroque Art in Brazil*. Lisboa: Anais do XVI Congresso Internacional da História da Arte, 1949, pp. 97-102.
- . "Alguns desenhos de arquitetura existentes no Arquivo Histórico Colonial português". *Revista do SPHAN*, c. 1940, n. 4, p. 209.
- . *Arquitetura colonial baiana*. Salvador, c. 1951.
- . "Documentos baianos". *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, p. 85.
- STOLS, Eddy. *Flandre et Amérique Latine*. Fonds Mercator, Anvers.
- . "Vassouras. Estudo de construção residencial urbana". *Revista do SPHAN*, 1968, n. 16, p. 9.
- TRINDADE, cônego Raimundo. *São Francisco de Assis de Ouro Preto. Crônica narrada pelos documentos da ordem*. Rio de Janeiro: PHAN, 1951. (Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 17)
- . "A Igreja de São Francisco de Assis de Mariana". *Revista do SPHAN*, 1943, n. 7, pp. 57-76.
- . "A Casa de São Francisco em Mariana". *Revista do SPHAN*, 1944, n. 8, pp. 276-324.
- . "A Casa Capitular de Mariana". *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, pp. 217-46.
- . "A Igreja de São José, em Ouro Preto". *Revista do SPHAN*, 1956, n. 13, pp. 109-214.

- TRINDADE, cônego Raimundo. “Igreja das Mercês de Ouro Preto. Documentos do seu arquivo”. *Revista do SPHAN*, 1959, n. 14, pp. 161-282.
- VALLADARES, Clarival do Prado. *Aspectos da arte religiosa no Brasil. Bahia, Pernambuco, Paraíba*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1981.
- . *Nordeste histórico e monumental*. Pref. d. Clemente Maria da Silva-Nigra. Salvador: Odebrecht, 1981.
- . *Rio barroco: análise iconográfica do barroco e neoclássico remanescentes no Rio de Janeiro*. Apres. Marcos Tamoio. Rio de Janeiro: Bloch, 1978, vol. 1.
- . “O ecumenismo na pintura religiosa brasileira do Setecentos”. *Revista do SPHAN*, 1969, n. 17, pp. 177-201.
- VALLADARES, Clarival do Prado et al. *Nordeste histórico e monumental*. Salvador: Odebrecht, 1994. v. 4.
- . & MELLO FILHO, Luiz Emygdio de. Albert Eckhout. *Pintor de Nassau no Brasil: 1637-1644*. Rio de Janeiro: Livroarte, 1981.
- VASCONCELOS, Salomão. “Um velho solar de Mariana”. *Revista do SPHAN*, 1939, n. 3, pp. 227-34.
- . “Os primeiros aforamentos e os primeiros ranchos de Ouro Preto”. *Revista do SPHAN*, 1941, n. 5, p. 241.
- . “Como nasceu Sabará”. *Revista do SPHAN*, 1945, n. 9, p. 291.
- . “Como nasceu Ouro Preto”. *Revista do SPHAN*, 1947, n. 12, p. 171.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. “Formação urbana do Arraial do Tejuco”. *Revista do SPHAN*, 1959, n. 14, pp. 121-34.
- . *Arquitetura no Brasil, pintura mineira e outros temas*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura, 1959.
- . *Vila Rica. Formação e desenvolvimento de residências*. Rio de Janeiro: MEC, 1956.
- VAUTHIER, Louis. “Casas e residências no Brasil”. *Revista do SPHAN*, 1943, n. 7, p. 128.
- WHITEHEAD, Peter James Palmer, & BOESEMAN, M. *Um retrato do Brasil holandês do século XVII. Animais, plantas e gente, pelos artistas de Johan Maurits de Nassau*. Trad. Edmong Jorge. Apres. José E. Mindlin. Pref. Hans Heetink. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.
- WILLEKE, frei Venâncio, OFM. “Convento de Santo Antônio de Ipojuca”. *Revista do SPHAN*, 1956, n. 13, pp. 255-353.
- . “Livro dos Guardiães do Convento de Santo Antônio da Paraíba”. *Revista do SPHAN*, 1968, n. 16, pp. 253-304.
- ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. Apres. Walther Moreira Salles. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles; Fundação Djalma Guimarães, 1983, vol. 1.

AGRADECIMENTOS

Casa dos Contos — Escola de Administração Fazendária, Ouro Preto
 Casa Setecentista de Mariana, Minas Gerais
 Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana, Minas Gerais
 [Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte] Univ. Federal de Minas Gerais, Mariana
 Museu da Inconfidência, Ouro Preto
 Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro
 Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Rio de Janeiro
 Igreja e Convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro
 Igreja e Convento de Santo Antônio, Rio de Janeiro
 Ministério das Relações Exteriores — Itamaraty, Rio de Janeiro
 Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro
 Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão dos Homens Pardos,
 Salvador
 Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo, Salvador
 Igreja e Convento de Santa Clara do Desterro, Salvador
 Igreja e Convento de São Francisco, Salvador

Igreja e Mosteiro de São Bento, Salvador
Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador
Museu Carlos Costa Pinto, Salvador
Museu de Arte Sacra da Bahia, Salvador
Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia, Salvador
Reitoria da Universidade Federal da Bahia, Salvador
Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo
Fundação Maria Luísa e Oscar Americano, São Paulo
Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo
Museu da Casa Brasileira, São Paulo
Museu de Arte Sacra de São Paulo
Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Adalgisa Arantes Campos (MG)
Aracy Abreu Amaral (SP)
Beatriz e Mário Pimenta Camargo (SP)
Emanuel Araújo (SP)
Fernando Cerqueira Lemos (SP)
Gilberto Ferrez (RJ)
Guita e José Mindlin (SP)
Márcia de Moura Castro (MG)
Maria Hilda Paraíso (BA)
Martha de Senna (RJ)
Mary e João Marino (SP)
Renato Pinto Venâncio (MG)
Rodrigo Nunes Bentes Monteiro (RJ)
Sylvia Maria Menezes de Athayde (BA)
Tito Enrique da Silva Neto (SP)